

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Programa de Pós-Graduação em Antropologia



Dissertação

“Cada doma é um livro”:
A relação entre humanos e cavalos no pampa sul-rio-grandense

Daniel Vaz Lima

Pelotas, 2015

Daniel Vaz Lima

“Cada doma é um livro”:

A relação entre humanos e cavalos no pampa sul-rio-grandense

Trabalho acadêmico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Antropologia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Flávia Maria Silva Rieth

Pelotas, 2015

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

L732c Lima, Daniel Vaz

Cada doma é um livro : a relação entre humanos e cavalos no pampa sul-rio-grandense / Daniel Vaz Lima ; Flávia Maria Silva Rieth, orientadora. — Pelotas, 2015.

146 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2015.

1. Humanos e cavalos. 2. Técnicas de doma. 3. Modo de vida campeiro. 4. Trabalho. I. Rieth, Flávia Maria Silva, orient. II. Título.

CDD : 301

Banca Examinadora:

Prof. Francisco Luiz da Silva Pereira Neto.

Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden.

Orientadora: Prof^a. Dr. Flavia Maria Silva Rieth.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus familiares e amigos de uma maneira geral e, especificamente: aos meus pais, meus irmãos Antônio, Carolini, Valéria e Mônica, ao meu primo e companheiro de discussão filosófica Pedro Otaviano, aos meus cunhados André Nunes e Lazaro, as minhas sobrinhas Helena e Alice e meu novo sobrinho Arthur e, agradeço a minha grande amiga Cristiane Tavares. Sou grato pelo incentivo para iniciar e realizar esta etapa, que ora se conclui assim como para tolerar minha ausência.

Aos meus colegas do INRC: Liza da Silva, Marília Kosby, Pablo Dobke, Marta Rodrigues e Vanessa Duarte, pela amizade, companheirismo e troca de experiências as quais enriqueceram minha pesquisa.

A todos os demais colegas de classe que conviveram e deram, mesmo que indiretamente, contribuição para construção do meu objeto de estudo, especialmente a Bruna Donato e o Eric Barreto.

Aos professores, por sua paciência e perseverança diante das limitações, de cada um, colocando o conhecimento ao alcance de todos.

A minha orientadora Prof.^a Flavia Rieth por compartilhar o seu conhecimento, por sua seriedade e por conduzir-me no desenvolvimento deste trabalho, além da confiança e paciência em mim depositada quando, nos momentos em que me senti inseguro e incapaz. Agradeço de maneira especial a ela, pela habilidade em passar a experiência adquirida, em forma de ensinamento, a este “aprendiz” de antropólogo. Ensinaamentos que carregarei comigo tanto no decorrer de minha trajetória acadêmica e quanto na vida.

Agradeço á Thaise, funcionária da PPGA pela amizade e dedicação.

Agradeço ao IPHAN pela oportunidade de pesquisa em um Inventário Nacional de Referências Culturais e me proporcionando instrumentos teóricos e metodológicos que me tornaram capazes de experienciar o modo de vida dos *campeiros*.

Aos interlocutores do INRC, especialmente para Eliezer Souza, Sérgio, Lucia, Neco, Seu Nelson, Minga Blanco, Dula, Seu João, Seu Wanderlei, Seu Paulo, Seu Neves, Moura, Seu Denílson, Giliard sendo conhecedores e praticantes do ofício da doma e assim considerados os atores principais na construção desse trabalho.

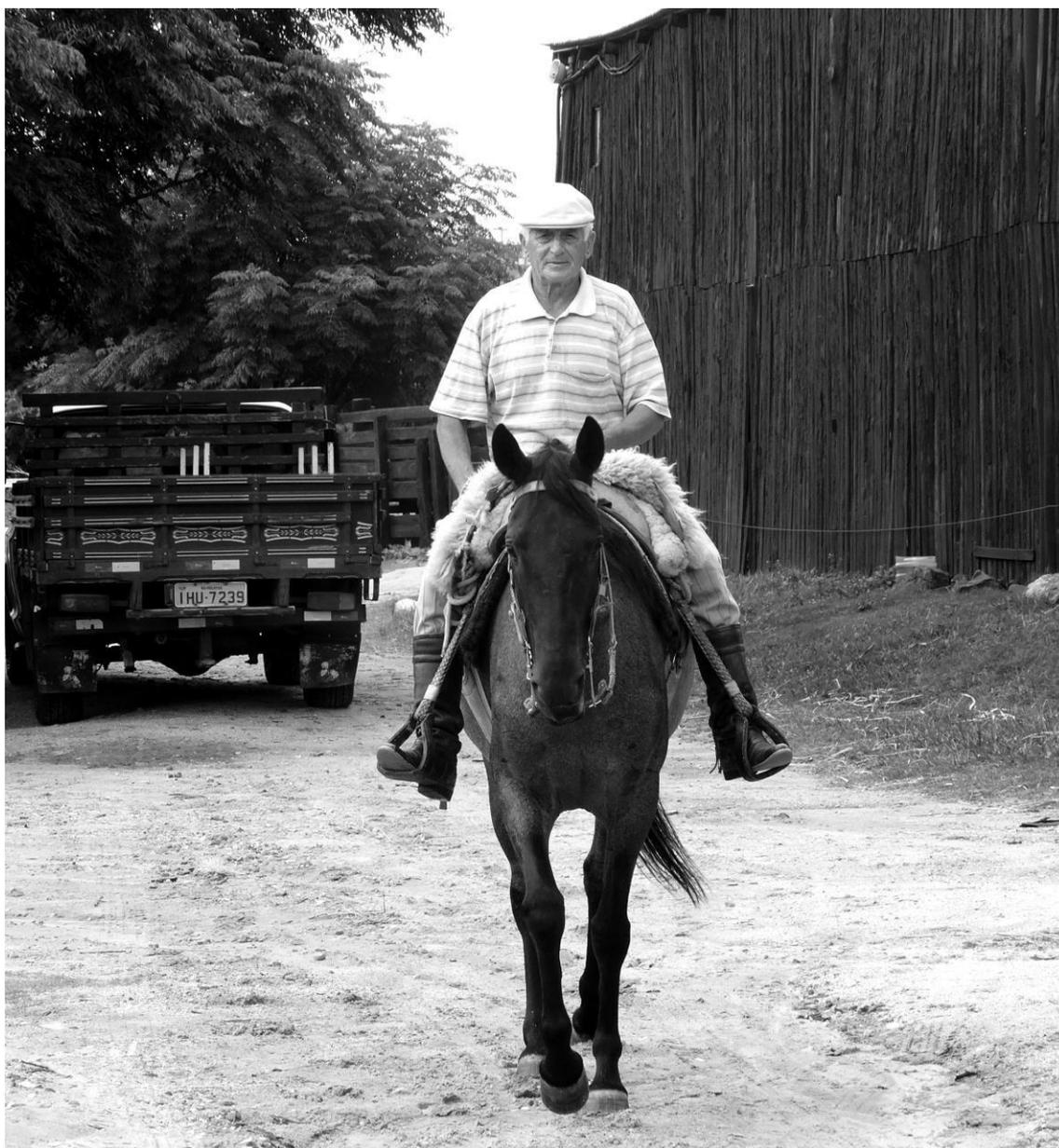
Ao meu cavalo “Tordilho” pelo companheirismo, pelos passeios de domingo, sendo um ator importante nos caminhos que levaram a me interessar pelo tema que desenvolvo nesta pesquisa.

E por fim, a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a conclusão deste curso.

Muito obrigado!

Capa: Seu Nelson, Domador, Bagé/RS.
(Fonte: INRC – Lidas Campeiras).

“Alguma coisa se aprende né e eu estou sempre aprendendo.”
(Seu Nelson, Domador, Bagé/RS).



Seu Marinho – Domador – Pelotas – RS.

Resumo

LIMA, D.V. “**Cada doma é um livro**”: A relação entre humanos e cavalos no pampa sul-rio-grandense. 2015, 146f, Dissertação (Mestrado em Antropologia), ICH, UFPel, Pelotas.

Esta dissertação consiste numa etnografia sobre a relação entre humanos e animais no pampa sul-rio-grandense tendo como referência a interação estabelecida entre os *domadores* e os cavalos na *doma*. Essa relação constrói a própria técnica, as lides pastoris e o modo de vida. O *domador* é o artífice que possui a habilidade das técnicas de ensinar cavalos para atividades relacionadas aos trabalhos que envolvem a pecuária extensiva. É um saber/fazer constituído de diferentes momentos nos quais se acionam a utilização de determinados artefatos, estabelecendo uma interação em que o cavalo aprende formas de comunicação com o humano. Estes conjuntos de técnicas se classificam de acordo com a graduação da violência empreendida para *domar* o cavalo, embora, de acordo com os interlocutores, cada *domador* tem suas escolhas técnicas que são acionadas a partir da relação estabelecida com o cavalo. Para os *domadores*, o “*cavalo é igual ao homem, tem temperamento*”, em que uns são mansos, outros são “*velhacos*”, ou seja, rebeldes e outros são “*baldosos*”, caracterizados como animais traiçoeiros. Além disso, no processo de *doma* são levados em consideração os diferentes graus de assimilação dos ensinamentos de cada cavalo sendo a aprendizagem é um processo contínuo em que precisa estar sempre praticando o animal para este “*não perder a doma*”, ou seja, esquecer o que aprendeu. Por conseguinte, no processo é estabelecido uma interação entre humanos e não humanos em que o *domador* ensina o cavalo, e este, por sua vez, o ensina na habilidade da execução das técnicas, fazendo-o experienciar diferentes maneiras de praticar tal saber/fazer. Assim, o trabalho etnográfico estabelece uma discussão sobre a aprendizagem tanto dos *domadores* quanto dos cavalos que se dá por meio de uma contínua incorporação de habilidades constituídas na experiência e na vivência do habitar o mundo das lidas pastoris e da vida.

Palavras – chave: Humano/cavalo, técnicas de *doma*, modo de vida campeiro, trabalho.

Abstract

LIMA, D.V. "Each *doma* is a book": The relationship between human and horses in Rio Grande do Sul pampa. 2015 146f, Dissertation (Master in Anthropology), ICH, UFPel, Pelotas.

This dissertation consists of an ethnography on the relationship between humans and animals in Rio Grande do Sul pampa having as reference the established interaction between the trainers and the horses in the taming. This relationship builds the technique itself, the pastoral labors, and the way of life. The trainer is the artifice who has the ability of techniques of teaching horses to activities related to jobs involving extensive livestock farming. It is a knowledge / make consists of different moments in which trigger the use of certain artifacts, establishing an interaction where the horse learns ways to communicate with the human. These sets of techniques are classified according to the degree of violence undertaken to tame the horse, although, according to the interlocutors, each handler has its technical choices that are used according to the established relationship with the horse. For trainers, the "*horse is equal to man, has temper*", where some are tame, others are "*velhacos*", i.e., rebels and others are "*baldosos*", characterized as treacherous animals. In addition, the taming process are taken into account the varying degrees of assimilation of the teachings of each horse and learning is an ongoing process that needs to be always practicing the animal for this " not lose doma " , that is, forget We have learned. Consequently, in the process is established an interaction between human and nonhuman where the trainer teaches the horse, and this, in turn, teaches the skill of execution of techniques, making him experience different ways of practicing such knowledge / make. Therefore, the ethnographic work establishes a discussion about learning both as trainers of horses is through a continuing incorporation of skills constituted on experience and experiences of inhabiting the world of pastoral read and of life.

Keywords: human / horse, techniques to tame, *campeiro* way of life, work.

Sumário

CONSIDERAÇÕES INICIAIS	8
I - “Abrindo as porteiras”: A construção do tema de pesquisa a partir da experiência do INRC- Lidas Campeiras	8
II – A “virada animalística” na questão antropológica	11
III – Traçando as trajetórias de humanos e não humanos	16
CAPITULO I – “SE INDO PRO CAMPO”: METODOLOGIA	29
1.1 – “Se quer <i>aprender tem que fazer</i> ”: A experiência etnográfica	29
1.2 – Estranhando o familiar: A antropologia a partir da experiência de viver no meio rural	32
1.3 – “A escrita da luz”: Sobre as narrativas fotográficas	39
1.4 – O artífice antropólogo	42
CAPITULO II: CAMPEIROS, ANIMAIS, ARTEFATOS E O PAMPA	45
2.1 – Sobre a noção de “modo de vida campeiro”	46
2.2 – Caracterização histórica da pecuária no pampa sul-rio-grandense	49
2.3 – “O centauro no jardim”: Humanos e cavalos nos ambientes urbanos	81
CAPITULO III: AS TÉCNICAS DE DOMAR CAVALOS	97
3.1 - Sobre a antropologia da técnica	98
3.2 – O “modo gaúcho” de domar cavalos no pampa	100
3.3 – Os processos de doma	116
3.3.1 - Amanunção	115
3.3.2 – <i>Puxar do queixo</i>	118
3.3.3 – Os <i>Primeiros Galopes</i>	123
3.3.4 – Os Freios e Bridões	125
3.4 - A doma nos diferentes ambientes: Rurais e Urbanos	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS	136
I - O artífice <i>domador</i>	137
REFERENCIAS	139

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

I - “Abrindo as porteiras”: A construção do tema de pesquisa a partir da experiência do INRC- Lidas Campeiras

A presente dissertação consiste numa etnografia sobre a relação entre humanos e animais no pampa sul-rio-grandense tendo como referência a interação estabelecida entre os *domadores* e os cavalos na *doma* destes últimos. O *domador* é o artífice que possui a habilidade das técnicas de ensinar cavalos para atividades relacionadas aos trabalhos que envolvem a pecuária extensiva. Esse saber/fazer é constituído de diferentes momentos nos quais se acionam a utilização de determinados artefatos, estabelecendo uma interação em que o cavalo aprende formas de comunicação com o humano. Por outro lado, o cavalo o ensina na habilidade da execução das técnicas, fazendo-o experienciar diferentes maneiras de praticar tal saber/fazer. A questão central dessa pesquisa consiste em experienciar as possibilidades de interação construídas entre os humanos, os animais não humanos, os artefatos e os ambientes envolvidos nas técnicas de domar cavalos no pampa sul-rio-grandense.

As *porteiras* para este campo se abriram a partir da minha participação no trabalho realizado pelo “Inventário Nacional de Referências culturais – INRC – lidas campeiras (1º Fase) ¹”. O inventário identificou, descreveu e reconheceu a pecuária (criação de bovinos, ovinos e equinos com fins econômicos) e as práticas

¹ Esta pesquisa teve financiamento do IPHAN. A primeira fase compreende os anos de 2010-2013. A equipe de pesquisadores do INRC – Lidas Campeiras na região de Bagé/RS é composta pelos pesquisadores (as): Flávia Maria Silva Rieth (Coordenadora), Marília Floôr Kosby, Liza Bilhalva Martins da Silva, Pablo Dobke, Marta Bonow, Daniel Vaz Lima, Cláudia Turra Magni (Consultora em Antropologia da Imagem), Fernando Camargo (Consultor em História), Erika Collischonn (Consultora em Geografia).

e saberes que a compõe, como referência na constituição da cultura pampiana transformando-a em patrimônio cultural. Inventariar modos de ser, fazer e viver como referência cultural, significa reconhecer o tipo de vida que as pessoas valorizam como condição da sua existência, tornando-as seres sociais capazes de interagir e influenciar o mundo. Por outro lado, o reconhecimento desses modos de fazer como patrimônio cultural por parte do Estado brasileiro revela que a questão do desenvolvimento econômico e social está vinculada a um movimento de reconhecimento da diversidade e pluralidade cultural existente no interior dos distintos Estados Nacionais (LITTLE, 2002, p. 36).

O trabalho do inventário se constituiu a partir de uma demanda da Prefeitura de Bagé/RS ao IPHAN² (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural) acolhida pela UFPel (Universidade Federal de Pelotas), por intermédio do curso de Bacharelado em Antropologia. A pesquisa fez uso da metodologia para o registro de bens imateriais do IPHAN, e propôs levantar dados bibliográficos e etnográficos sobre as relações estabelecidas entre humanos, animais, artefatos e paisagem envolvidos na produção pecuária no Rio Grande do Sul, descrevendo os ofícios e modos de fazer que a compõe. Esta metodologia pressupõe descrever o que as pessoas *fazem*, como *fazem*, com o que *fazem* e onde *fazem* (RIETH et al, 2013) ensinando que, no levantamento e descrição da referência cultural, tem que se levar em consideração os artefatos, os lugares e suas transformações, assim como a alimentação, vestimentas, músicas e os animais. Por meio dessa concepção os pesquisadores do INRC perceberam que o encontro desses diferentes agentes constitui o modo de ser *campeiro* entrelaçando o trabalho com o modo de vida.

O movimento de construção da pesquisa que desenvolvo sobre o ofício da doma iniciou no segundo semestre de 2012, quando iniciei os trabalhos de campo junto ao grupo, que por sua vez, me propôs esse tema de pesquisa. No início de 2013 apresentei algumas considerações na minha monografia de conclusão de curso em bacharelado em Ciências Sociais na UFPel, ao mesmo tempo em que apresentei um projeto de pesquisa ao Programa de Pós-graduação em Antropologia (PPGAnt), da mesma universidade, em que indicava um aprofundamento de

² O IPHAN é um organismo federal que visa a proteção e preservação do patrimônio cultural brasileiro. Entende Patrimônio cultural de caráter Imaterial como as práticas, representações, conhecimentos e técnicas, junto com os artefatos, objetos e lugares envolvidos nestas, que os grupos ou indivíduos recriam de acordo com seu ambiente, natureza e história, gerando um sentimento de identidade e continuidade. (IPHAN, 2013).

questões levantadas a partir do trabalho de campo. Nestas primeiras experiências etnográficas meu olhar se voltou para a relação entre humanos e animais, mais especificamente entre o *campeiro/domador* e o cavalo em que percebi uma simetria entre ambos, no que se refere à perspectiva do trabalho como constituidor do modo de ser *campeiro*. O homem torna-se adulto através da lida - do trabalho -, sendo esta quem o “*doma*”. O cavalo, antes *potro*, não iniciado, torna-se “*sujeito*” no momento em que começa a aprender a trabalhar nos serviços de campo e também quando começa a ser ensinado para se apresentar em provas em que terá que mostrar sua habilidade para o trabalho nas lides pastoris, assim como o *campeiro* que o monta (LIMA, 2013).

Por conseguinte, conforme fui me envolvendo e criando novas relações dentro do trabalho de campo, fui percebendo que a interação entre o *domador* e o cavalo marca o processo de invenção da cultura. (WAGNER, 2010). O *domador* ensina o cavalo, e este, por sua vez, ensina o humano que tem de adotar técnicas para *domá-lo*. A noção de que o cavalo tem um temperamento e uma personalidade individual, elencada nas falas dos interlocutores, foi se tornando uma questão chave da minha pesquisa. Por conseguinte, fui percebendo a presença dos artefatos e dos ambientes como atores que influenciam o modo de fazer se tornando, assim, dimensões a serem consideradas. O desdobramento dessas reflexões, a partir da vivência em campo, entre interlocutores, cavalos e artefatos envolvidos dentro de diferentes ambientes, me levaram a empreender leituras sobre a antropologia da técnica. Os resultados desse empreendimento artesanal (SENNETT, 2013), em que venho “*lonqueando e trançando os tentos*”³, que constroem esse modo de ser e viver, serão apresentados ao longo desse trabalho etnográfico.

O Objetivo geral desta pesquisa consiste em contribuir, por meio do estudo da interação do *domador* com o cavalo no pampa sul-rio-grandense, às discussões acerca das transformações que ocorrem na sociedade contemporânea sobre a relação entre humanos e não humanos. Consequentemente, os objetivos específicos consistem, inicialmente, em aprofundar os estudos realizados pelos pesquisadores do INRC desdobrando uma das discussões que norteiam o inventário que é a descrição da relação entre humanos e

³ Tentos são pequenas tiras de couro de animais vacuns e cavalares as quais são lonqueadas, ou seja, preparadas por meio da limpeza em que se retiram os pelos, ao mesmo tempo, amaciando-as para depois serem tramadas (trançadas) construindo um artefato em couro.

não humanos. Os seguintes objetivos apontam para a descrição a aprendizagem de humanos e animais nas lidas; Etnografar a dinâmica das transformações/atualizações das técnicas da doma através das transformações das relações entre pessoas, animais e artefatos que se entrelaçam no contínuo da vida, discutindo, a partir disso, o trabalho e o modo de vida. Por fim, se objetiva propor uma reflexão sobre a maneira de conhecer de domador e a maneira de conhecer do antropólogo.

II – A “virada animalística” na questão antropológica

A relação entre humanos e não humanos, desde o início dos trabalhos do inventário, foram enfatizados pelos interlocutores como referências que influenciam diretamente a forma de vida que levam. O modo de ser campeiro não pode ser concebido sem levar em consideração os bois, os cavalos e os cachorros. Os não humanos perpassam os assuntos nas conversas e práticas dos interlocutores que vivenciam as atividades que envolvem a pecuária no pampa. Na realidade os animais acompanhavam esses momentos de conversa: O cachorro deitado aos pés dos pesquisadores e interlocutores, as vezes chamavam a atenção pulando e brincando com alguma pessoa, as entrevistas entre os cavalos nos espaços em que se fazem as domas, o caminhar no campo, junto aos interlocutores, entre as ovelhas e vacas mansas que ficam as voltas do domicílio da propriedade. Quando analisados através das relações estabelecidas se percebe que os animais constroem e são construídos como agentes que influenciam esse modo de vida. Frases em que o interlocutor diz: “*se um dia deixar os cavalos vai ser muito difícil para mim*” (Neco, domador que reside em Aceguá/RS em entrevista ao INRC) e frases como: “*Sempre gostei de viver entre os cavalos. Isso aí é uma paixão né, e o cara é quem escolhe*” (Sérgio, domador que reside em Pelotas/RS, em trabalho de campo que realizei no verão de 2013) foram expondo, aos pesquisadores, a relevância da dimensão não humana para a compreensão desse modo de vida.

Embora a relação com essa dimensão do não humano nunca passou despercebido àqueles que construíram suas etnografias em diferentes lugares do pampa (ver LEAL, 1989, HOWES NETO, 2010, SILVA, 2014), como também nos estudos sobre as transformações históricas desse lugar (ver MAESTRI, 2008, por exemplo), a motivação dessa pesquisa se insere no contexto dos diversos debates

atuais que a chamada “virada animalista na antropologia” (SEGATA, 2014) tem sugerido. A antropologia se constituiu tendo como centro das suas reflexões a noção de humano em oposição à de animal em que esta última categoria é considerada uma deficiência de tudo que os humanos consideram ter, como a linguagem, a razão, a consciência moral. Ao mesmo tempo, somos lembrados que também somos animais refletindo a ambiguidade que se tem acerca do que é entendido como atributos do ser humano (INGOLD, 1995).

As fronteiras fluidas entre o animal humano e o animal não humano envolvem o debate antropológico desde sua constituição. Remeto ao dado etnográfico desenvolvido por Evans-Pritchard (2002) depois da vivência, na década de 1930, com o modo de vida dos “Nuer” em que relata a intimidade na relação dos humanos com o gado não havendo “grandes barreiras culturais” entre os homens e os animais. No contexto de discussão que se inseria o autor, este remeteu, embora a já consolidada crítica ao evolucionismo, a relação entre humanos e animais a um “estado de selvageria”. O evolucionismo concebia a sociedade humana dividida em estágios evolutivos de selvageria, barbárie e civilização. Um dos principais autores do evolucionismo foi o norte-americano Lewis Morgan que publicou, em 1877, o livro “A sociedade antiga” onde apresenta uma discussão dos estágios de progresso da sociedade humana. Segundo essa concepção, no momento em que o humano inicia a domesticação dos animais constitui uma transição para o estágio definido como “barbárie” em que se passava de um estado de “selvageria” onde não se diferenciava dos animais e, portanto, não tinha cultura, para um estágio avançado de princípio de “domínio da natureza” por meio da domesticação dos animais (MORGAN, 2005). A civilização, sendo o último estágio evolutivo, consistia no momento da criação do alfabeto fonético e do uso da escrita, o que demonstrava a divisão completa entre natureza e cultura, pois a linguagem, expressa por meio da fala e escrita, é o fato que, para os evolucionistas, diferenciava os humanos dos animais não humanos.

Embora as diversas críticas feitas ao evolucionismo, esta forma de conceber o humano (âmbito da cultura) em oposição ao animal não humano (âmbito da natureza) se constituiu como base do pensamento antropológico. A antropologia (ou etnologia) foi construída como uma disciplina acadêmica sendo o resultado de um processo de reflexão e estudo do homem e sociedade, sendo seu papel, dentro desse processo, o de pensar a questão da diversidade humana (CUCHE,

2002). Sua legitimidade como um campo do pensamento científico se deu pelo fato desta se atribuir como objeto de estudo as sociedades ditas “primitivas”, exteriores às áreas das civilizações europeias e norte-americanas. A distância geográfica era o que possibilitava a separação entre observador e seu “objeto” de estudo, preceito da ciência positiva. As sociedades ditas “primitivas” eram caracterizadas como simples (pouco desenvolvidas em relação a sociedades europeias e norte-americanas), com dimensões restritas, tendo pouco contato com grupos vizinhos e com uma menor especialização das relações sociais (LAPLANTINE, 2003). A presença dessas sociedades mostrava a diversidade humana que tencionava com uma concepção do humano como uma unidade, vindo dos preceitos da filosofia Iluminista onde somente este, considerando que use a razão, é capaz de agir e transformar o mundo que ele mesmo produziu. Por utilizar a razão o humano é único em todos os lugares. Frente a isso, a questão que se colocava naquele contexto consistia em como pensar a diversidade dentro da ideia de “homem” como unidade (CUCHE, 2002). É nesse sentido que o conceito cultura emerge como instrumento da etnologia para pensar o problema colocado. O conceito tem por origem o termo alemão “kultur” que significava cultivo no sentido de uma “progressão pessoal rumo à perfeição espiritual” adquirido através da educação (KUPER, 2002, p. 54). De acordo com Kuper (2002) o termo “kultur” se define na oposição ao termo “civilização”, muito presente no pensamento intelectual francês e que, por sua vez, está associada à noção de progresso da sociedade. Ter cultura significava uma progressão pessoal ao passo que ser civilizado significava herdar um status. “Um francês ou inglês podia ser ‘civilizado’ sem que tivesse realizado coisa alguma, mas para os alemães todo o indivíduo adquiria cultura por meio de um processo de educação e desenvolvimento espiritual.” (KUPER, 2002, p. 54).

As discussões contemporâneas da antropologia questionam as dicotomias constituídas sobre o “rótulo” natureza e cultura. Uma das referências em tais críticas é Bruno Latour (1994) para quem a antropologia, sendo uma criação dos “modernos” para entender os que não eram, interiorizou, nas suas práticas, conceitos e questões, a impossibilidade de uma simetria entre natureza e cultura se limitando somente a estudar a cultura, evitando os objetos da natureza que são, por sua vez, foco de estudo das ciências naturais. Nesse sentido, Latour (1994, p. 102) afirma que a “noção de cultura é um artefato criado por nosso

afastamento da natureza”. O “projeto da modernidade” presumiu a separação completa entre humanos e não humanos desconsiderando esses últimos. A cultura era entendida como a domesticação do humano pelo próprio humano que se dá por meio da aprendizagem de padrões de comportamento (HOEBEL,1996), o qual é aprendido através das manifestações compartilhadas por todos os membros das sociedades. Assim, nessa maneira de olhar, o humano é um ser social tal como os animais, no entanto, estes últimos estão organizados em sociedade, porém não tem cultura, ou seja, não transmitem comportamento pela aprendizagem, mas pelo “instinto”. Para conceituar o termo cultura, as formas biológicas como os instintos, os reflexos inatos deveriam ser desprezados, enfatizando somente aquilo que é transmitido através da linguagem como pode ser observado nessa passagem escrita pelo antropólogo norte-americano Adamson Hoebel:

Até o momento presente o homem é o produto final de todo o processo de evolução orgânica e inorgânica que se desenvolveu na direção de uma crescente complexidade do organismo, inclusive do sistema nervoso. Somente no homem o sistema nervoso atingiu o grau de complexidade e adaptabilidade que permite a criação e conservação da cultura através do raciocínio complexo, da posse de uma memória ampla para a fixação de detalhes e do uso de símbolos verbais: a linguagem. (HOEBEL, 1996, p. 210).

Entretanto, Latour (1994) se refere a um processo contrário ao “projeto da modernidade” que é o fato da “proliferação dos híbridos” (quase-sujeitos, quase-objetos) como um fenômeno no contexto desse projeto cuja manifestação era de que conseguiram separar a natureza da sociedade através do que o autor define como “prática de purificação”. No entanto, o que realmente ocorreu no projeto da modernidade foi a mistura, cada vez maior, de humanos e não humanos gerando combinações. Por isso, a “constituição moderna” nega os híbridos ao mesmo tempo em que permite sua proliferação (LATOURE, 1994, p. 40). Nesse sentido “o mundo moderno jamais existiu” (idem, 1994, p. 44), ou seja, jamais funcionou de acordo com regras de sua constituição separando, ontologicamente, a natureza e sociedade.

Outro autor que questiona a noção da cultura, definida em oposição à de natureza, é Tim Ingold que elabora um olhar crítico a concepção semiótica, surgida em meados dos anos de 1970, que concebe a cultura como uma teia de significados tecidas pelos humanos (GEERTZ, 2008). Nessa concepção, a cultura é

um “manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado”. (GEERTZ, 2008, p. 07). A crítica de Ingold a esse referencial teórico se dá, segundo a leitura desse autor feito por Carlos Alberto Steil e Isabel Cristina de Moura Carvalho (2011), pela razão de que a cultura, concebida como uma “teia de significados”, coloca os humanos como estando suspenso num espaço imaginário que paira sobre o mundo dos objetos e organismos biológicos. Para Ingold o sentido se dá na percepção da ação que é comum a todos os organismos que habitam a atmosfera, ou seja, outras fontes de sentido, para além da cultura, são possíveis. A questão não está em se apropriar do ambiente pela mediação da cultura, incorporando em nossas teias de significados, mas reconhecer as diversas singularidades de perspectivas dos organismos no seu habitar o mundo. (STEIL; CARVALHO, 2011). No artigo “The architect and the bee: Reflections on the work of animals and men” (1983), Ingold propõe uma discussão, a partir da crítica a dicotomia cartesiana entre mente e corpo, que concebia os animais não humanos como autômatos incapazes de agirem a partir do conhecimento adquirido, mas na disposição dos seus órgãos. Assim, partindo da noção de Marx, em que a existência corporal constitui a condição do propósito consciente e intencionalidade em agir humano, Ingold estende essa noção aos animais. A experiência de estar no mundo agindo constrói uma “intenção consciente” sendo as habilidades, tanto dos animais não humanos como dos humanos, incorporadas na prática do treinamento configurando a aprendizagem, embora de maneiras distintas, de formas de saber/fazer.

Conforme indica Jean Segata (2014) a questão emergente nas discussões atuais da antropologia se refere ao lugar que os animais ocupam na composição do social enquanto agentes, sendo o desafio da etnografia identificar quando esses são atores influenciando a relação. Além disso, para Felipe Vander Velden (2011), o tema da sociedade construída também por animais, engendra questões políticas de “revisão nos modos como os humanos se relacionam com os demais seres que habitam o planeta” (ibidem, 2011, p. 131). A extensão dos direitos humanos aos outros animais é um processo, na sociedade contemporânea, que pode ser analisado a partir de percepção de que estes são capazes de sentir, tanto no sentido físico quanto no emocional (MATTOS, 2012). Essa preocupação moral por parte do humano condena os maus tratos aos animais assim como a privação das

liberdades de viverem de acordo com a sua “natureza”. Nesse sentido, as “novas sensibilidades” que emergem com relação aos animais, se inserem no contexto das transformações que passa a sociedade (THOMAS, 1996), incumbindo à antropologia, rever suas práticas, conceitos e questões.

III – Trançando as trajetórias de humanos e não humanos

A entrada no campo se deu junto aos pesquisadores do “INRC – Lidas Campeiras”, que estavam na pesquisa desde o ano de 2010 e tinham consolidado um conjunto de relações com diversos interlocutores. Por meio dessa trajetória de vivências, diversas questões perpassavam as discussões do grupo. Assim, minha iniciação no ofício de “inventar cultura” (WAGNER, 2010), se deu por meio das relações estabelecidas com os pesquisadores da equipe. Essa experiência influencia todas as discussões que desenvolvo nessa dissertação não havendo fronteiras entre minhas reflexões e as do grupo. Os *tentos* se encontram, se tramam, gerando novas combinações. As experiências vividas em campo por cada integrante que, no encontro com o “outro”, os percebiam a partir da própria existência, ou seja, por meio da experiência de mundo e também da trajetória acadêmica, uma vez que eram compartilhadas, criavam e ensinavam novos olhares e novas questões.

O INRC levantou inúmeras atividades que compõem as *lidas campeiras* que se constitui como um emaranhado de ofícios “executados na manutenção das estâncias e demais propriedades rurais voltadas para a atividade econômica de criação, manutenção e reprodução de rebanhos de gado bovino, equino e ovino.” (RIETH, RODRIGUES e SILVA, 2014, p. 01). Esses ofícios são: *esquila* (atividade de tosa de ovinos), *doma*, *tropeirismo*, *lida caseira* (manutenção doméstica e cotidiana da propriedade rural), *pastoreio* (lida com rebanhos), *feitura de aramados*, *ofício do guasqueiro* (fazedor de artefatos e utensílios em couro). Essas atividades são praticadas por um único (e múltiplo) agente, o “campeiro”, que conhece o exercício de cada um desses ofícios. (RIETH et al, 2013).

Por conseguinte, a equipe levantou o sítio do inventário tendo com referência à circulação, dentro de um processo histórico, de humanos e não humanos. A denominação do sítio é “Região de Bagé”, considerando a emancipação dos Municípios de Aceguá, Hulha Negra, e entorno composto pela cidade de Herval,

Piratiní, Arroio Grande e Pelotas. A integração destas localidades, historicamente, deu-se através das *tropeadas* que consistia no transporte, a cavalo, de rebanhos (bovinos e ovinos) de uma localidade a outra constituindo o chamado “caminho das tropas”. As tropas de animais vacuns eram conduzidas de uma propriedade rural para outra e também das propriedades para as *charqueadas* que eram estabelecimentos que abatiam o gado para fabricar carne seca e salgada, chamado *charque*. A partir do século XX algumas charqueadas tornaram-se frigoríficos de abate de bovinos e ovinos. Nessa circulação de pessoas e animais que se formaram estradas, vilas:

Junto à formação das tropeadas tem-se o aparecimento dos caminhos, estradas e locais de paragens, que são marcados, até hoje, por mangueiras, ou resquícios de mangueiras e cercas de pedras. Outras construções como cercas de madeira, valas de terra e mangueiras de árvores eram utilizados para o local de descanso dos rebanhos durante as tropeadas, mas por serem feitas de materiais perecíveis, não resistiram à ação do tempo. (RIETH, RODRIGUES e SILVA, 2014, p. 09).

A área geográfica o pampa ocupa 700 mil Km² se estendendo entre os países do Brasil, Uruguai e Argentina. No Brasil, a distribuição das terras do pampa se dá na metade sul do Rio Grande do Sul ocupando cerca de 63% do território. Conhecido também como campos sulinos caracteriza-se pela predominância de vastas áreas de vegetação baixa (os campos) permeado por banhados, matas ciliares e capões de mata (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2014). Para Paulo Afonso Zarth e Marcos Gerhart (2009, p. 250) no Rio Grande do Sul o pampa é formado por quatro conjuntos principais de “fitofisionomias campestres” naturais que são o planalto da campanha, a depressão central, planalto sul-rio-grandense e a planície costeira cujas características se diferem de acordo com as “composições de solo e de cobertura vegetal, predominando a vegetação herbácea e arbustiva e um relevo aplainado e suavemente ondulado”. Por essa paisagem campestre o pampa é conhecido pela sua “vocaçãõ” para a atividade pecuária. A criação de bovinos, equinos e ovinos contribui para a preservação da biodiversidade do pampa no sentido de que o pastejo desses animais mantém o ciclo da vegetação nativa. (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE, 2014).

No entanto, apreendo o pampa, a partir da metodologia arquitetada pelos pesquisadores do “INRC – Lidas Campeiras”, em que, para além das delimitações geográficas, biológicas e políticas, o concebe por meio das relações que se

estabelecem entre agentes humanos, não humanos e os saberes/fazerem que constroem o “modo de vida *campeiro*” (RIETH et al 2013). Ou seja, o pampa é, no sentido dado por Ondina Fachel Leal (1997), uma “área cultural” que não coincide com os limites políticos e geográficos, mas se constitui através da circulação dos humanos, dos animais, dos artefatos e desses saberes/fazerem que compõem as lidas. (LEAL 1997; RIETH et al 2013). A integração desses elementos é percebida por meio da noção de “malha” de Tim Ingold (2012) que significa o entrelaçamento das trajetórias de animais humanos, animais não humanos e artefatos que se encontram, se tramam criando diferentes combinações. Nos momentos em que me juntava aos interlocutores, que se encontravam para tomar o chimarrão, a conversa girava em torno de estórias de cavalos (e também humanos) que passaram pelas suas vidas, nas quais as trajetórias se cruzaram e deixaram marcas no corpo daqueles que *domam*, assim como deixaram marcas nos seus sentimentos com lembranças boas e más. Quando, junto ao grupo, estava alguém que vivenciara um tempo junto ao lugar e que, por conseguinte, seguira seu caminho, a conversa tinha como centralidade as estórias novas de si e do seu cavalo, tais como, por onde andam e o que fazem. Quando o cavalo é vendido para outra pessoa, o proprietário anterior se mantém informado sobre a trajetória que seu ex-cavalo segue construindo.

Assim, pessoas diversas, de diferentes lugares e percorrendo diferentes caminhos têm a sociabilidade construída por meio e com os equinos que também vem de diversos lugares e são diversos. No mesmo sentido se considera os artefatos que atuam no mundo, não sendo somente percebidos, através do que representam para as coletividades, mas também no sentido de que organizam e constituem a vida social. Em consequência, ao mesmo tempo em que as pessoas fabricam os objetos, estes constroem as pessoas. Os artefatos de doma são confeccionados, na maioria dos casos, pelos próprios domadores que se dedicam, nos momentos “*de folga do trabalho*” para construírem seus trançados. A partir da relação estabelecida com o artefato em sua feitura, o domador tem a confiança de que este não vai “*rebentar*”, se partir, nos momentos da doma em que serão acionados: “*Às vezes tinha um bagual [cavalo em processo de doma] meio safado e eu laçava, meu laço [que o domador faz] sempre foi forte. Botava o laço no pescoço e atava num palanque e deixava que ele ficasse puxando.*” (Seu Nelson, domador que reside em Bagé/RS, entrevista que participei junto a equipe do INRC). Assim,

são caminhos, de humanos e não humanos, que se cruzam e se entrelaçam transformando o ser e as suas trajetórias (INGOLD, 2012).

Junto à equipe de pesquisadores do INRC iniciei, na segunda metade do ano de 2012, os trabalhos de campo emaranhando minha trajetória junto a malha constituída pelos interlocutores e pesquisadores. A primeira vivencia de campo se deu em julho de 2012 quando visitamos uma hospedaria e centro de treinamento para cavalos que estava localizada na cidade de Pelotas. Sérgio e Lucia eram os proprietários desta hospedaria residindo, no local, com dois filhos. Sérgio era domador e ensinava os cavalos, tanto para participar de provas de equitação como para as atividades no pastoreio. Lucia, que é veterinária, junto com os afazeres da casa, era responsável pela parte clinica dos cavalos. Na segunda visita, sendo a primeira que realizei não estando acompanhado pela equipe, aconteceu em fevereiro de 2013 quando o casal residia em outro local. Enquanto conversava com a Lucia o Sérgio seguia trabalhando os exercícios de doma dos cavalos. Lucia “me iniciou” nas questões que envolvem a doma de cavalos no que se refere as técnicas e seus princípios. Enquanto nós observávamos o domador praticando, ela ia me explicando o que Sérgio estava trabalhando no cavalo ao mesmo tempo em que compartilhava os assuntos que envolvem os domadores. Nesses primeiros momentos em campo comecei a perceber que humanos e cavalos circulam por diversos lugares sendo a hospedaria um desses locais.

***Lucia:** Esse cavalo que estão dando banho ali não faz muito que chegou. Foi um pouco antes de ti que ele chegou. Aquele ali ele [o Sérgio] enfrenou⁴ já. Aquele pretinho ali já está saindo com o freio. Já está mais adiantado. Agora esses dias a gente deixou um tempo aqui mascando como a gente diz né, com o freio na boca parado. Eu não sei quantos galopes⁵ ele já deu, mas está saindo com o freio já. Chama-se "enfrenando" ele.*

***Daniel:** Enfrenando?*

***Lucia:** É. Esse é o segundo galope [cavalo que Sérgio encilha dentro da cocheira]. Esse aqui foi marcado como cavalo crioulo⁶. Eles passam por essa seleção lá, para ver assim as medidas, se está dentro das*

⁴ Iniciar a etapa da doma em que o domador começa a ensinar o cavalo a responder ao freio.

⁵ Se refere ao processo de iniciação na montaria.

⁶ Raça de cavalo.

medidas do cavalo crioulo né. Aí ele, entrou nessas medidas e foi marcado, quando? [pergunta para Sérgio] sexta? Não, quinta? Não, sexta ou sábado?

Sérgio: *Sexta de manhã.*

Lucia: *Sexta de manhã ele foi marcado em Herval [município localizado no sudeste do Rio Grande do Sul], aí ele foi marcado como cavalo crioulo, foi botado a marca nele. Na sexta a tarde, ele já concorreu [numa prova de equitação] nas categorias dentro do cavalo crioulo e aí ele ganhou um troféu. Ele foi o melhor.*

Daniel: *Ganhou?*

Lucia: *Sim, agora o proprietário e o Sérgio optaram então para participar de outra prova porque ele é bem mansinho, ele é bom de domar.*

Daniel: *Ele já foi amanunciado⁷? Desde cedo assim?*

Lucia: *Não, ele foi amansado assim de baixo como a gente diz né, amanunciado de baixo. Então, assim, ele já estava acostumado com o Sérgio e tudo né. Agora vão amansar de cima⁸ e ontem foi a primeira encilhada, hoje é a segunda. Mais tarde, não sei que horário, vem o sobrinho do Sérgio, em que vão montar numa égua que é mais chata assim né. O Sérgio vai amadrinhar⁹ ele, porque é meio rebelde.*

Com a Lucia também me foi apresentado à questão que envolve as diferentes técnicas de doma classificadas de acordo com a graduação da violência utilizada para domar o cavalo. Já indicava que nessa questão estava envolvida a relação estabelecida entre o domador e o cavalo:

Daniel: *O pessoal da doma racional diz que a doma gaúcha é muito violenta, né.*

Lucia: *Depende, às vezes é o cavalo que faz com que fique mais violenta. Se este é um cavalo muito bravo, não se deixa manejar muito né. Às vezes eu tenho pena dos cavalos assim né. Mas não me meto muito porque é o estilo do Sérgio né. Aí eu viro as costas...*

⁷ Processo de acostumar o cavalo com os humanos e os artefatos, colocados na cabeça e patas, antes do momento de colocar os artefatos de montaria.

⁸ Acostumar o cavalo com os artefatos de montaria.

⁹ Acompanhar, montado noutro cavalo já experiente, os primeiros momentos que tal égua iria ser iniciada na montaria.

Daniel: *Esses cavalos são mais violentos.*

Lucia: *É, e as vezes quando se "enqueixam", por exemplo, o cavalo se "enqueixa" como eles falam, o cavalo queixo duro: O domador quer governar o cavalo e o cavalo não vai para os lados. Quando acontece isso, o Sérgio prende uma rédea aqui, nos arreios aqui, e começa a dar no cavalo, e o bicho fica assim dando voltas assim, esses tipos de coisas. As vezes o cavalo cai e aí levantam no relho, essas coisas assim, não é muito bonito de se ver.*

As discussões que apresento nessa etnografia iniciaram nessas conversas que a equipe e eu realizamos com Lucia que nos explicava os processos de doma e as atividades realizadas por Sérgio. Quando entrei em contato com Lucia, para seguir as visitas à hospedaria, estes já não residiam no lugar da última visita. No lugar que estavam residindo não era possível ter cavalos e o Sérgio praticava o ofício nas propriedades em que estavam os *potros*¹⁰ a serem domados. Assim, segui o caminho da pesquisa encontrando outros domadores que me permitiam vivenciar as práticas e técnicas que acionavam para domarem cavalos.

Foi também no mês de julho de 2012 que a equipe entrevistou o Seu Nelson¹¹, domador que reside num bairro chamado Ivo Ferronato localizado na cidade de Bagé. Seu Nelson vivia de *estância* em *estância* domando *tropilhas*¹² de cavalos e diz que nunca foi empregado, nunca “*dependeu de patrão*” e, quando “*dava vontade de trocar de estância*¹³”, ia embora. Diferente de Sérgio, “*domava solto*”, ou seja, domava sem local fixo levando por diante vários cavalos.

Seu Nelson ainda praticava o ofício, embora em menor quantidade. Com o domador também foi enfatizada a noção de reciprocidade entre o domador e o cavalo em que a violência do domador é resposta de uma ação negativa do cavalo. Ao mesmo tempo em que a violência do cavalo é resposta a violência, sem justificativa, do domador:

Tchê, esse cavalo era louco, louco! Mas o animal com carinho se amansa! Eu não judio de animal, eu só trato o animal com carinho. Eu era

¹⁰ Denomina-se assim os cavalos não iniciados na doma.

¹¹ Seu Nelson estava com 67 anos de idade.

¹² Grupos de cavalos que seguem a égua mais experiente que tem pendurado ao pescoço um pequeno sino cujo som orienta os demais.

¹³ Propriedade rural que pratica atividades que envolvem a pecuária.

de dar uma tunda¹⁴ num animal, quando eu não podia com ele, e me abraçar nele e dizer chorando: “Não me faz mais isso rapaz, senão vou te rebentar a pau!” Chegava a chorar abraçado no pescoço do animal e no outro dia este estava me seguindo... Os animais agarram medo desses caras que judiam [sem razão], já vem a pau pela cabeça dos animais né! O animal fica com raiva também. Agarra medo e agarra raiva! Tu sabe que eu estava enfrenando um lote assim e redomoneando¹⁵ outro lote e não podia ter junto e tinha que ter uma mangueira para os de freio. E eles passavam por mim passando a cabeça me cheirando. Eu abraçava um, abraçava outro...

A circulação pelo pampa de humanos e cavalos é enfatizada nessa passagem em que o domador narra suas “*andanças*”. A vida de andarilho, nômade, caminhando, junto com os cavalos, por diversos caminhos no pampa é destacada pelo domador como construtor do seu modo de viver:

Seu Nelson: *Eu era assim: às vezes me dava vontade de trocar de estância, assim eu domava muito em estâncias. Eu tive um companheiro, depois de meu filho, o outro companheiro que eu tive, muito bom, foi o Claudio Fagundes. O Claudio foi companheiro!*

-“Vamos viajar?”(ele me perguntava)

- “Vamos” (eu respondia)

- “Pra onde nós vai”?

- “Pra onde os cavalos, quando sair-mos da porteira, pegar [se dirigirem] é para onde nós vamos, tem estância pra tudo quanto é lado pra ir né!” Mas muito trabalho passei na estrada! Ali em Dom Pedrito [município localizado no sudoeste do Estado] eu ia com uma tropilha por diante, encilhei uma égua gateada¹⁶ [que estava domando] para o Carlos Antônio Maciel. Nós [ele e os cavalos] íamos entrar por cima, no corredor velho de Dom Pedrito (...). Entrava ali e fazia um atalho.

Quase de noitezinha, na entrada do sol, eu inventei de trocar de cavalo e

¹⁴ Bater, violentar com rebenque, o mesmo que o dado pela expressão “*rebentar a pau*”.

¹⁵ Momento em que se pratica os *primeiros galopes* no potro, ou seja, iniciação na montaria.

¹⁶ Pelagem do cavalo, que se aproxima do amarelo desmaiado, puxando um pouco a avermelhado. Os animais com essa pelagem apresentam uma faixa escura que se estende pelo fio do lombo até a raiz da cauda. (NUNES et al, 1996, p. 209).

a minha égua vinha só tossindo. Eu encilhei uma gateada. Aí chegou um senhor eu estava com os cavalos na forma¹⁷:

- “Viajando?” [o senhor disse]
- “É, viajando...”
- “De onde o senhor é?”
- “Sou de Bagé”.
- “Onde o senhor vai?”
- “Vou no Carlos Antônio Maciel...”
- “Não quer pousar lá em casa? É ali perto (...)
- “Não, muito obrigado! (...)

E saí assim. Tempos depois a égua se enredou num cachorro e se começou a corcovear! E caiu... e caiu. Eu já larguei dos arreios, só senti o barulho dos cincerros¹⁸, e como já estava escuro, dos cavalos fugindo. Eu disse: “Bueno, fiquei de a pé! ” Cruzei num lugar e tinha uma valetinha e decidi me deitar aqui nessa valeta mesmo né! Tirei o tirador¹⁹ e me tapei com o ele e esfriou rapaz! Passei uma friagem aquela noite! E os cavalos nem notícia! Aí tinha um corredor que entrava para os Maciel e era fechado, caminhei toda a manhã e nenhuma carona... toda a manhã! E como eu ia de tirador, de espora, segui estrada a fora com o rebenque na mão. Aí cheguei e atalhei um campo a direita da porteira e procurei meus cavalos, mas olhei assim e vi eles num campo! “Bah! Me roubaram tudo! Aí sim, baixei a cabeça e me ia embora. Mas não agüentei, quando foi uns 30 minutos eu olhei, “mas foi gente boa que tirou! ” Sabe quem era? Era uma prima do (...) que morava nessa casa. Aí eu dei volta, peguei uma petiça²⁰ que eu estava domando e botei o fe²¹ do rebenque na boca [da petiça], (uma canseira!) e saltei e segui com os outros naquele corredorzinho pra trás. Aí quando vinha para sair na porteira surgiu um homem e me abriu

¹⁷ Estar com os cavalos *na forma* significa estar com os cavalos organizados, por meio de uma corda, que é atada num moirão do aramado e espichada. Os cavalos são ensinados a encostarem o peito na corda ficando em fileira.

¹⁸ “Campainha grande que se pendura ao pescoço da égua-madrinha, a cujo som os outros animais se habituam mantendo-se sempre reunidos”. (NUNES et al, 1996, p. 120).

¹⁹ Artefato confeccionado em couro que o domador utiliza atado a cintura e protege as bombachas (calças largas e compridas presas, por botões, acima do calcanhar).

²⁰ Uma das denominações usadas para se referir aos cavalos que estão sendo iniciados na doma.

²¹ Argola feita de couro presa ao rebenque em se passa a mão por dentro para segurar o mesmo.

esta, eu disse: “Ah, mas é ali que estão minhas coisas!” Peguei e disse àquele senhor: “Eu ia botar no rádio (ia ser 11hs da manhã). Agora ao meio dia eu ia a Dom Pedrito botar no rádio, caso não aparecesse, ver o que tinha acontecido. Lhe agradeço!” O senhor disse: “Os cavalos são muito bem ensinados, tirei as cordas deles tudo. Trouxe pro piquetezinho e larguei. Eu vi o senhor cruzar aqui (...)”. “Bah, lhe agradeço!” (...) Mas eles me trataram bem assim, por isso que eu digo, nunca achei ninguém ruim. Aí eu digo: “Agora vou me deitar debaixo de um cinamomo [Melia Azerach]...” O senhor disse: “Não, não, tem um quarto aqui”. Larguei e me deitei (que canseira) acordei de noite rapaz! (risos) E não fui embora, tive que pousar na casa do homem.

Em fevereiro de 2013 a equipe de pesquisadores do INRC visitou a *Estância Minuano*, localizada no Aceguá. É administrada por Minga Blanco que também é domador e campeiro. Nesta primeira experiência numa propriedade rural voltada para a criação, com fins econômicos, de gado bovino e ovino pude experienciar o modo de vida dos *campeiros*. Segundo Minga Blanco o *peão campeiro* é quem, a cavalo, vivencia o trabalho no campo e “*gosta de lidar com os animais*”. Nas visitas a estância experienciei as lidas com gado bovino assim como conheci algumas noções da doma de cavalos para o trabalho nas lides pastoris. Numa dessas visitas conversei com o Wilson que é um dos peões que vendem a força de trabalho na estância. Este reside com sua família na vila do Aceguá, localizada na fronteira com o Uruguai. O peão começou a trabalhar nas lides pastoris com 13 anos. Durante a semana trabalha como campeiro “*lidando com o gado*” e nos finais de semana disse que vai a cavalo para casa visitar a família.

Entretanto, foram mais constantes as visitas as hospedarias na cidade de Pelotas que, por serem locais próximos ao apartamento em que resido, facilitavam o deslocamento. Ao longo desta pesquisa frequentei três cabanhas ou hospedarias sendo todas localizadas na cidade de Pelotas. A hospedaria é um espaço de hospedagem para cavalos sendo considerada uma *cabanha* quando o estabelecimento é, também, especializado na criação e desenvolvimento da genética de uma determinada raça ou linhagem. Além do serviço de hospedagem de cavalos esses espaços praticam o serviço de doma para fins de lazer, trabalho e competições.

A partir de novembro de 2013 comecei a vivenciar e construir relações com as pessoas e os cavalos que frequentam a “*cabanha bons Amigos*” que está localizada na cidade de Pelotas/RS, bastante próxima da área central, ficando a dez minutos do local do apartamento que resido. Inicialmente, minha intenção fora etnografar os trabalhos de doma feitos no recinto, entretanto, fui aprendendo com as pessoas que frequentam o local que para conhecer as técnicas desse ofício era preciso me afetar pelas relações e suas redes construídas pelos agentes, humanos e não humanos. A cabanha foi indicada por um colega da faculdade de Ciências Sociais que também tinha curiosidade pela “cultura gaúcha”, e ao tratar do tema na aula de um curso pré-vestibular, alguns alunos se referiram que hospedavam seus cavalos nesta. Após a indicação, procurei na internet algo sobre o local e encontrei o então site da cabanha, na qual me chamou a atenção a seguinte descrição: “*A cabanha iniciou sua história em outubro de 2004, o Sr. José Vanderlei Ayres de Souza, proprietário da mesma, nesse período passava por um momento difícil em sua vida e encontrou nos cavalos estímulo para continuar dando início a Cabanha Bons Amigos, atuando diretamente no ramo de Cavalos Crioulos*”. Por conseguinte, no decorrer da vivência neste local fui envolvido por este passando a frequentá-lo quase que diariamente. Nos finais de tarde de alguns dias da semana, ia ao local sem levar caderno de campo, máquina fotográfica e gravador. Estava afetado pelo lugar o qual se tornou aconchegante, pois ali era o local privilegiado em que podia vivenciar o ambiente do campo ajudando na lida com os cavalos, quando eram conduzidos para os locais em que passavam a noite, além de ser um espaço privilegiado para conversar e escutar as conversas sobre estes.

Em 2014 visitei a cabanha sinaleiro cujo proprietário é o Dula que é domador e treinador de cavalos para as competições da ABCCC (Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Crioulo). Com o domador aprendi as diversas técnicas de domar e treinar os cavalos para se apresentarem nas provas realizadas pela instituição. Observei uma competição, intitulada “*prova de 21 dias*”, realizada no final do ano de 2014 no centro de eventos da Associação Rural localizada em Pelotas na qual o domador competiu. Neste dia fiz um ensaio fotográfico que será apresentado no final do capítulo III.

Por fim, as discussões empreendidas nesta etnografia partem da experiência pessoal de viver no meio rural, no município de Morro Redondo, localizado na Serra dos Tapes, que se emancipou do município de Pelotas na

década de 1980. O território do município, em sua parte sul, na divisa com os municípios de Cerrito e Capão do Leão, cruza a BR 293 que é uma estrada de asfalto construída a partir da rota das tropas de gado que eram conduzidas em direção as charqueadas. A convivência com pequenos criadores de gado, acompanhando e auxiliando nas lidas, contribuíram para as descrições das práticas e saberes que desenvolvo ao longo da etnografia. Ao experienciar a pratica de determinada técnica, tinha algumas noções sobre sua realização. Nesse encontro, entre a maneira como eu a conhecia e a maneira como era praticada, aprendia as novas possibilidades de praticar tal saber/fazer. O fato de estar pesquisando essas atividades direcionou o meu olhar e, por exemplo, ao estar dentro de uma *mangueira*²² junto aos bois *xucros*²³ ou “de a cavalo” *atropelando*²⁴ novilho²⁵, vivenciava as próprias questões que norteavam minha dissertação. Quando chegava em casa redigia, no diário de campo as minhas percepções.

Também, realizei a pesquisa nas conversas com domadores e campeiros, e foi em uma conversa com um domador e criador de gado bovino que compreendi o que significava quando afirmavam que devemos aprender com o cavalo já experiente para poder ensinar os animais, ou seja, domá-los. Em conversa com seu Paulo²⁶ numa tarde quente de dezembro do ano de 2013, este, enquanto olhava meu cavalo, me dizia sobre a necessidade, caso eu quisesse aprender a *domar*, de eu ter um cavalo que conhecesse as lides pastoris. O que o domador buscava dizer é que para poder ensinar um cavalo a trabalhar, teria de conhecer e experienciar o pastoreio e essa aprendizagem deveria ser com um cavalo que já conhecesse os trabalhos no campo.

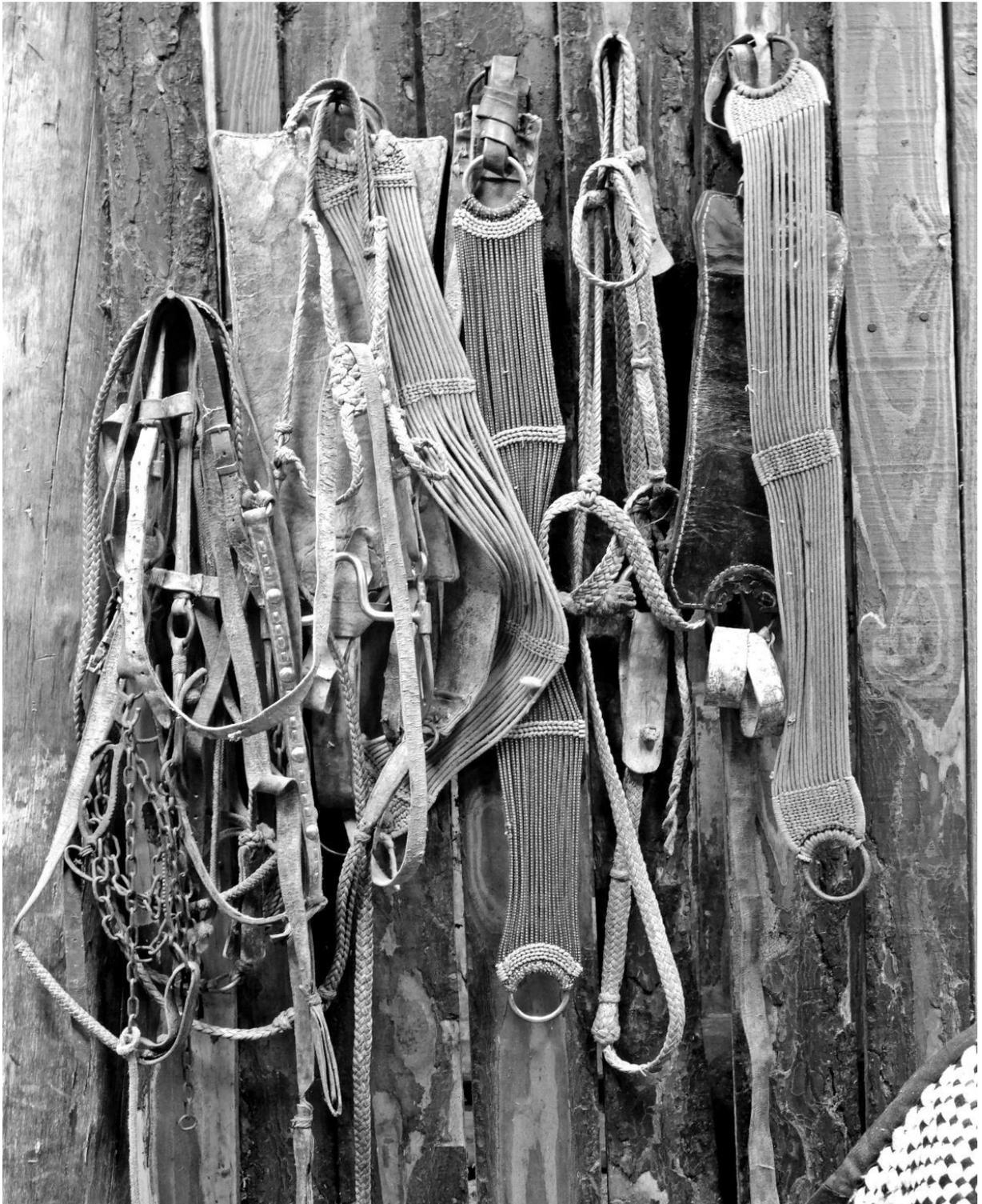
²² Curral para prender os animais.

²³ Animais com pouco contato com o humano.

²⁴ Refere-se a prática de conduzir o cavalo em direção a um animal fazendo-o se direcionar para uma direção.

²⁵ Animal vacum jovem.

²⁶ Domador e proprietário rural no município de Morro Redondo.



Os capítulos e as discussões que desenvolverei a seguir são considerações construídas a partir dessa experiência em trabalho de campo assim como a partir da minha vivência no campo.

No capítulo I apresento a metodologia adotada para conhecer o outro

considerando a forma como conheço, enquanto etnógrafo, a partir da comparação com a forma como os “outros”, os *domadores* conhecem. Ao final deste capítulo elaboro uma reflexão sobre o modo de conhecer do etnógrafo sendo uma introdução a descrição etnográfica elaborada nos capítulos seguintes sobre o modo de conhecer do *domador* levando em consideração que podemos aprender sobre nós mesmos a partir das coisas que fazemos.

No capítulo II desenvolvo sobre o modo de vida dos campeiros e as relações estabelecidas entre humanos, animais e artefatos em ambientes rurais e urbanos. Desenvolvo uma análise desse modo de vida considerando suas transformações dentro de um processo histórico em que estes têm de se reinventarem, ou seja, reconstruírem o sentido da vida dentro de novos contextos experienciados. Uma delas se refere a migração para ambientes urbanos tanto para os peões campeiros cuja a família reside na cidade quanto para os expões campeiros que se aposentam e migraram para o “*povoado*” passando a frequentar as hospedarias para cavalos como forma de manter o vínculo com esse modo de viver no meio rural. Eles encilham seus cavalos nas hospedarias e saem pela cidade. O entrelaçamento desses diferentes contextos tem como elo o cavalo cujo contato possibilita manter o vínculo com o campo.

No capítulo III discuto as técnicas de domar cavalos. Discuto ao longo do texto a percepção de que na *doma* é estabelecida uma relação entre humanos e não humanos em que o *domador*, mediado pelos artefatos, ensina o cavalo a praticar as técnicas das lidas, e este, por sua vez, o ensina na habilidade técnica, fazendo-o experienciar maneiras de praticar tal saber/fazer. A aprendizagem, assim, é um processo de incorporação de habilidades constituídas na prática e vivência do habitar o mundo da vida de *domadores* e cavalos.

CAPITULO I – “SE INDO PRO CAMPO”: METODOLOGIA

1.1 – “Se quer *aprender tem que fazer*”: A experiência etnográfica

“Imagine o leitor que, de repente, desembarca sozinho numa praia tropical, perto de uma aldeia nativa, rodeado pelo seu material, enquanto a lancha ou pequena baleeira que o trouxe navega até desaparecer de vista.” (MALINOWSKI, 1978, p. 19). A partir desta conhecida frase de Malinowski que nos primeiros momentos de sua escrita etnográfica propõe ao leitor um exercício de imaginação a fim de que este possa sentir o estranhamento do etnógrafo diante do “outro”, ou seja, o momento que se sai da zona de conforto entrando numa estreita relação com o diferente, a minha preocupação consiste em compartilhar a experiência vivida e, assim, explorar um preceito epistemológico: Como se conhece? Pretendo explorar neste capítulo essa questão, considerando que é uma reflexão sobre a forma que conheço, enquanto etnógrafo, a partir da comparação com a forma como os “outros”, os *domadores* conhecem. Pretendo chegar ao final deste capítulo com uma reflexão sobre o modo de conhecer do etnógrafo e do *domador* tendo como premissa a noção de que podemos aprender sobre nós mesmos a partir das coisas que fazemos, seja um texto etnográfico, ou a doma de um cavalo, e assim “fazer é pensar” (SENNETT, 2013).

A partir da experiência pessoal enquanto “aprendiz” de etnógrafo gostaria de enfatizar que o caminhar na “estrada do conhecimento”, como escreve Roberto Cardoso de Oliveira (2006, p. 21), se deu passando por caminhos difíceis em que as incertezas e os medos quanto às possíveis implicações que esse trabalho poderia desencadear tirou-me algumas noites de sono. Entretanto, se o pesquisador soubesse o que o espera nessa trajetória, a pesquisa ficaria menos interessante considerando que o resultado, para além de um texto etnográfico, é o enorme aprendizado e experiência de vida que se adquire. Como diz Wayne Booth et al

(2000, p. 01) o que um pesquisador que se aventura nessa caminhada encontra pela frente é um emaranhado de ambivalências: trabalho árduo e por outro lado o prazer da descoberta, frustrações e também satisfações, indecisão e confiança sendo por meio de tais ambivalências que no final tudo se “encaixa”. Na vivência com o outro o “olhar de etnógrafo”, carregado de significados, experiência de vida, além do que Roberto Cardoso de Oliveira (2006, p. 18) chama de “olhar e ouvir disciplinados” pelo *modus operandi* da antropologia, é colocado em questão e este identifica novas possibilidades de “viver a vida” transmitindo, através da textualização, esse aprendizado aos membros do grupo social em que está inserido. A partir do pressuposto de que se quiser conhecer as pessoas e seus modos de vida, deve-se aprender com elas, o trabalho de campo, mais do que um ato científico, é uma vivência em que se estabelece uma “relação produtora de conhecimento” (BRANDÃO, 2007, p. 12) tornando o processo de pesquisa um constante jogo de intersubjetividades entre o “eu” e o “outro” mediado por outros agentes da malha como o referencial teórico, as conversas com a orientadora, entre outros.

Sempre me chama a atenção a afirmação de Geertz (2008, p.04) em que para conhecer uma determinada ciência temos que atentar, primeiramente, não para suas teorias, mas o que seus praticantes fazem. O que o antropólogo faz é etnografia: “Entender o que é etnografia é compreender o que ‘representa a análise antropológica para a ciência’.” (GEERTZ, 2008, p.04). Assim, o que usualmente entende-se por etnografia refere-se à construção de uma relação por meio do contato direto e prolongado do pesquisador com as pessoas e situações dentro do contexto social em que estuda. Este observa os locais, as atividades, os objetos, os símbolos, conversa com as pessoas, procurando o sentido de suas ações. Para Roberto Cardoso de Oliveira (2006) o trabalho do antropólogo constitui-se através de três “atos cognitivos”: Olhar, ouvir e escrever. O “olhar” representa a primeira experiência do pesquisador no campo. O etnógrafo com um olhar previamente “domesticado” pelo “esquema conceitual da disciplina formadora de nossa maneira de ver a realidade”, (OLIVEIRA, 2006, p. 19), vasculha o lugar observando residências, os artefatos, as atividades, as pessoas e, eu incluo, os animais. O segundo ato, que é complementar ao primeiro, é o “ouvir”, que não se refere a entrevistar o outro (o informante) criando um “campo ilusório de interação”, mas ao diálogo, a conversa em que o etnógrafo e interlocutor deixam-se levar pelo encontro

compartilhando experiências, e nesse sentido a etnografia é um processo criativo e transformador. O etnógrafo é um constante aprendiz de outras formas de perceber o mundo, de perceber como as relações sociais são construídas, como as pessoas constroem suas visões e sentidos, além de tornar visível o próprio modo de vida. O trabalho etnográfico é o meio para isso. Conforme vou explorar no próximo item, a minha origem e vivência no campo, ou no meio rural, influenciam as minhas reflexões sobre as atividades campeiras, e essa vivência as torna familiar.

Em nenhum momento do trabalho de campo concebi a etnografia como um método capaz de apreensão do “ponto de vista do nativo” (MALINOWSKI, 1978). Sigo a discussão por meio de uma frase de Favret-Saada (2005, p. 155) que se refere ao momento em que sentiu a necessidade de “se afetar” pelas situações encontradas em campo: “Não pude fazer outra coisa a não ser deixar-me afetar (...)”. Em certo momento do trabalho de campo percebi que me convidavam a ser afetado, ou seja, o habitar o lugar e, ao mesmo tempo ser habitado por ele que equivale a ser atingido pelas suas “intensidades específicas” (Ibdem, 2005, p. 158). Assim, quando em visita a *cabanha* e *hospedaria* para cavalos “Bons Amigos”, localizada na cidade de Pelotas-RS, no momento do *chimarrão* de final de tarde quando sentei-me junto ao grupo formado pelo proprietário desta, o capataz e alguns proprietários dos cavalos que estavam ali hospedados. Diversas brincadeiras e xingamentos em tom de zombarias se davam entre eles, se jogando papéis de fumo e, em determinado momento, me disseram que assim era a vida “num *galpão*²⁷” e que se quisesse entender a técnica da doma, teria que viver todo esse universo inclusive esses momentos no galpão. A mensagem dos interlocutores era que se tivesse o olhar e o ouvir somente voltado para a técnica, no momento em que estão domando, não iria entender o que era ser um domador. Mas isso não significa que me tornei um *campeiro*, ou um *domador*, o que aconteceu foi que percebi a necessidade de um engajamento, enquanto etnógrafo, me tornando uma linha da malha inserindo minha trajetória junto às diversas trajetórias dos outros agentes, humanos e não humanos, que a compõem. Nesse ponto quero apresentar o quanto é familiar essas atividades campeiras através do modo de vida que levo no meio rural e depois seguir discutindo o estranhamento do meu universo de significados frente a experiência com o diferente.

²⁷ Local em que os campeiros se reúnem, no final do dia, para se alimentar e conversar.

1.2 – Estranhando o familiar: A antropologia a partir da experiência de viver no meio rural

Nasci e vivi no campo, ou no meio rural, até os 20 anos de idade quando passei a residir na cidade para poder seguir estudando. Quando iniciei o caminho para morar na cidade tinha como horizonte me tornar um pesquisador do rural, um sociólogo. Minha vontade era cursar a faculdade de agronomia e me especializar na área das Ciências Sociais Rurais. No entanto, o curso era diurno e, como tinha que trabalhar, a opção estava entre os cursos noturnos e foi assim, que em 2009 comecei a cursar a faculdade de Ciências Sociais na UFPel. Na graduação empreendi leituras de antropologia e sociologia cujo tema de discussão tinha como foco as transformações da agricultura familiar. No último semestre do curso optei, como referência central nas minhas questões, os princípios epistemológicos da antropologia.

Nesse sentido, diante da atenção que a antropologia concebe a relação entre o pesquisador e o interlocutor considerando que é na configuração dessa relação que a construção do conhecimento vai acontecer, a questão de como observar o modo de vida dos campeiros que me era familiar foi a primeira interrogação metodológica que orientou minhas reflexões. No entanto, fui percebendo que o que encontramos e vemos em campo não necessariamente é “conhecido” (VELHO, 1987), ou seja, pertencer de certa forma, a um mesmo grupo social não significa que conheço em toda a sua dimensão. Num texto que reflete sobre o fato do antropólogo observar o que é familiar, Gilberto Velho, escreve:

Acredito que seja possível transcender, em determinados momentos, as limitações de origem do antropólogo e chegar a ver o familiar não necessariamente como exótico, mas como uma realidade bem mais complexa do que aquela representada pelos mapas e códigos básicos nacionais e de classe através dos quais fomos socializados. O processo de estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar, intelectualmente e mesmo emocionalmente diferentes versões e interpretações existentes a respeito dos fatos, situações. (VELHO, p. 131).

O antropólogo vai percebendo, no momento em que se envolve e passa a ser envolvido com o grupo social, que o que lhe parecia familiar, não é necessariamente conhecido. A complexidade daquilo que encontra o convida a confrontar, dentro de processos sociais mais amplos, as diversas considerações que perpassam o problema de pesquisa colocado. Para mostrar a familiaridade

com o tema de minha pesquisa, gostaria de compartilhar um fragmento do diário de campo em que desenvolvo sobre um evento da minha vida cotidiana. Nesse trecho escrito, pode-se observar que a descrição da situação está relacionada ao tema que estudo.

Diário de campo, 22.12.2013 – 21hs

Escrever num diário é um ato solitário. É como o momento do chimarrão no final da tarde ou no início da manhã que muitas vezes tomamos sozinho e aproveitamos para pensarmos na vida e ruminar recordações. Hoje decidi escrever sentado nesse banquinho dentro do galpão. Já faz algum tempo que no início das noites quentes de verão e também nas noites frias do inverno eu costumo ficar sentado aqui tomando chimarrão, lendo algum livro ou escutando, num radio velho, algum programa de música nativista. Mas não se pode considerar um momento solitário, pois os cachorros sempre vêm acompanhar-me nesse momento e ficam deitados perto do meu banco. Às vezes, um e outro vem pular em mim e querer me lambar o rosto, muitas vezes me tirando dos pensamentos mais profundos. Talvez queiram chamar à atenção para a realidade e que sonhar só serve para adoçar a alma e mais nada.

Vejo os aperos de montaria que descansam em cima de um cavalete. Eles e a Bonita (cachorrinha que dorme profundamente junto aos meus pés) são testemunhas do que vou contar aqui. Hoje pela manhã eu, ela, o tordilho, que é o cavalo já há alguns anos faz parte da família, e o pai fomos buscar na propriedade vizinha um novilho brasíno que havia cruzado numa falha do alambrado, para esse campo, pois havia algumas vacas que entraram no cio. Não que ele fosse cobri-las, mas mesmo castrado não poderia deixar o seu instinto de touro. Esse vai ser sacrificado para o churrasco de natal. O que nos chamou a atenção é que parece que o animal pressente a sua morte. Ele passou para o campo e foi uma dificuldade em trazê-lo e mesmo quando estava aqui em casa ele tentou fugir de volta. Não sei o que acontece, porém observamos que o animal muda o comportamento quando, por exemplo, algum açougueiro vem olhar o animal para negociar a compra. Agora ele se encontra preso

por uma corda numa arvore perto da mangueira. Ele está berrando, penso se ele já desistiu de sua luta para viver? Acredito que não, pois vamos encontrar dificuldades em trazê-lo até o matador. Parece que escrevo com tanta naturalidade o processo que envolve esse ato brutal, mas eu não me sinto bem quando tenho que ajudar o pai a sacrificar algum animal seja bovino ou ovino. O pai faz isso há anos, mas somente há algum tempo que passou a ser quem sacrifica o animal. Uma vez disse que também nunca gostou de fazer isso, porém, aprendeu que a vida é assim, uns matam os outros para sobreviver e a morte faz parte da vida. Depois que me disse eu percebi que passamos pelo mesmo sentimento e assim penso comigo: “Se temos que fazer tem que ser juntos!” Na pratica de carnear um animal a primeira regra é não ter compaixão no sacrifício, senão o bicho sofre muito para morrer. Tem que se tornar um predador e fazer isso num ato rápido para que ele, como se diz, “nem saiba do que morreu.”

Aproximei-me do pai para trazer a antropologia para casa e aprender mais com ele sobre os animais. Eu digo que quero aprender a vida de um campeiro e que posso seguir aprendendo sem precisar deixar de estudar. Acompanho ele em diversos momentos como a carneação e as campeiradas em que ajuda os vizinhos. Ele diz: “Se tu queres aprender, tem que fazer”. Em outros momentos me diz: “Aprende enquanto tem um pai vivo.” Vou aprender, pois é o momento. Não somos campeiros, pois não vivemos exclusivamente da atividade pecuária. Somos agricultores familiares e plantamos milho, feijão, hortaliças e também temos, eventualmente, alguns poucos animais bovinos e ovinos que engordamos para vender e também para o consumo. Até pouco tempo atrás tínhamos uma pequena pecuária leiteira e lembro que comecei a trabalhar com dez anos sendo o meu primeiro trabalho ajudar a mãe a ordenhar as vacas. Meu interesse por esse mundo campeiro foi um processo gradativo que começou lá pelos meus quinze anos quando o pai conseguiu um cavalo de pelagem tordilho. Eu guardo certo encanto por ele, pois é um cavalo muito dócil e foi com ele que aprendi a trabalhar. Se não tivesse nascido com uma pata dianteira torta, o que o faz ser um cavalo tropicão, ele seria

destinado para ser um parceiro de cancha reta²⁸ tal como é o seu pai. Porém, por esse problema seu destino não pode ser o de um esportista tendo sido domado para as lidas no campo. Quando conseguiu o tordilho, o pai o domou também para os serviços de tração, como por exemplo, para puxar a capinadeira que é um pequeno arado. Na realidade eu e o tordilho aprendemos juntos, pois enquanto o pai ensinava o tordilho a puxar a capinadeira, eu aprendia a manejar esta. Depois disso, todos os anos sou eu que passo a capinadeira (arar a terra entre os pés do cultivar) nos cultivos de milho e feijão. Também o pai me ensinou os primeiros passos da arte da montaria como encilhar o cavalo, a montar, assim como sempre observar o movimento das orelhas do cavalo que comunica o seu estado de espírito: Se está trocando a orelha (uma para frente e outra para trás) o cavalo está tranquilo e seguro, se está com as duas orelhas para a frente, está em alerta e quando está com as duas orelhas para trás o cavalo está incomodado com alguma coisa. Assim, também aprendi a andar a cavalo e quase todos os domingos pela manhã, se o cavalo não trabalhou muito duro durante a semana, eu busco ele no campo, dou ração, passo a escova no pelo e encilho para passear pelo campo ou pela estrada. Gosto de viver no campo, mas não consigo entender o que me fez ir para a cidade. Entretanto, pelo menos um dia da semana tenho que vir para casa para sentir o ambiente rural, tratar o cavalo e caminhar pelo campo com os cachorros. Acredito que esse sentimento de pertencimento ao lugar nunca vou perder.

Como mencionei foi eu, o pai, o tordilho e a bonita, que mais atrapalha do que ajuda na lida. O pai encilhou o cavalo e fomos para o campo vizinho que é arrendado por um pecuarista que reside fora do Rio Grande do Sul e paga peões para o trabalho na propriedade. Ao entrar no campo avistamos o novilho em outro campo lindeiro que também é arrendado por tal proprietário. Para chegar até lá teríamos que cruzar um arroio e assim tivemos que procurar o caminho feito pelo gado para atravessá-lo. O campo é cheio de pequenos matos, valetas feitas pela erosão das sangas, além de estar tomado pelos gravatás. Não é um lugar bom para

²⁸ Área plana e reta para o esporte de corrida de cavalos.

campeirar sendo necessário vários cachorros para tirar os animais que fogem para o mato. Nossos cachorros e eu não temos muita experiência na lida com o gado no campo. O pai e o tordilho sim. Por isso, um foi a pé. Os peões dessa propriedade têm diversos cachorros treinados. Duas vezes por semana fazem o rodeio num descampado em que dois peões e cinco cachorros ovelheiros fazem a lida. Se algum animal se desgarrar para o mato a cachorrada busca de volta. No rodeio se observa o estado do gado e, se tem algum animal com alguma bicheira, eles laçam e curam ali mesmo.

Atravessamos a sanga, uma tarefa não muito fácil a cavalo e encontramos o novilho num campo alto, deitado, junto a umas vacas de cria nova. O pai apartou o novilho a cavalo, e eu fiquei escondido esperando, pois, os animais criados soltos no campo fogem quando veem algum humano a pé. Somente a cavalo se consegue chegar perto deles. Depois que o pai o apartou dos outros animais comecei a ajudá-lo a trazer. Em diversos momentos o novilho quis voltar e o pai atacava a cavalo enquanto eu cuidava as beiradas de mato. As vezes era eu quem tocava enquanto o pai costeava e buscava quando este conseguia fugir. Quando chegou perto do passo do gado no arroio o pai atropelou o terneiro para este não refugar e não sei como passaram aquele arroio, só sei que encontrei eles lá no outro lado me esperando. O pai disse para subir pelo campo até um lugar, que é uma abertura no mato feito pelos peões para passar com o gado, que o novilho poderia entrar e fugir de volta, enquanto ele iria tocando o terneiro pelo campo aberto. Atravessei um pequeno mato e fui por outro campo enquanto o pai ia tocando ele. Quando cheguei lá ouvi que estava me chamando um pouco abaixo de onde eu estava para eu montar no cavalo e ir pelo campo enquanto ele ia tocando o terneiro que entrara noutra picada que costeia o alambrado da nossa propriedade. Assim, iria tocando ele até a parte ruim do alambrado que este saía. Reclamava da falta de treino do tordilho que estava mais preocupado em desviar dos pendões dos gravatás do que tocar o terneiro. Dizia que era preciso colocá-lo mais vezes no trabalho de campo, pois estava perdendo a habilidade. Chamo a atenção que a bonita se fazia presente, mas excluía-la toda vez que ela se prontificava a

ajudar. Ela até tenta, porém não sabe trabalhar. Não aprendeu quando era filhote e quando vai no animal ela busca atacar este, ou seja, late na frente. Assim, não toca por diante, ao contrário, faz o gado retornar. Enquanto o pai tocava o novilho pelo mato eu ia a cavalo pelo campo escutando as coordenadas que ele me gritava. Num determinado momento ele gritou para eu voltar, pois o novilho conseguiu voltar. Toquei o cavalo de volta em direção a tal picada que cuidávamos para ele não entrar. Quando cheguei no lugar este estava saindo do mato. Puxei as rédeas e freei o cavalo na frente do terneiro. O pai chegou e pediu o cavalo porque correria demais e estava se sentindo um pouco cansado. Assim, fomos tocando ele até o lugar em que saíra na parte aberta do alambrado. Como não dava para passar a cavalo eu fiquei de levá-lo por outro lugar enquanto ele iria levar o terneiro até os outros animais e tocá-los para a mangueira para laçá-lo. Quando cheguei a casa o pai que estava no campo me chamava para levar o cavalo que ele iria cinchar²⁹ o terneiro que tinha laçado, para trazer para casa. Ele contara depois que laçou o animal e vinha trazendo este para deixá-lo atado em tal arvore quando em determinado momento se distraiu e o animal fugiu arrastando-o campo afora. Nesse embate entre o humano e o boi, quem dá o tirão primeiro é que ganha na força e assim foi o terneiro quem deu o primeiro tirão desestabilizando-o conseguindo recuperar-se mais adiante segurando-o. Com o novilho preso a cincha levamos até o local destinado.

Desencilhei o cavalo, deixei as encilhas secando ao sol, dei ração para o tordilho e soltei ele para o campo. Assim, fomos para a casa tomar chimarrão e conversar sobre nossa campeirada. Eu disse para ele que foram necessários dois homens, cachorros, cavalo, encilhas e laço contra um novilho com pouco mais de um ano de idade ao que ele me disse que é mais difícil lidar com um só animal vacuum do que com uma tropa.

²⁹ Prender o animal, por meio de uma corda, a cincha que fica anexada aos arreios.

Quando escrevi esse texto no diário estava há mais de um ano em trabalho de campo que iniciei junto ao grupo do “INRC – Lidas Campeiras”. O estranhamento desse evento, que me é familiar, se deu partir do pressuposto de Roy Wagner (2010), referência que conheci por meio da pesquisa do “INRC - Lidas Campeiras”, que concebe a etnografia como um processo de “incremento criativo” (WAGNER, 2010, p. 56) que é construído através da experiência com o “outro”. Assim, ocorre o processo que o autor denomina “invenção da cultura” quando ao experienciar uma interação com o diferente, a cultura do antropólogo, ou seja, o seu modo de vida e seu universo de significados, se tornam visíveis possibilitando questioná-lo. A invenção ocorre na experiência da vida cotidiana quando algum “conjunto de convenções ‘alienígenas’ ou ‘estrangeiro’ seja posto em relação com o sujeito.” (idem, 2010, p. 39). Nesse encontro se aprende novas possibilidades de viver a vida, pois ao familiarizar-se com o estranho, estranha-se o familiar e a cultura se torna um processo dinâmico de invenções.

A compreensão de si e do outro se dá por meio do uso de “elementos simbólicos” (palavras, gestos, imagens) que são colocados em associações dentro de determinados contextos: “Um contexto é uma parte da experiência e também algo que nossa experiência constrói; é um ambiente no interior do qual elementos simbólicos se relacionam entre si, e é formado pelo ato de relacioná-los” (WAGNER, 2010, p. 78). Assim, os elementos simbólicos adquirem sentido dentro de um contexto. O significado é produzido nas relações e transmitido por comunicação e expressão.

O resultado é uma analogia, ou um conjunto de analogias, que ‘traduz’ um grupo de significados básicos em outro, e pode-se dizer que essas analogias participam ao mesmo tempo de ambos os sistemas de significados, da mesma maneira que seu criador. (WAGNER, 2010, p. 36).

A etnografia é resultado de uma troca, uma aprendizagem, uma história que vai se construindo como um processo cheio de tensões, amigáveis, medos, frutos da convivência com o outro. Uma etnografia é uma história contada, através da textualização ou da imagem, por alguém que viveu uma determinada relação sendo a descrição do que se aprendeu nessa convivência. É a construção da “pessoa/personagem do etnógrafo” a qual se refere Marco Antônio Gonçalves (2012) tomada enquanto “manifestação criativa” em que aquele que narra a história

cria um mundo próprio de atuação ao criar o cenário para si o que consiste numa junção entre o vivido e o pensado.

Esta 'modesta' presença do etnógrafo nas narrativas etnográficas produz, paradoxalmente, sua onipresença como personagem central. O personagem do etnógrafo evoca um dos gêneros mais antigos de narrativa, aquele do narrador de histórias que vivencia experiências alhures e que, retornando ao seu mundo, conta como as pessoas com quem viveu percebem seu próprio mundo. (GONÇALVES, 2012, p. 37)

O antropólogo “inventa ‘uma cultura’ para as pessoas, e elas “inventam a cultura pra ele.” (WAGNER, 2010, p. 39). Assim, o Roy Wagner entende que para perceber uma cultura parte-se da própria e, portanto, considerando que todos têm reflexividade, o outro também inventa sua cultura nessa relação. Nesse sentido, todos os seres humanos são “pesquisadores de campo” e inventores de cultura. Entende-se que o trabalho do antropólogo (Olhar, ouvir e escrever) é, além de uma interpretação dos fenômenos socioculturais que encontra no campo, a invenção de sua própria cultura considerando que o outro também torna sua cultura visível através dessa relação. Retomando ao excerto do diário observo que a partir do momento em que experienciei o modo de vida dos campeiros, enquanto antropólogo e também agricultor familiar, meu próprio modo de vida se tornou “estranho” possibilitando que elaborasse textos no diário de campo cuja a narrativa tinha como contexto minha vida cotidiana, ou seja, construí um olhar sobre “eu mesmo” a partir da vivencia com o “outro”. No próximo item discuto como a imagem desperta o olhar crítico do grupo pesquisado para consigo mesmo criando um estranhamento de si próprio e do grupo.

1.3 – “A escrita da luz”: Sobre as narrativas fotográficas

Ao propor a narrativa fotográfica como recurso da narrativa etnográfica sobre a técnica da doma de cavalos considero a potencialidade desta em complementar a narrativa escrita, transcendendo as possibilidades de compreensão da descrição da técnica. O caráter polissêmico da fotografia desencadeia o pensamento criativo. Embora ainda seja vista com suspeita pela antropologia a imagem visual é um “instrumento auxiliar” da narrativa escrita, sendo uma “disposição do olhar” daquele que conhece e que constrói o conhecimento na

relação com o outro tal como se faz num discurso escrito (PIAULT, 2001). A produção visual é um meio para a comunicação que permite um contato mais imediato com o grupo estudado, ao contrário do que acontece com teses e dissertações somente escritas (BATISTA, 2004). A troca de experiências entre o pesquisador e seus interlocutores pode ser acentuada no uso da fotografia, no sentido em que ambos constroem o trabalho sendo “afetados” nessa construção de conhecimento.

De acordo com Guram (1999), a fotografia como instrumento de pesquisa proporciona uma percepção diferente daquela exibida pelos outros métodos pesquisa, pois dá acesso a informações que dificilmente poderiam ser obtidas por outros meios. A imagem tem a “potencialidade” de destacar um aspecto da realidade que se encontra diluída dentro de um vasto campo de visão explicitando a singularidade de determinado momento e se tornando a síntese representativa de um aspecto do universo em estudo.

A fotografia, ao se enriquecer de elementos antropológicos, torna-se capaz de viabilizar uma reflexão objetiva de como indivíduos ou grupos sociais representam, organizam suas experiências. (GURAN, 1999, p. 66).

Mais do que o registro objetivo de um patrimônio não material conservando os gestos, as técnicas de fazer, as emoções e apresentando as diferentes possibilidades de se viver a vida, está em jogo na imagem fotográfica, a “maneira de olhar” (PIAULT, 1995), em que esse “olhar que observa não é apenas uma máquina que registra, ele também escolhe e interpreta” (ibidem, 1995). A fotografia não consiste num discurso em si, como se ela própria pudesse apresentar um mundo que não o humanamente carregado de significados, mas num ato de criação. Como uma construção social possibilita uma “polifonia de olhares” (KOURI, 1999) os quais constroem discursos nela, sobre ela e através dela.

Esse caráter polifônico da fotografia revela o que Mauro Guilherme Kouri (1999, p.65) define como o “perigo do jogo” que se refere ao fato do momento em que o “objeto ganha autonomia e submete os olhares ao próprio objeto” perdendo o caráter dinâmico da construção pelos diversos olhares e se tornando um “real efetivo”. Esse perigo me assombrava (e ainda assombra) quando propus no projeto a narrativa fotográfica, pois a questão da violência e não violência no processo de domar os cavalos era debatida pelos domadores refletindo uma tensão entre

valores sobre a relação com os animais. A possibilidade da imagem se tornar um “real efetivo” que denuncia práticas de violência contra os animais era uma questão colocada tanto por mim, enquanto responsável pelo trabalho, quanto pelo grupo pesquisado. Os interlocutores me chamaram a atenção para tal questão. Inseridos no processo de “transformação das sensibilidades” (THOMAS, 1996) em relação aos animais, estes se referiam que as narrativas fotográficas, construídas para apresentar, na “escrita da luz”, as etapas das técnicas da doma, poderiam se tornar uma “arma” contra o grupo. As potencialidades da linguagem escrita de apresentar uma representação compreensível das diferentes técnicas empreendidas pelo grupo inserindo nas complexas questões que as envolvem, não são as mesmas potencialidades concebidas as fotografias frente a esse caráter polifônico que as envolve. Por outro lado, a busca de colocar as pessoas e seus conhecimentos para dentro da pesquisa considerando elas as protagonistas da construção do saber, tinha na imagem delas praticando a técnica, feita a partir da “escrita da luz” (CAUBI NOVAES, 1999), a possibilidade. Assim, duas saídas estratégicas foram aprendidas:

A primeira estratégia foi aprendida através da discussão feita por Etienne Samain (2004, p. 54) ao apresentar a metodologia empregada na construção do livro “Balinese Character: A photographic analysis” de Gregory Bateson e Margaret Mead que é o primeiro trabalho, na história da antropologia, a evocar uma interação entre narrativas verbais e narrativas visuais, estas últimas não sendo concebidas como meras ilustrações. O “duplo imperativo” do trabalho que tinha, de um lado, a defesa de “uma prerrogativa fotográfica na sua capacidade de evocar algo que o texto não sabe e nunca conseguirá expressar” ao passo que, por outro lado, havia o reconhecimento de que, “na ausência de um comentário preciso, a leitura futura das pranchas fotográficas permanecerá frágil ou, pelo menos, problemática”. Assim, tem que existir um “laço de cumplicidade” (SAMAIN, 2004, p. 60) e complementaridade entre o discurso escrito e o discurso narrativo possibilitando olhares diversos que constroem novos discursos.

A segunda vem através do método da antropologia partilhada proposta por Jean Rouch e David Macdougall que tem como orientação fazer com que as pessoas fotografadas embarquem na aventura da construção da pesquisa. Para Marcius Freire e Phillippe Lourdou (2009, p. 14) é uma noção metodológica que “exprime a tentativa de abolir a distância entre o pesquisador e o pesquisado e

colocá-los em pé de igualdade.” Neste sentido, os interlocutores se tornam “agentes da investigação” se constituindo como coautores na elaboração da pesquisa.

Assim, as fotografias apresentadas no trabalho complementam as descrições apresentadas no texto escrito sendo referências que contribuem na “invenção” desse saber/fazer. Por isso, apresento imagens com fotos antigas que apresentam humanos e cavalos em diferentes contextos sendo referências tais como são colocadas as referências escritas por viajantes e pesquisadores inserindo as discussões dentro de um processo histórico. Por conseguinte, foram colocadas imagens próprias e fotografadas pelo grupo de pesquisa do INRC – Lidas Campeiras, assim como, fotografias escolhidas (e muitas vezes produzidas) pelos interlocutores tornando as narrativas fotográficas, tal como a escrita. É o resultado de um processo tramado por meio das interações e negociações estabelecidas entre eu, os demais pesquisadores, os autores, que com seus escritos referenciaram as discussões da pesquisa, e os interlocutores cujas presenças estão nas fotografias, nas suas falas assim como nas descrições das práticas. A cultura é percebida como movimento alimentado pela alteridade. É um ato de comunicação entre grupos ou sociedades possibilitando a criação, recriação, ampliação de conhecimentos e a criatividade. É um processo dinâmico de assimilação entre a percepção de si e a percepção do outro. Ao se comunicar com outro grupo ou sociedades a cultura torna-se visível possibilitando a reflexão e uma nova síntese. Nesse sentido a narrativa imagética e escrita possibilitam um olhar de si e do outro tornando possível o processo de reconstrução, adaptação e seleção da memória do grupo. Despertam olhares críticos para consigo mesmo os quais aprendem através desse estranhamento do outro e de si próprio tornando a cultura visível (WAGNER, 2010).

1.4 – O artífice antropólogo

Por meio da máscara “etnógrafo” que me senti seguro para me aproximar dos campeiros e me inserir nas suas interações. Assim, seja para domadores que ainda não conhecia, assim como para aqueles que vivencio cotidianamente, me apresentava como pesquisador de doma de cavalos e o que queria era conhecer e descrever a técnica. Muitas pessoas entendiam que eu era da zootecnia que faz

diversos estudos sobre cavalos. Isso não me incomodava, pois, minha área de estudo, de certa forma, se insere na linha antropológica que estuda a interação humano-animal (PASTORI, 2012). Ao se colocar como aprendiz o etnógrafo torna seus interlocutores os seus mestres como aqueles que podem ensinar a partir da maneira como constroem suas vidas. Por conseguinte, em alguns momentos adotei o método que é entendido como observação flutuante (PETTONNET, 2008) onde o pesquisador se deixa flutuar, ou seja, não leva, a priori, um quadro de questões - o que faria mobilizar a atenção num objeto preciso, deixando-se conduzir pelo modo como as pessoas conduzem suas vidas. A adoção da observação flutuante marca o início de uma viagem ao mundo experienciado pelo outro. (SIMÕES, 2008, p. 19).

Nesse sentido, o antropólogo é um artífice com a habilidade de “inventar o outro” (WAGNER, 2010). Essa “invenção” do outro pode ser concebida como uma “habilidade artesanal”, termo desenvolvido por Richard Sennett (2013), e que se refere ao desenvolvimento da capacidade de praticar algo por meio da relação entre a detecção e a solução de problemas. A habilidade se refere a “incorporação” de uma capacidade de “conversão da informação e das práticas em conhecimentos tácitos” (SENNETT, 2013, p. 62). Essa incorporação é um estímulo a autoconsciência em que, aquele que se engaja, pode aprender sobre si mesmo por meio das coisas que faz. Como escreveu Roy Wagner, o antropólogo elabora um trabalho de campo que é um tipo de trabalho, “uma espécie de conhecimento como resultado de suas experiências, um produto que pode ser mascateado no mercado econômico como ‘qualificação’ ou inscrito em livros.” (WAGNER, 2010, p. 49). A arte de inventar o “outro” por meio do aprendizado e experiência, consiste num trabalho artesanal em que, ao nos sentar à frente de um computador para escrever sobre essas experiências em campo, empreendemos um conjunto de ferramentas de linguagem (palavras e imagens), dentre as diversas que se apresentam, com o objetivo de compartilhar, por meio desses elementos simbólicos, uma compreensão dessas experiências aos outros do grupo. Por conseguinte, a relação entre o que se encontra em trabalho de campo e as ferramentas de linguagem capazes de dar conta daquilo que se vivenciou, expande as capacitações do artífice.

Por outro lado, como escreve Sennett (2013, p. 217): “O aperfeiçoamento na utilização das ferramentas nos ocorre, em parte, quando elas nos desafiam, e esse desafio muitas vezes acontece precisamente porque as ferramentas não são

adequadas a sua utilização”. Essa dificuldade pode ser percebida no trabalho de descrição de uma técnica que, por ser tácita, esteja bem longe da capacidade humana de explicar: “Mesmo o mais profissional dos escritores teria dificuldade de descrever como atar um nó correção”, e a imagem pode ser uma “solução para os limites da linguagem” (Ibdem, p. 111). O artífice antropólogo trabalha com um emaranhado de ambivalências que surgem por meio do encontro entre o nosso modo de vida e o modo de vida daqueles os quais buscamos aprender. O antropólogo em campo percebe, por meio do olhar e ouvir, o ambiente em que as pessoas vivenciam suas práticas. Depois dessa experiência corporal que transformou seu ser, o processo de transformação continua no ato da escrita, quando a mão que escreve materializa essa percepção. Quando se inicia a escrita, se selecionam as ferramentas de linguagem que serão acionadas para a confecção da narrativa. Entretanto, é no encontro dessas ferramentas, mentalmente elaboradas, com o que se desenvolve no ato de escrever que a narrativa se constitui. Assim, que para Sennett (2013) o ato de fazer é, ao mesmo tempo, pensar.

“Toda a perícia artesanal é um trabalho voltado para a busca da qualidade” (ibdem, p. 34). Portanto, a “habilidade artesanal” é uma capacitação vinda de um desejo de se fazer um trabalho bem feito e o antropólogo se engaja de forma prática tornando, o seu trabalho como parte do seu ser. A partir de agora, gostaria de descrever as habilidades dos campeiros, construídas nas práticas das lides pastoris como um processo contínuo de incorporação da “habilidade artesanal”.

CAPITULO II: CAMPEIROS, ANIMAIS, ARTEFATOS E O PAMPA



2.1 – Sobre a noção de “modo de vida campeiro”

Para iniciar a discussão sobre modo de vida dos *campeiros* remeto algumas considerações ao livro “Os Nuer: Uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo Pilota” de Evans-Pritchard (2002), como referência para pensar esse modo de vida. Neste trabalho o autor se preocupa em compreender a estrutura política dos Nuer, povo que vivia nos pântanos e Savanas planas da África Oriental. O autor define estrutura política (que se refere também à estrutura social) como o relacionamento, dentro de um determinado sistema territorial, de um grupo de pessoas que vivem numa área definida. Entretanto, ao ser “obrigado” a viver como um deles, acompanhando sua vida cotidiana, o dado etnográfico que Evans-Pritchard constrói descreve a influência das relações ecológicas nas instituições políticas.

O autor começa sua descrição apresentando o “amor pelo gado” presente nesse grupo enfatizando sua irritação inicial pelo fato de os Nuer sempre direcionarem os assuntos aos seus animais. Embora eram um povo pastor, agricultor e pescador os relacionamentos sociais e políticos eram influenciados e mediados através da relação que mantinham com o gado e, por conseguinte, a vida era mantida graças aos serviços recíprocos entre eles e os bovinos. Os nomes próprios das pessoas se davam a partir da forma e cor de seu animal preferido e “uma genealogia nuer pode parecer o inventário de um *Kraal*” (idem, 2002, p. 26). O gado fornecia aos Nuer leite, sangue e carne. Suas peles são usadas como camas, se transformavam em cordas para prender os animais, o esterco servia como combustível e no revestimento de paredes e as cinzas do esterco queimado eram esfregados nos corpos dos homens, etc.. Por conseguinte, a apreciação do animal também estava associada a uma questão estética no que se refere à cor, o formato dos chifres, o tamanho, a gordura ao passo que consideravam importante que os ossos dos quadris não aparecessem e assim, eles manipulavam o quadril após o nascimento do animal. Assim, para o autor a vida dos Nuers era dedicada ao bem-estar das vacas havendo uma reciprocidade de serviços entre humanos e animais:

Eles constroem estábulos, alimentam fogueiras e limpam *Kraals* para seu conforto; mudam de aldeias para acampamentos, de acampamento para acampamento e dos acampamentos de volta às aldeias, pela saúde dela;

desafiam animais selvagens para protegê-la; e fazem ornamentos para enfeitá-la. Ela vive sua vida tranquila, indolente e inativa graças à dedicação dos Nuer. Na verdade, o relacionamento é simbiótico: gado e homens mantêm suas vidas graças aos serviços recíprocos. Nesse íntimo relacionamento simbiótico, homens e animais formam uma única comunidade do tipo mais íntimo. (EVANS-PRITCHARD, 2002, p. 45).

As relações sociais Nuer se davam entre humanos, animais e objetos que mediavam e construíam relações não existindo uma barreira cultural e natural entre humanos e não humanos. Além disso, o solo e as condições climáticas condicionavam o modo de vida nuer constituindo um emaranhado que se transformava ao longo do tempo: A região era mais adequada para a criação de gado e nesse caso, a tendência do meio ambiente coincidia com a preferência dos Nuer, porém, a contaminação da peste bovina, que diminuiu o número de animais, fez com que começassem a desenvolver a horticultura. Por outro lado, os períodos com chuvas fortes cessavam dando lugar aos períodos com secas severas impedindo a dependência completa de cereais.

Embora reconheça, na sua descrição, a simetria entre humanos e não humanos, o autor não desenvolveu em sua teoria, pois entende a sociedade como estruturada através das relações entre pessoas e grupos desconsiderando o elemento não humano nessa constituição, remetendo essa relação a um estado de selvageria.

Os Nuer e seu rebanho formam uma comunidade corporativa com interesses solidários, a cujo serviço as vidas de ambos estão ajustadas, e seu relacionamento simbiótico é de íntimo contato físico. O gado é dócil e responde prontamente a orientação e cuidado humanos. Não há grande barreira cultural separando homens e animais em seu lar comum, mas sim a absoluta nudez dos Nuer em meio ao gado e a intimidade de seu contato com este apresentam um quadro clássico do estado selvagem. (EVANS-PRITCHARD, 2002, p. 50).

A partir da referência de Evans-Pritchard observo que quando se investe a imaginação no mundo da experiência, percebemos que cultura e natureza não estão ontologicamente separadas e para conceber o fenômeno humano, temos que considerar a dimensão não humana. O modo de vida constitui um processo dinâmico da aprendizagem através da experiência na interação entre os humanos, os animais, os artefatos e os ambientes (INGOLD, 2010; WAGNER, 2010) e, nesse sentido, esse modo de vida está em constante transformação. Roy Wagner denomina “invenção da cultura” o processo de observação e aprendizagem que se

constitui através do encontro com o “outro” na qual o próprio modo de vida, o universo dos próprios significados, é colocado como condição inicial para a compreensão deste “outro”, sendo um processo de “incremento criativo” (WAGNER, 2010, p. 56).

O modo de vida é uma construção do conhecimento por meio da experiência de interação com o “outro”, humano e não humano. Nesse sentido, referencio Tim Ingold (2010) para quem o fato de estar no mundo se envolvendo com outros entes que constituem o ambiente desenvolve a “habilidade” que é o conhecimento incorporado no *modus operandi* do organismo do animal humano (e também do animal não humano) por meio da “prática e treinamento, sob orientação de praticantes já experientes, num ambiente caracterizado por suas próprias texturas e topografias, e coalhado de produtos de atividade humana anterior.” (INGOLD, 2010, p, 16). Nesse sentido, uma geração vai contribuir para a outra, através das atividades que criam contextos ambientais onde essas sucessoras vão desenvolver as próprias habilidades. A “educação da atenção” é o aprendizado que se dá pelo “copiar” sendo um misto de imitação e improvisação:

O iniciante olha, sente ou ouve os movimentos do especialista e procura através de tentativas repetidas, igualar seus próprios movimentos corporais àqueles de sua atenção, a fim de alcançar o tipo de ajuste ritmo de percepção e ação que está na essência do desempenho fluente (...). (INGOLD, 2010, p. 21).

Cada participante de um ambiente age como “tecendo um fio” e as trajetórias, entendidas como “linhas de devir” de humanos e não humanos, ao se encontrarem criam-se combinações. O ambiente é assim um “imenso emaranhado de linhas” (INGOLD, 2012, p. 39) que se encontram e se misturam em combinações variadas num constante processo de transformação. O emaranhar dessas trajetórias constituem o ambiente que os envolve e converte essas linhas de devir nos limites dentro dos quais a vida é contida. O modo de vida é entendido assim, por meio da interação de diferentes agentes, humanos e não humanos que constroem e influenciam as relações e são construídos através destas configurando diferentes modos de saber/fazer.

2.2 – Caracterização histórica da pecuária no pampa sul-rio-grandense



Foto: JABLONSKY & RUSSO, 1955.

A ocupação política e econômica do Rio Grande do Sul pelos europeus se deu através das terras situadas na fronteira Oeste e Sul do território estando em conformação com a ocupação do que Heloísa Reichel (2006, p. 45) chama de Região³⁰ Platina. Conforme escreveu Odilon Leston Jr (2013) num texto redigido como material de discussão histórica para o INRC –Lidas Campeiras, esta ocupação se deu, inicialmente, através dos padres Jesuítas que, vindos do Paraguai instalaram-se na margem leste do Rio Uruguai com o objetivo de catequizar grupos indígenas da Região. A configuração sociocultural, geográfica e biológica do pampa está também associada à introdução, pelos europeus, de animais bovinos, cavalares, ovinos, entre outros, e a introdução de artefatos como o fios de aço para construção do alambrado, por exemplo. (MAESTRI, 2008; PRIMO, 2004; REICHEL, 2006). A ocupação do território, assim, envolve a presença de humanos e não humanos.

³⁰ A autora entende “Região” como organizada “a partir da relação que o homem estabelece com a natureza, principalmente através do seu trabalho, resultando dessa troca espaços geográficos, dotados de especificidades naturais, econômicas e humanas.” (REICHEL, 2006, p. 44). A Região Platina corresponde, para a autora, aos territórios do Uruguai, pampa argentino e pampa sul-rio-grandense.

De acordo com Reichel (2006, p. 45) duas correntes são responsáveis pela introdução dos rebanhos de animais bovinos e cavalares no pampa sul-rio-grandense sendo que ambas saíram de Assunção então capital da província do Paraguai: A primeira corrente refere-se ao gado Vacum, que chegou a essa cidade em 1556, quando os primeiros colonizadores espanhóis adquiriram algumas cabeças de comerciantes da capitania de São Vicente, na América Portuguesa; e a outra se refere a partir do ano de 1606, quando têm início as ações catequizadoras da companhia de Jesus na Bacia do Prata. O gado vacum, além de principal fonte de alimento, fornecia couros para confecção dos abrigos, chamados *ranchos*, cujo couro era utilizado para dividir as partes internas e também fechar as aberturas. Com o couro também faziam artefatos como os utensílios para a montaria, camas, laços para prender os animais, entre outros.

A partir da terceira década do século XVII, devido ao constante ataque dos bandeirantes paulistas que objetivavam aprisionar indígenas para escravizá-los, processo que ganhou intensidade depois da tomada, pelos holandeses, das regiões africanas nas quais os portugueses se abasteciam de mão-de-obra escrava negra, esse gado foi abandonado pelos jesuítas, que se retiraram para a margem ocidental do rio Uruguai. O rebanho que foi deixado para trás reproduziu-se rapidamente devido às pastagens férteis do pampa, tornando-se *alçado* (livre). Algum tempo depois, os Jesuítas retornam ao território rio-grandense para fundar os Sete Povos das Missões. As estâncias, entendidas como propriedades rurais voltadas à pecuária para fins econômicos, surgem neste momento tendo o objetivo de prender e domesticar esse gado alçado (HOWES NETO, 2009, P. 68). O processo de domesticação e valorização econômica do rebanho bovino está associado à valorização do couro que era exportado para a Europa. Em um primeiro momento o gado era caçado sem a preocupação com a proliferação e cuidado desses rebanhos, prática que envolvia portugueses e espanhóis, grupos indígenas tais como charruas, minuanos e guaranis, e também cativos (MAESTRI, 2008). O couro era levado para Rio Grande, Montevideu e Buenos Aires e exportado para a Europa. Essas primeiras estâncias são entendidas por Maestri (2008, p. 190) como “fazendas chimarrãs” em que o gado começa a ser manejado, porém, de forma precária. A partir dos anos 1780, quando acontece o fortalecimento da produção charqueadora de grande porte no Rio Grande do Sul, tem-se a

valorização, para além do couro, da carne, e nesse sentido a domesticação do gado intensifica-se e surgem as “fazendas crioulas”.

A doma [domesticação] crescente dos bovinos constituiu o primeiro grande salto, da fazenda chimarrã a fazenda crioula. A castração dos novilhos pacificava os rebanhos e favorecia o engorde dos capados. Bovinos inteiros ganham mais peso pelo efeito anabólico dos hormônios testiculares, mas levam mais tempo para acumular gordura; castrados, ganham menos peso, mas produzem melhores carcaças pela deposição de gorduras. (MAESTRI, 2008, p. 192).

A atividade da pecuária, criação de gado bovino, equino e ovino, além de uma atividade econômica, passou a constituir o modo de vida dos habitantes, tanto os grupos indígenas do pampa, como os não indígenas que migraram para a região. Segundo Howes Neto (2009, p. 69) a partir do final do século XVII, com as reduções jesuíticas, que surge o “tipo social” entendido como “*gaudério*”, um “*vaqueiro errante*”, um nômade que trabalhava tanto *preando* (prendendo) o gado para os padres Jesuítas quanto por conta própria, vendendo couros, sebos, equinos, muares, entre outros. De acordo com Galeano Lopes (2010, p. 230) os primeiros gaúchos foram resultados da mestiçagem entre descendentes de europeus (espanhóis e portugueses) e ameríndios:

O homem local, a cavalo, sem se apropriar da terra nem se fixar em um único lugar, vivia da preação e da coleta da própria subsistência e do couro. Sem se sedentarizar definitivamente, habitava pequenos ranchos geralmente de couro, madeira e barro. Mas ligado as mães nativas, do que aos pais, geralmente de ascendência branca, porque esses não o reconheciam, foi desenvolvendo o próprio modo de vida. (GALEANO LOPES, 2010, p. 358).

Esses homens, a cavalo, gozavam certa liberdade, embora sendo recriminados pelas autoridades públicas. Maestri (2008, p. 253) se refere às reclamações dessas autoridades, no século XVIII, no sentido de que a *campanha* (outra denominação do pampa) estava infestada desses homens nômades que ganhavam sua subsistência no roubo e pilhagem de gado e couro. Essa suposta liberdade, segundo o mesmo autor, teria começado a entrar em crise a partir da segunda metade do século XIX quando os campos começaram a serem cercados (idem, 2008, p. 258). Foi com o aumento do número de estâncias, advindas da política de distribuição de sesmarias, iniciada a partir dos anos 1730, em que a Coroa portuguesa concedia terras principalmente a militares e tropeiros, que o

gaudério se transformou em uma mão-de-obra empregada, ou seja, num peão ocasional ou permanente (HOWES NETO, 2009, p. 70). Uma vez demarcada à propriedade, cercava-se, em princípio através de divisórias naturais como cercas de pedras, de vegetais espinhosos, utilizando-se de rios, fazendo valas. Na segunda metade do século XIX tem-se a introdução e difusão do arame liso e farpado que facilitou a divisão da propriedade em pequenos lotes.



Foto: DOMINGUES E JABLONSKY, 1954.

Por muito tempo a historiografia concebeu a escravidão no Rio Grande do Sul através da chamada “democracia racial”, baseada nos comentários de Saint Hilaire, que em viagem a então província de São Pedro entre 1820 e 1821, percebeu que os escravos eram poucos em quantidade e estabeleciam uma relação de fraternidade e amizade com os estancieiros, seus patrões. (TRAPP, 2011, p. 55). Para além disso, a esses “poucos” escravos eram atribuídos serviços auxiliares ao pastoreio sobre a condição de que somente assim era possível a vigilância sobre estes. As tarefas atribuídas aos escravos eram “ajudar o *posteiro*; fazer lenha; queimar campo; carregar madeira para fazer mangueiras; tirar leite das vacas; cuidar dos porcos. No rodeio serviam de auxiliar dos peões, não constando que lhes

confiasse um cavalo para andarem sozinhos no campo”. (FREITAS, 1993, p. 453).



Foto: JABLONSKY & VALVERDE, 1955.

Entretanto, a historiografia contemporânea apresenta dados que divergem dessa concepção vigente como o trabalho de Corrêa (2012) que, tendo como dados os inventários post-mortem da vila de Caçapava/RS na década de 1830, percebeu que o número de escravos nas propriedades rurais de pequeno, médio e grande porte era expressivo estando em relação com a quantidade de gado vacum. Nas propriedades de grande porte, por exemplo, com um plantel de gado acima de 1 000 cabeças, a média de escravos era de 20 para cada unidade produtiva. Analisando esses inventários, o autor encontra um número expressivo de escravos especializados, tais como domadores, campeiros, entre outros. O que mais se repete nestes inventários é o ofício de campeiro e o número aumenta quando estes têm mais de uma especialização. Dos 61 inventários analisados 43 eram sobre propriedades voltadas para a pecuária que tinham escravos, onde foram levantados um número de 16 campeiros que, se somados aos outros 10 que eram, além de campeiros, domadores, chega a 26 o número de escravos voltados para trabalhos no pastoreio. Esses escravos especializados estavam presentes, na

grande maioria, nas unidades produtivas com maior número de gado vacum.

A introdução dos animais cavaleiros pelos espanhóis na Região Platina data do início do século XVI. Esses cavalos multiplicaram-se nos pampas argentino, uruguaio, e rio-grandense sendo adotados, tanto como alimento quanto para montaria, pelos indígenas da região. Armando Teixeira Primo (2004) se refere à admiração e medo que os primeiros contatos dos ameríndios com os cavalos causaram. Segundo o autor, em quase todas as regiões que os espanhóis, em processo de ocupação e exploração da América, cruzavam, estes tomavam o cavalo e cavaleiro como uma só pessoa, pensando que estavam unidos ou que era algum animal monstruoso. Numa passagem o autor diz:

Os nativos ficaram aterrorizados ao ver que ‘um animal monstruoso’ se partia em dois pedaços quando Pizarro³¹ foi derrubado de seu cavalo. Ficaram de tal maneira espantados e fugiram espavoridos pois pensavam que o homem e cavalo constituíssem uma só criatura, e não podiam compreender tal divisão. (PRIMO, 2008, p. 80).

Em uma lenda charrua sobre o encontro desta etnia com os espanhóis o cavalo e cavaleiro eram percebidos como “mitad guerreros y mitad venados gigantes; tenían pecho de luna y cabeza de sol, y a veces resoplaban por la boca como el viento en el juncal”. (ZARRILLI, 1950). Seguindo com as anotações de Primo (2004, p. 150 - 151) os relatos dos “conquistadores” se referem a admiração que o cavalo exercia nos indígenas. Esses relatos se referem ao fato destes perceberem que o relincho era a linguagem entre o humano e o cavalo: “Quando ouvem um cavalo relinchar, temem sua fúria e procuram aplacar a ‘ira divina’ desse animal oferecendo presentes (...)”.

Esse misto de medo e admiração por esses “personagens estranhos” transformou o modo de vida dos indígenas que, após dominarem a monta do cavalo, serviram-se deste animal, com incrível habilidade, para praticarem a caça do gado pela carne ou couro (MAESTRI, 2008, p. 186). Montando em pelo, sem freio e utilizando o *bocal* que é um anel de couro que se coloca no queixo do cavalo e no qual se prende as rédeas (PRIMO, 2013, p. 26), tornaram-se exímios cavaleiros como se pode perceber nos relatos de viajantes como Dom Félix Azara sobre os ginetes³² indígenas missionários:

³¹ Francisco Pizarro foi um dos conquistadores espanhóis do império Inca (Peru).

³² Denomina-se ginete aquele que é bom cavaleiro.

Aqui vi tudo o que é capaz de fazer um homem a cavalo, em pêlo e com uma grande lança. Disparavam os cavalos com toda a fúria, estacavam-nos de repente e resolviam com agilidade indizível; no momento mais violento da carreira saltavam em terra, e montavam outra vez a cavalo, com a ligeireza de um falcão, apoiando-se na lança; às vezes se punham para um dos lados, ocultando-se de tal forma com o pescoço, a cabeça e o corpo do cavalo, que parecia que este corria sozinho. (DOM FÉLIX AZARA, apud FREITAS, 1993, p. 448).

Para Howes Neto (2009) a *identidade do gaúcho* se constituiu e está constituída na figura do cavalo em que o mesmo é para o peão campeiro sua própria extensão. Reverbel (1986) mostra relatos históricos de viajantes que cruzaram o pampa nos séculos XVIII e XIX e que se referem à simbiose entre o cavalo e o campeiro como a frase de Dom Félix Azara:

Muito repugna ao gaúcho toda a ocupação que não seja a cavalo ou a galope. Quase não sabe andar a pé e, quando faz, mesmo que seja apenas para atravessar a rua, mostra-se desgostoso e de má vontade. Quando se reúnem os gaúchos nas pulperias³³ ou em outros locais, permanecem sempre a cavalo, mesmo que a conversação dure várias horas.” (DOM FÉLIX AZARA apud REVERBEL, 1986, p. 34).

Por conseguinte, Leal (1997) apresenta o relato de Paolo Mantegazza, médico italiano que se estabeleceu na Argentina em 1854 ficando ali por alguns anos. A autora considera o viajante como um “etnógrafo do grupo gaúcho” que descreve a partir do estranhamento o modo de vida dos “gaúchos” enfatizando que a relação estabelecida com o cavalo que molda o seu modo de ser:

O gaúcho passa mais da metade de sua vida sobre o cavalo, às vezes, come e cochila sobre a sela. A pé, não sabe caminhar direito e ao arrastar suas esporas enormes e pesadas, que impedem de caminhar como nós, parece um pássaro desterrado e submetido a viver sobre a terra. [...] Desta necessidade de vida *aérea*, tomam forma e medida mil elementos da vida física e moral do gaúcho, desde seu esqueleto até a mais terna expansão de seus sentimentos. (MANTEGAZZA, 1916 [1867], p. 59 apud LEAL, 1997, p. 204/205).

José Iran Ribeiro (2010, p. 111) apresenta “evidencias documentais” que tem como referencia a documentação histórica do período da Guerra dos Farrapos ou revolução farroupilha, evento que aconteceu entre 1835 e 1845, na qual aponta sobre o fato de os homens da província do Rio Grande de São Pedro ter “no andar montado a cavalo um sinal de status social em relação aos que não dominavam a habilidade da montaria”. No cotidiano do exército a afirmação da

³³ Estabelecimentos comerciais.

“identidade rio-grandense” como cavaleiros habilidosos se dava por meio do choque cultural por meio do encontro com o outro, os “baianos” - denominação dada a todos que não nasciam no Rio Grande do Sul -, que não tinham por desonra andar a pé.

A vida cotidiana nos campos e o quase permanente estado de guerra contribuíram para transformar os povos da região em exímios cavaleiros. Isso, somado a crescente diferenciação social entre os que andavam montados e os que tinham que caminhar, acabou levando a uma valorização extremada do serviço militar na cavalaria, a ponto de se transformar num dos elementos constituidores da identidade regional, talvez o mais distante deles. (RIBEIRO, 2010, p. 118).

Pelas habilidades dos cavaleiros rio-grandenses, que embora segundo o autor, fosse uma autoconstrução sendo sinal de status social, em que somente aqueles melhores situados e protegidos serviam na cavalaria enquanto os agricultores, pobres sem vinculação com os oficiais comandantes e escravos, serviam na infantaria, se tornou consenso de que os habitantes da província eram os melhores cavaleiros e passaram a formar os corpos de cavalaria do exército imperial enquanto os militares vindos de outras províncias, mesmo que dominando a arte da montaria, eram incorporados nas unidades de infantaria. Por outro lado, a familiaridade dos habitantes do pampa com os cavalos, entre outros fatores, tornaram a cavalaria ligeira a principal força dos exércitos no sul no qual se desenvolveu um tipo de guerra: A “guerra a gaúcha” que “era uma tática de movimentos rápidos e de enfrentamentos diretos, que carecia de cavaleiros habilidosos na condução dos animais e, não menos importante, de homens que pudessem substituir com os recursos disponíveis nas áreas de atuação.” (ibidem, 2010, p.118)



Foto: JABLONSKY & RUSSO, 1955.

Junto a habilidade dos campeiros na montaria e nas lidas nos relatos dos viajantes se encontram descrições das habilidades dos cavalos nas atividades de pastoreio como o relato de Kidder (1980, p. 249 *apud* MAESTRI, 2008, p.230) que se refere a habilidade do cavalo na lida com o gado:

(...) quando o vaqueiro atira o laço, eles [os cavalos] sabem exatamente o que devem fazer. Às vezes quando a res é bravia, o cavaleiro esbarra o cavalo e salta enquanto o boi continua correndo até esticar o laço de couro cru. O cavalo vira-se e firma-se no chão para esperar o golpe do animal em disparada há de fatalmente dar. O boi que não espera a parada repentina, esparrama-se no chão. Levantando-se novamente atira-se contra o cavalo para chifrá-lo, mas este em disparada mantém a distância até que o boi convicto de que nada poderá fazer, tenta novamente fugir e novo golpe do laço dá-lhe com os costados em terra. Assim, vencido pela fadiga, o pobre animal entrega-se inteiramente a seus captores.

A introdução do alambrado, a partir do século XIX, está associada a um processo mais amplo de transformação da pecuária no pampa. Esta mudanças estão associadas também a criação das associações rurais que surgem com propostas de melhorias nas técnicas criatórias, no aperfeiçoamento genético das raças dos animais vacuns e cavалares e no surgimento de novas plantas

forrageiras. A partir do século XX a paisagem do pampa seguiu o processo de transformação: grandes extensões de terra, antes voltadas exclusivamente para a criação de gado tiveram suas atividades convertidas para a lavoura de arroz (em meados da década de 1960); some-se a isso a reforma agrária iniciada na última década do século XX e, a partir do século XXI o plantio de pinus e eucaliptos para empresas de celulose e papel. (SCHUWANZ; ZANIRATO, S/D). Percebe-se, assim, que as transformações da rede da pecuária no pampa estão associadas às relações entre atores humanos e não humanos.

As transformações socioeconômicas da pecuária influenciam diretamente nas configurações do trabalho, e conseqüentemente, no modo de vida. Inseridos nos processos mais amplos de transformações sócio-técnicas da pecuária esses *campeiros* tem de se (re)inventarem e atualizarem seu modo de viver. Nessas transformações do universo rural, o modo de vida dos interlocutores da pesquisa foi atingido e a decisão da migração para as cidades da região, consiste numa das estratégias (SILVA, 2014). Cyro Martins, escritor rio-grandense, ao escrever a “*Trilogia do Gaúcho a pé*”, composta pelos romances “*Sem Rumo*” (1937), “*Porteira Fechada*” (1944), e “*Estrada Nova*” (1954), descreve o processo de êxodo rural devido aos problemas sócio econômicos da pampa sul-rio-grandense a partir de 1910, destinando os peões das estâncias em direção dos cinturões pobres das cidades. O gaúcho se torna um “trabalhador descapitalizado, pobre, desempregado, que substitui o trabalho no campo por um subemprego na cidade” (HOWES NETO, 2009, p 101). O “gaúcho a cavalo” se torna o “gaúcho a pé” que se encontra sem rumo, percorrendo uma nova estrada em direção de uma vida urbana (ibidem, p. 101). Nessa passagem Cyro Martins descreve o momento em que o personagem Guedes, ex-campeiro que, “expulso” da estância falida, migrou para a “vila”, perde a sua condição de ser, ou seja, de “gaúcho a cavalo”, ao vender os *aperos de montaria* como forma de conseguir dinheiro para poder alimentar a família:

Guedes saiu a passos trôpegos pelo caminhozinho pedregoso, levando os seus arreios de campeiro para vender ao primeiro que lhe desse vinte ou trinta mil réis. Cortava assim o último tento que lhe desse a vida passada. Curvava-se à fatalidade, cedendo a um designo doloroso de gaúcho ‘de a pé’. (MARTINS, 1993, P. 95)

As pesquisas que desdobram os levantamentos iniciais do INRC – Lidas Campeiras, se depararam com proprietários e ex-proprietários rurais, campeiros, domadores, alambradores, guasqueiros e ex-tropeiros residindo nos ambientes urbanos e exercendo atividades que relacionam o trabalho e o viver no campo com a realidade que a vida e os sujeitos citadinos demandam (SILVA, 2013). São domadores trabalhando em hospedarias de cavalo onde exercem a doma para a lida, lazer e para esporte, guasqueiros (artesãos em couro), entre outros. Estes vão e vêm fisicamente ou, virtualmente (SILVA, 2013), do campo para a cidade e da cidade para o campo. Através da memória e experiência acionam e reconstróem as categorias de trabalho e das lidas para atuarem no novo contexto e, assim, (re)construir/inventar seu modo de ser e viver. Os campeiros fazem a história



Foto: GEIGER & JABLONSKY, 1959.

2.3 – “De a cavalo”: O modo de vida dos peões campeiros



Fonte: Acervo do INRC – Lidas Campeiras

Quando nos deparamos com o termo “*pampa*”, de uma maneira geral, associamos à imagem de um manto verde que se perde de vista e, constituindo esse manto a presença de um humano - “*de bota e bombacha*” – que está montado em um cavalo. Se estendermos a imaginação podemos observar que esse humano/cavalo, acompanhado de alguns cachorros, vai à *culatra* (atrás) de uma tropa de animais vacuns. Humanos, animais, artefatos e ambientes constituem esse lugar denominado pampa. A palavra vem do vocábulo quéchua, que significa área baixa e plana. Caracterizado por uma vegetação composta por gramíneas, essas planícies desertas dão a sensação, àquele que vivencia sua imensidão, de que o tempo e o espaço são imóveis e cada dia é o mesmo que o anterior (LEAL, 1989). Essa imobilidade que se cria a partir da vivencia na imensidão de um espaço que parece não ter fim, em que a “*noite é longa e o dia passa devagarzinho*” - como escreve Tadeu Martins no poema “meu rancho” musicado pelo cantor nativista Luiz Marengo -, gera uma sensação de “vazio” em Leal (1989). Ao encarar a imensidão

do pampa buscando encontrar pessoas a autora somente encontrava gado suscitando a experiência emocional de solidão. A mesma autora se refere à percepção de um interlocutor, peão campeiro, para quem o pampa é “the place where one has to meet himself” (ibdem, p. 76). Em diversos momentos do trabalho de campo a autora enfatiza a introspecção de um sujeito que se encontra só. A agência do ambiente se faz presente na construção do ser e, nesse sentido, a “cultura do gaúcho” é centrada em si própria e autoreflexiva:

Sorrounded by such immensity, one turns inside himself, or holds to himself as a sort of fixed point of reference. At the end of the day on the *estancia*, the men came back from the field, unsaddled their horses, prepared to make an open down facing west. Motionless and quiet, apparently uninterested, they observed the sunset. At that point, it is hard to distinguish my own feelings from those I attribute to them. After all, we were all subject to this same wide open landscape – they, with the continuity of spectators of an entire life. (LEAL, 1989, p. 78)

A sensação é de solidão quando o olhar busca alguém, só encontrando bois, cavalos, pica-paus do campo (*Colaptes campestris*) e quero-queros (*Vanellus chilensis*). Entretanto, o sentimento de solidão consiste numa experiência emocional subjetiva e, ao mais que isso, social, em que o sentido de viver está relacionado com o compartilhamento de vivência com os outros. Assim, o sentimento de solidão é suscitado pelo fato de estar só, e esse sentir-se só é um sentimento definido coletivamente (RESENDE et al, 2010). Por outro lado, quando se pensa o social construído por humanos e não humanos é possível repensar a experiência da solidão. O olhar que só encontra bois, cavalos, pica-paus e quero-queros é também “encontrado” pelo olhar deles: os cavalos e bois param de pastar para nos olhar e acompanhar nossos movimentos; Os quero-queros e os pica-paus com seus gritos denunciam nossa presença e quebram o silêncio. Esses últimos são considerados os guardiões do campo por estarem sempre alerta e assim, acusarem a presença de estranhos ou predadores, alertando os outros animais. Estamos criando relações, pois nossas presenças e olhares, nossas linhas de devir (INGOLD, 2012) se encontram nos mostrando que não estamos sozinhos. Nesse caso, não desconsidero a introspecção do campeiro, mas busco as relações que este estabelece com os ambientes, com os artefatos e com os animais. Se a condição da própria existência está na importância que temos e damos aos outros, os campeiros estão constantemente aprendendo e ensinando, a



Assim, o pampa é um “*silencio rodeado a berro*” e uma “*solidão sem viver só*” como é observado no poema, já citado, de Tadeu Martins, poeta da região das Missões, situado no Noroeste do Rio Grande do Sul, que fora musicado por Luiz Marengo, interprete de música nativista³⁴. Humanos e não humanos estão em constante interação: O peão campeiro conhece a linguagem do gado, do cavalo, dos pica-paus e dos quero-queros e estes conhecem e respondem à comunicação do campeiro. Nesse sentido, retomo a discussão de Tim Ingold (2010, p. 31) de que habitar o mundo é se juntar ao processo de formação. É se envolvendo com o ambiente e com outros entes que o habitam que a habilidade é incorporada. Portanto, a partir de agora descrevo, com base na experiência em trabalho de campo e experiência vivida, as atividades do pastoreio chamando a atenção para a interação entre peões e cavalos. Ambos percebem o ambiente que habitam incorporando no saber/fazer essa interação tanto entre um e outro, quanto entre

³⁴ Para Leal (1989) mesmo que a música nativista é escrita por poetas residentes em áreas urbanas, elas refletem a realidade daqueles que vivem nas áreas rurais. Além disso, muitos poetas são (ou foram) campeiros, ginetes, domadores, sendo essa vivencia explorada nos seus poemas. Nesse sentido, nas músicas e poemas perpassam discussões acerca de questões debatidas pelos campeiros.

eles e o pampa.

As atividades de pastoreio numa propriedade rural no município de Aceguá na microrregião da campanha do Estado do Rio Grande do Sul, caracterizada pela presença da pecuária de corte extensiva, inicia quando o sol começa a “*espiar*” no horizonte iluminando o manto verde que se estende pelos campos dobrados. Ao longe a silhueta dos cavalos, das ovelhas, dos bois pastando a gramínea molhada pelo sereno da noite. As vacas de leite esperam junto a porteira do *potreiro* perto das casas, que é uma área pequena destinada a deixar as vacas de leite e os cavalos que estão trabalhando nas atividades do pastoreio, o *peão caseiro*, responsável pelas atividades domésticas como carnear ovelhas para o consumo da propriedade, ordenhar as vacas, entre outras. As vacas oferecem o leite e, em retribuição, ganham ração. Tem que haver essa reciprocidade para elas “*descer o leite*” caso contrário elas escondem e o peão não consegue ordenhá-las, pois o leite não sai nos tetos. A atividade de ordenhar as vacas é chamada de “*fazer tambo*”. Enquanto isso, os demais peões preparam-se para começar a lida que inicia às seis horas da manhã. A tarefa do dia é “*recorrer o campo*”, ou seja, percorrer, a cavalo, a área em que se encontra o gado bovino. Nesta atividade é analisado se alguma rês forçou a cerca de arame e cruzou para outro campo, se tem alguma rês “*apesteada*” (sofrendo alguma doença) ou com carrapato (*boophilus microplus*). Conforme a situação do gado estes serão trazidos para serem tratados na “*mangueira*” que é um curral de pedra, madeira ou cercado por arames que serve para prender os animais para serem manejados.

Depois de tomar o *chimarrão*, erva-mate (*illex paraguariensis*) colocada dentro de um recipiente em que se coloca água quente a qual se bebe por meio de um tubo, chamado *bomba*, e comerem assado as vísceras de um *capão* (ovelha com idade de até 1,5 anos), os peões se preparam para iniciarem as atividades da lida no campo. Um peão reúne os *cavalos de lida*, ou seja, aqueles que serão montados pelos campeiros para trabalhar com o gado. Esses cavalos pernoitam no *potreiro* perto *das casas* e, nas épocas frias, quando os pastos estão fracos, com poucos nutrientes, recebem ração para ter energia suficiente para a lida. Cada cavalo trabalha dois dias na lida e folga, ou seja, é solto no campo por outros dois dias para descansarem. Os equinos são trazidos para o curral que fica anexo ao galpão em que se guardam os *arreios* que são os artefatos para encilhar esses animais para a montaria. Os artefatos pequenos ficam pendurados nos pregos ao

longo da parede enquanto os maiores como as selas e os pelegos (pele e lã extraída da ovelha que se colocam em cima da sela) nos *cavaletes*. Chama a atenção a organização desses artefatos colocados em seus devidos lugares que, segundo os interlocutores, tem-se esse cuidado para facilitar o momento de encilhar os cavalos em que o campeiro não necessita estar “*campeando*”, ou seja, procurando os artefatos atrasando o andamento das atividades.

Quando os cavalos estão no curral um peão ata uma corda num moirão e organiza os cavalos espichando a corda fazendo com que estes encostem o peito nesta. São dez cavalos para a escolha de quatro campeiros. Os equinos ficam emparelhados ou, como os campeiros dizem, “*na forma*”. No mesmo princípio dos arreios, segundo os interlocutores, faz-se isso para organizar os cavalos facilitando o trabalho dos campeiros considerando que quando eles estão dispersos muitas vezes não permitem o peão chegar e colocar o buçal para apreendê-los. Em alguns casos o cavalo não gosta daquele peão que vai encilhá-lo e assim resiste à apreensão. Os peões também têm suas preferências e essas interações são construídas por meio desse encontro de personalidades. Deixar os cavalos *na forma* significa organizar a manada para que os campeiros possam escolher. A escolha do cavalo está de acordo também com a lida do dia relacionando a tarefa que o peão vai realizar com a habilidade do cavalo para executar tal tarefa. Por exemplo, se o peão está responsável por recorrer o alambrado para consertar suas falhas, precisa levar a pá e a máquina para espichar o arame que são colocados na *galhota* que é uma pequena carrocinha com um braço que se prende na *cincha*³⁵ dos arreios. O cavalo escolhido precisa conhecer e saber puxar tal carrocinha. Outra razão que os interlocutores elencaram sobre a escolha está no fato de algum campeiro mais experiente, ou o *domador*, que precisa pegar um determinado cavalo com alguma *balda*, ou seja, o cavalo está com alguma atitude que necessita ser corrigida.

³⁵ Peça dos arreios que serve para firmar a sela sobre o lombo do cavalo. Também é na cincha que fica o *cinchador* sendo uma peça de couro ou ferro colocado no lado direito onde se prende o *laço* ou a *galhota*.



Fonte: Acervo do INRC – Lidas Campeiras – cavalos sendo colocados “na forma”.

O cavalo escolhido é preso na cabeça pelo o *buça*³⁶ na qual o campeiro o conduz até o galpão para encilhá-lo. Esses cavalos passaram por um processo de *doma* que pode ser definida como uma ação humana que tem em vista ensinar o cavalo para a execução da lida no pastoreio. Esse aspecto vai ser desenvolvido no próximo capítulo, entretanto, é importante ressaltar que esta prática é um trabalho, constituído de diferentes momentos nos quais se aciona a utilização de determinados artefatos, que tem como objetivo fazer com que o cavalo aprenda a se comunicar com humano visando fins relacionados à lida campeira. Os primeiros processos da doma estabelecem uma domesticação do cavalo ensinando-o a “*interagir*” com o campeiro através dos artefatos, sendo a aprendizagem para a lida praticada no trabalho de campo. Nesse sentido, o cavalo domado para o trabalho no pastoreio não fica totalmente “*pronto*”, ou seja, será na lida, na prática do pastoreio, que este vai aprender e adquirir a habilidade. Para os campeiros os cavalos também trabalham e se constituem como sujeitos nas lidas. Nesse sentido denominam o cavalo domado como um “*cavalo sujeito*”. Como vou desenvolver a

³⁶ Peça dos arreios colocada na cabeça e pescoço dos cavalos para prendê-los.

seguir, o humano também se torna “*sujeito*” quando começa a praticar as lidas. Assim, essas atividades têm agência sobre humanos e animais tornando-os “*sujeitos*”, ou seja, reconhecidos como alguém de valor.



Fonte: Acervo do INRC – Lidas Campeiras – Campeiro encilhando o cavalo para a lida.

No galpão estão pendurados, nos cavaletes, os artefatos para a montaria e lida. Muitos desses artefatos, feitos de couro curtido de animais bovinos e cavalares, são confeccionados pelos peões nos horários em que não estão fazendo alguma atividade do pastoreio. Para encilhar os cavalos se acionam os seguintes artefatos: *xergão*, *carona*, *cela ou basto* e *cincha* no qual está anexado à *barrigueira*. Quando colocados esses artefatos o campeiro passa, por entre as argolas da *cincha* e da *barrigueira* uma tira de couro fazendo algumas voltas e depois as puxando que faz apertar todo o conjunto. Logo após coloca-se o *pelego* feito com couro e lã de ovelha e a *sobre-chincha* que aperta este último. Ao final colocam-se a *cabeçada* em que está anexado o freio que é uma embocadura de ferro, metal, madeira, borracha que se compõem de barra, parte que vai dentro da boca do cavalo, sem articulações exercendo uma forte pressão nesta. No freio estão anexadas as *rédeas* que são cordas de couro que ligam o artefato às mãos de campeiro que se comunica com o cavalo com o movimento das mãos que movimentam as *rédeas*. O *laço*³⁷ é o último artefato colocado nos arreios. Anexado aos arreios está uma bolsa de couro em que se colocam os “*remédios*” para se caso encontre algum animal machucado ou “*abichado*”. Depois de encilharem os cavalos, os campeiros sentam-se em um *cepo* para colocarem as *esporas*. Apesar de serem usadas nos pés do cavaleiro, as esporas fazem parte da monta, apresentada juntamente como parte dos arreios.

É um artefato tridimensional e consiste de uma armação de metal (em geral ferro) em forma de “U”. Na sua volta externa (volta do “U”), uma “roseta” se encontra acoplada à armação, por meio de uma extensão (“papagaio” – de 3 a 4cm ou mais) do próprio metal. A parte interna da volta do “U” fica encaixada no calcanhar da pessoa que usa a espora; uma corrente de metal ou o tento de couro faz um outro “U” que é acoplado por baixo do pé, firmando a espora no taco (salto) da bota do campeiro. Tentos de couro são utilizados fazendo voltas pela frente do pé, passando pela extensão de metal onde se encontra a “roseta”, com o objetivo de evitar que a espora se solte do pé. A “roseta” é um artefato de metal (em geral ferro ou latão) quase bidimensional, circular, achatado, de 2cm de diâmetro ou mais, com pontas agudas em toda a sua volta (pontas também variam de tamanho e de quantidade, de acordo com o tamanho da roseta). (RIETH et al, 2013, S/N).

³⁷ Corda trançada, feita de couro, nylon ou outros materiais, com uma argola de metal em uma das extremidades. A outra extremidade passa por dentro da argola, formando um anel, que é girada no ar, jogada sobre o animal, e esticada quando enlaçando este, até derrubá-lo. O laço é um instrumento manual com a finalidade de prender os animais. Pode ser usado pelo campeiro montando cavalo, bem como, no chão, quando em espaços cercados.

As esporas são utilizadas nos calcanhares dos trabalhadores campeiros, entretanto são entendidas como parte dos arreios e não do vestuário, pois atuam auxiliando no controle dos cavalos que estão sendo montados pelos peões. Estas são utilizadas quando necessitam que o cavalo fique mais ágil ou quando este se “*negaceia*” que se negue a praticar uma atividade. Conforme o cavalo vai aprendendo o uso das *esporas* diminui.

Os campeiros são trabalhadores que tem habilidade no manejo das lidas que envolvem o pastoreio. Quando eles vendem esse saber/fazer como força de trabalho são chamados de *peões*. Um campeiro conhece um pouco de cada um dos ofícios que compõem as lidas (RIETH et al, 2013). Embora entendidos como especialidades de determinados trabalhadores, essas atividades são abarcadas pelo saber/fazer do campeiro que não se considera especialista em uma só atividade conhecendo um pouco de cada ofício. Porém há uma prática que se sobressai na preferência no sentido de uma convicção pessoal, uma “*vocação*”, passando a viver “de” e “para” determinado ofício (WEBER, 2006). A etnografia de Liza Silva (2014) mostra que ao longo de suas trajetórias esses campeiros praticam determinados ofícios estando de acordo com os contextos em que estão inseridos. Consideradas como “*brabíssimas*”, em que se faz necessário encarar as forças da natureza demandando muita força física que, na linguagem do campeiro significa “*ter força no braço*”, estas práticas não são percebidas como negativas, pois tem agência sobre os sujeitos. Embora descrito como árduo, perigoso, insalubre, esse modo de vida traz os atributos ontológicos necessários à construção desses homens como pessoas sendo a condição de sua existência (RIETH, RODRIGUES & SILVA, 2014).

O aprendizado desse trabalho é transmitido de geração em geração, através do que Ingold (2010, p. 20) se refere como “*educação da atenção*”. Esse aprendizado não se dá pela entrega de um “*corpo de informações desincorporada*”, consideradas “*representações*”, mas pela criação, por meio das atividades de determinada geração, de “*contextos ambientais dentro dos quais as sucessoras desenvolvem suas próprias habilidades incorporadas de percepção e ação.*”

A gente aprende olhando quando guri, alguém ia fazer uma coisa na estância agente já ia sempre junto. Se fosse doma, alcançava um arreio, alcançava uma cincha um pelego. Quando tinha uns doze treze anos, já ia montado naqueles bichos. Não tinha outra coisa melhor que fazer aquilo ali. Aquela estância ali que era do seu Fernando Ferreira, nós éramos guri no tempo que tinha marcação nós íamos tudo para ali. A gurizada ficava tudo ali para ajudar e já ia aprendendo. Para hoje nós muitas coisas já ensinamos para muita gente, assim como agente aprendeu. Trabalhando de capataz, mas também de empregado primeiro para depois chegar a capataz! Não começamos de capataz de saída. Começamos de empregado e tudo um pouco, para depois nós chegarmos a ser capataz nas estâncias. (Beto, domadores e campeiros do município de Bagé, em entrevista realizada a equipe do INRC – Lidas Campeiras)

Pode-se perceber que pessoas, animais, artefatos e os fenômenos da natureza são agentes na construção desse momento. O modo de vida dos campeiros é construído por meio da interação de diferentes agentes que constroem relações e são construídos enquanto sujeitos configurando modos de saber/fazer. O saber é incorporado na prática acompanhando os processos de transformações dos contextos em que são desenvolvidos. As incorporações de novas atividades ensinam, aos campeiros, novas formas de exercer o ofício, como se pode observar na entrevista com Neco, peão na estância Santa Leontina, concedida ao INRC – Lidas Campeiras:

Entrevistador: *E tu aprendeu [as lidas] com quem?*

Neco: *Bom, eu tive de professor: Para começar, meu pai, que hoje não existe mais entre nós. Eu comecei a trabalhar em cabanha e no campo com ele. [O outro é] seu Adão que é meu sogro, mas um pouco de pai também. Quando eu vim com 12 anos para cá ele era o capataz, e é uma coisa que ele tem feito, ele tem tido muita paciência porque ele educou muito guri... e não é fácil tu lidar com a gurizada, é complicado e requer paciência né. Mas ele educou muita gente. Por fim, tem a Santa Leontina que a gente usa ela como um laboratório, um colégio, uma faculdade, porque aqui tu aprendes de tudo. Nós não só encilhamos um cavalo e vamos para o campo né, nós temos que trabalhar de a pé. Se tiver que subir num trator, quase todos aqui da estância*

pega e sai né, se tiver que alambrear nós vamos pegar e fazer. Hoje, nas estâncias o serviço é geral, não é específico. Esse guri mesmo que doma, o Mano, é domador na estância, mas é mensal e trabalha no campo com nós, ele alambrea e se tiver que pegar numa tesoura de esquilar uma ovelha nós temos que esquilar. Então hoje, os gurus mesmo que estão aqui que trabalham de a pé, que são os que cuidam a volta das casas, o jardim, que a gente chama “os caseiros”, lidam com as vacas de leite, mas também alambream, carpinteam, montam a cavalo, trabalham de a pé, tudo o que for necessário eles fazem. Dentro da estância é um laboratório.

Jussemar Ferreira e Leticia Gonçalves (2011) apresentam uma ambiguidade na questão do trabalho do peão campeiro considerando que este é, acima de tudo, um estilo de vida que entra em conflito com as leis de trabalho estabelecidas pela legislação federal. Levantar de madrugada, tomar chimarrão no galpão e comer o churrasco, antes de sair o sol já esta “se indo para o campo” que significa iniciar a atividade do dia e retornar “quando o sol encerra as brasas”³⁸ são heranças que remetem, para além do trabalho, a um modo de vida que, por sua vez, entra em conflito com a legislação trabalhista que determina uma jornada de oito horas diárias. Há um entrelaçamento entre modo de vida e trabalho como se pode observar nessa entrevista abaixo realizada pela equipe do INRC – Lidas Campeiras:

Entrevistadora: *Como é que começava o dia?*

Beto³⁹: *Eu me levantava às quatro da manhã, por que eu sou muito tomador de mate. Tinha que tomar bastante mate. E seis horas é a pegada. E seis horas eu estava no galpão! Já providenciando as coisas para os cavalos.*

Entrevistadora: *Parava depois para almoçar?*

Beto: *Às onze horas eu já estava chegando a casa! Dependendo do serviço. E depois a pegada duas horas da tarde em ponto! E as seis, cinco e meia da tarde soltavam, no inverno sempre parava às cinco e meia.*

Entrevistadora: *De domingo á domingo?*

Beto: *De segunda a sábado. Sábado de tarde eu já liberava o pessoal. E eles*

³⁸ Processo denominado “seguir o horário do sol” que consiste em fazer uma carga horária que não segue o horário estipulado pelo relógio, mas pelo sol: Iniciam-se as atividades no nascer do sol encerrando quando o sol está se pondo

³⁹ Campeiro e capataz de estância do município de Bagé.

tinham até segunda feira meio dia para se apresentar na estância, ficava só um dos funcionários de caseiro no fim de semana.

Entrevistadora: *E depois ia dormir que horas?*

Beto: *Aí a hora que me deitava dormia, eu sempre fui de janta cedo, almoço no horário janta também me deito e em seguida já to dormindo! Geralmente tem que deitar cedo para levantar hora destas quatro horas da madrugada. É umas oito horas!*

Entrevistadora: *Qual era o Primeiro serviço da manhã?*

Beto: *O primeiro serviço era assim, o que estava tinha o caseiro dá o café, botar as vacas. Um dos meus funcionários que trabalhavam na lida de campo tinha um fim de semana para cada caseirar e um para recolher. O que era recolhedor tomava café e já saía a recolher. Ai depois se encilhava e eu determinava tu vais para lá, o outro vai para cá o fulano vai comigo. Ai só se reunia de novo na hora do meio dia e de noite. A não ser que tivesse algum gado para banhar ou para lidar. Aí nós estávamos todos juntos. Funciona assim mais ou menos neste esquema! (Entrevista, setembro de 2011).*

A iniciação do modo de ser campeiro se dá quando *guri*⁴⁰ quando estes são responsáveis por pequenas tarefas como buscar as vacas em algum *potreiro* no final da tarde. Nessas andanças em trabalho etnográfico me deparei com o caso de um filho de um proprietário rural no município de Candiota - RS, município localizado na campanha, que com dez anos estava praticando as lidas da doma de cavalos. O pai, domador, iniciava o cavalo e o filho seguia o processo. No final da tarde, este buscava o cavalo no *potreiro*, encilhava e ia para o campo trazer as vacas para a ordenha. A destreza na montaria era enfatizada pelo pai que acompanhava, com orgulho, os movimentos do *guri*. Vez por outra, este indicava alguma ação para o filho fazer, como ter mais cuidado ao cruzar perto das patas traseiras do cavalo e também ter cuidado em não “*atropelar*”⁴¹ o animal em direção as vacas, porque este estava aprendendo e poderia corcovear, ou seja, se rebelar e começar a pular derrubando o aprendiz de domador. O garoto encilhava o cavalo e montava com facilidade. Ao descer do cavalo que o ficava observando criando uma percepção de que estavam conversando. O *potro*⁴² acompanhava os

⁴⁰ O termo *guri* é designado como referência ao menino.

⁴¹ *Atropelar* o cavalo significa fazer este avançar bruscamente em direção ao gado para atacar alguma rês, ou para assustar os animais fazendo-os se movimentarem com mais rapidez.

⁴² Cavalo que está sendo iniciado no processo da doma.

movimentos do menino que fora buscar o chapéu e, quando este se preparou para montá-lo o cavalo preparou o corpo numa atitude que, na minha percepção, parecia que estava o auxiliando para montá-lo. Quando não está na escola o menino está sempre em volta desses animais e disse não gostar da cidade porque lá não tem cavalos e, além disso, lhe é negada a possibilidade de dormir nos arreios.



Fonte: Acervo do INRC – Lidas Campeiras.

A partir dos 15 anos de idade se começa a acompanhar os adultos nas atividades campeiras. A iniciação nas lidas é de intensa atividade física em que ao jovem campeiro cabe a tarefa de derrubar e segurar o boi ou a ovelha na “força do braço”. Essas atividades acontecem na mangueira. Os campeiros mais experientes laçam o animal em forma de *pealo*, que acontece da seguinte maneira: a armada do laço é lançada e direção as patas dianteiras do animal em disparada. No momento em que o animal cruza por dentro da armada o peão puxa o laço que se fecha e prende as duas patas. Com as patas presas, se puxa o *laço* com força fazendo o animal cair no chão. Nesse momento, os jovens correm em direção ao vacum ao passo que, enquanto um pega com o dedo polegar e indicador, o focinho

deste e virando a cabeça em direção ao corpo do animal, o outro agarra a cola desse, passando por entre as patas traseiras e puxando-a rente a virilha. Enquanto a mão esquerda segura à cola a outra puxa uma pata. Feito isso, se atira o corpo para traz forçando a cola na virilha deixando o animal imóvel. Assim, os peões mais experientes podem fazer o tratamento de cura de alguma *bicheira*⁴³, castrar os novilhos e *marcar* que significa queimar o pêlo e o couro com ferro em brasa cujo formato identifica a propriedade do animal. Em outros casos, o guri tem que “*pegar o boi a unha*”, ou seja, o animal é laçado pelas guampas e amarrado a um palanque, ou um moirão ou tronco de árvore caso a atividade seja no meio do campo. Com o animal preso o aprendiz tem de se aproximar do novilho, também jovem, com todo o cuidado, pois este pode o *atropelar*, ou seja, atacá-lo. Quando chega perto do animal se encosta o corpo no corpo do novilho e com a mão direita pega o couro da virilha e com a esquerda pega-se atrás da pata dianteira. Assim, puxa o corpo para trás trazendo o novilho que “*perde a força*” com as mãos apertando essas partes do seu corpo. Com o animal caído no chão, se faz os procedimentos elencados anteriormente. Estes momentos são perigosos, pois uma desatenção do peão pode abrir a possibilidade de o animal machucá-lo. Quando acontece isso, se cria uma disputa entre o humano e o animal e este último fica devendo uma revidada.

A iniciação nessas atividades é o momento da construção desses jovens como pessoas, ou como homens, que os fazem se tornarem sujeitos (SILVA, 2013). Além disso, a atitude de respeito perante os demais peões, com mais experiências nas lidas, está entre os atributos necessários a construção do ser campeiro:

Beto: *[A lida] obrigava a ser gente!*

Danilo⁴⁴: *Obrigava tu ser campeiro! Naqueles tempos a criação era outra!*

Beto: *Um guri de dezesseis, dezessete anos já tinha o direito de estar ali com os mais velhos. Mas para estar ali ele tinha que estar quieto. Se ele abrisse o bico, já lhe davam uma olhada e ele já sabia o que tinha que fazer!*

⁴³ Desenvolvimento de um processo que se inicia quando a mosca varejeira (*Cochliomyia macellaria*) insere ovos em algum ferimento do animal vacum. As larvas desta se desenvolvem se alimentando da carne aumentando a ferida.

⁴⁴ Campeiro e capataz de estância no município de Bagé.

A simetria entre o humano e cavalo pode ser colocada na condição do trabalho como constituidor do sujeito. Humanos e cavalos estabelecem uma relação de ensino e aprendizagem na lida: O jovem torna-se adulto através da *lida*, do trabalho, sendo esta quem o “*doma*”. O cavalo, antes considerado *potro*, ou seja, não iniciado, tornou-se “*sujeito*” quando começou a trabalhar nos serviços de campo. Na lida se estabelece uma relação entre humanos e cavalos em que o campeiro ensina o cavalo e este o ensina fazendo-o experienciar diferentes maneiras de praticar tal saber/fazer. Entretanto, para poder ensinar à um *potro* as habilidades da lida o campeiro/domador, além de aprender com os mais velhos, aprende também com um cavalo já experiente e que conhece as atividades. Quando o jovem peão começa a acompanhar os demais nas atividades de pastoreio aprende por meio da observação e prática. Entretanto, o cavalo que este monta já conhece os trabalhos e o iniciante tem que saber acompanhá-lo. Se caso estão conduzindo a tropa de bovinos para determinado lugar e um animal vacum “*refuga*”, que significa dizer quando o boi tenta fugir, o cavalo vai tentar impedir que este animal consiga a fuga. Ao campeiro cabe acompanhá-lo a ação com movimentos corporais. Portanto, os campeiros sempre dizem que “*para ensinar tem que aprender a fazer*”.

Por conseguinte, nas atividades pastoris, que no caso dessa descrição etnográfica é a lida com gado bovino, às habilidades de humanos e cavalos é complementado pela dos cães. Campeiros, cavalos e cachorros estabelecem uma relação entrosada, formando uma equipe, e a ação de um é complementada pela ação dos demais. Essa organização tem como busca conseguir segurar e conduzir o gado. Em cada movimento da tropa, acionam-se técnicas e determinados movimentos. A aprendizagem dos cães que praticam atividades da lida também se dá por um processo de incorporação de habilidades constituídas na experiência e na vivência do trabalho. Os cães jovens, por observação e imitação, vão aprendendo com os adultos, antes de tomarem parte efetiva nas tarefas (LIMA & BARRETO, 2014).

As estâncias são povoadas por diversos cachorros em que alguns gostam de estar na lida e outros, que não gostam da lida, ficam na volta dos estabelecimentos da propriedade. Quando alguém, que não reside na casa, se aproxima, eles latem chamando a atenção para a aproximação desse alguém. Entretanto, a pessoa que se aproxima já é denunciada pelo grito dos quero-queros no campo. A comunicação entre os quero-queros e os cachorros se dá de tal

forma que dependendo do grito dos quero-queros os cachorros sabem se é humano que está no campo ou outro animal. Por consequência, as pessoas que residem nas propriedades rurais conhecem os latidos dos cachorros diferenciando se indica que é em uma pessoa, ou se refere a outro fato que acontece. Aqueles cachorros que gostam de trabalhar nas lidas do pastoreio devem aprender a tocar o gado por diante e segurá-lo não o deixando escapar da tropa. Caso algum animal vacum consiga a fuga ele, muitas vezes, vai buscar refugio em algum mato. Cabe aos cachorros entrar mato adentro e buscá-lo de volta para a tropa. Enquanto isso, os campeiros a cavalo esperam e observam o trabalho dos cães. Assim, a aprendizagem dos campeiros, cavalos, cachorros é um processo de incorporação de habilidades constituídas na experiência e na vivencia do trabalho. (INGOLD, 2010; 2012).

Por conseguinte, cabem algumas considerações sobre os animais vacuns, domesticados para a produção de carne e couro, mas que também tem agencia na construção das lidas possibilitando a reflexão sobre as fronteiras entre natureza e cultura. Para isso, tenho como referencia o estudo etnográfico de nascimento (2014, p. 11) que ao observar a relação entre agricultores e seus animais no agreste paraibano, escreve: “O processo de domesticação de animais de produção pode ser compreendido por muitos como uma técnica que posiciona o animal na condição de ‘mercadoria’ (...)”. Entretanto, o convívio cotidiano consiste “não apenas numa apropriação do animal pelo homem, mas, ao mesmo tempo, numa familiarização entre os dois (...)” e assim, “homem e animal se domesticam nesse processo, ou seja, são ambos influenciados pela presença humana ou animal nesse contexto.” (NASCIMENTO, 2014, p. 08). Existe uma ambiguidade na relação entre o humano e o boi em que este ultimo em certos momentos encontra-se na condição de “sujeito” onde é estabelecida uma relação afetiva entre humanos e animais que se comunicam entre si, em outros, de objeto ou “mercadoria”. Para Sahlins (2003) a relação entre humanidade e animalidade está relacionada a questão do status que o animal tem na “participação como sujeito ou objeto” quando em presença com humanos. Tendo como campo a sociedade Norte-Americana desenvolve a noção de uma “razão cultural” que hierarquicamente separa os animais comestíveis dos não comestíveis. Bois e porcos são considerados comestíveis, pois não participam como sujeitos nas relações com os humanos. Cavalos e cachorros são animais não comestíveis pelo fato de estarem

próximos dos humanos participando na condição de sujeitos. O cavalo participa na condição de empregado e não-aparentado e o cachorro é considerado um aparentado o que explica o tabu de comestibilidade sobre este animal.

Como foi dito, o peão tem que conhecer a linguagem do boi, ou seja, através da observação do movimento corporal e do berro deste, o campeiro tem que saber como agir. Quando dentro de uma mangueira o peão sabe qual o animal que é manso e qual pode atacá-lo. O boi que “*anda com a cabeça sempre em pé*” é o mais agitado e se o peão se descuida ele vai atacá-lo. Por conseguinte, “*nunca se demonstra que está com medo do animal*”, pois se demonstrar, “*até os animais mansos te atropelam*”. O uso da violência é estabelecido por regras mercadológicas: Não se pode bater no animal com rebenques e varas porque machuca a carne e quando este for abatido esta parte machucada vai ser descontada no valor pago em dinheiro. Além disso, se condena a violência sem justificativa considerando que esta ação deve ser uma resposta a uma ação de ataque. Os animais bovinos e ovinos são os mais distantes das relações com os humanos e são tratados de forma coletiva, mas eventualmente, algum bovino como as vacas de leite que recebem nome e cuidados com ração e pasto, assim como um capão cuja mãe morreu e passa a receber leite na mamadeira, são incorporados no meio dos campeiros. Nesses casos, desfazer-se do animal é algo sentido, e muitas vezes, este é vendido para não ter que ser abatido na propriedade. Penso que a relação entre campeiros e animais bovinos e ovinos é menos próxima, no sentido afetivo, devido a dinâmica de circulação desses animais que ficam alguns dias no campo e, a qualquer momento, são vendidos. Por conseguinte, por serem destinados também para o consumo humano a relação tem que ser “objetificada” para justificar o abate. Conforme Guilherme Howes Neto (2009) a morte faz parte da vida cotidiana do campeiro e esta é vista como uma fato da vida: “*Nesse mundo uns morrem para matar a fome dos outros*”.

As transformações da pecuária influenciam diretamente nas configurações do trabalho e conseqüentemente no modo de vida. A pesquisa do INRC – lidas campeiras levantou dados sobre a introdução do método de pastoreio rotativo Voisin sendo um manejo sem utilização de implementos químicos como carrapaticidas, com alternância da ocupação das pastagens pelos animais, que altera a relação dos humanos e animais na lida extensiva. No trabalho empregado é “*o boi quem segue o homem, não o homem quem corre atrás do boi*” e a lida é feita sem

cavalos e cachorros.

A convivência diária entre o gado e o “*peão a pé*” estreita a relação entre ambos. Segundo um interlocutor da pesquisa do INRC-Lidas Campeiras, que era campeiro na “*fazenda Conquista*” localizada no município de Bagé-RS, propriedade referência na implementação de tal manejo, o gado vê o humano de outra maneira, não como um predador, mas como “*uma pessoa que está lidando com ele todos os dias*”. Este interlocutor, que aprendeu a exercer o ofício de campeiro trabalhando nas “*estâncias*”, que são as propriedades rurais voltadas para a pecuária extensiva, percebe a diferença entre as lidas que se dá no fato de no método Voisan o peão não “*toca as vacas*”, gritando e utilizando cachorros e cavalos, mas convida o gado com a expressão “*vem bo!*” ao passo que este imediatamente responde acompanhando o campeiro. O controle do carrapato se dá através da rotação dos piquetes e o controle natural feito pelas garças que acompanham o gado se alimentando desses artrópodes eximindo a utilização de insumos químicos. Em vez de cerca de arame, a cerca elétrica que divide a propriedade em pequenas áreas chamadas de *piquetes*. Em vez de cavalos, cachorros, esporas e rebenques o “*levante*” que é uma vara com média de dois metros de altura que serve para levantar o fio da cerca elétrica para os animais passarem quando estão sendo trocados de *piquetes*. Os proprietários da “*fazenda Conquista*” elencam a dificuldade em contratar campeiros para as lidas com o método Voisan. Elencaram uma resistência desses trabalhadores na “*lida a pé*” sem cavalo e cachorros e sem os artefatos que aprenderam a trabalhar.



Fonte: Acervo do INRC – Lidas Campeiras

Ondina Leal (1992; 1989) usa o termo “cultura gaúcha” para designar um modo de vida na qual o indivíduo tem que estar constantemente se afirmando em relação à natureza (1992, p. 144). Exposto às intempéries do tempo, aos animais “xucros”, a natureza, o gaúcho vivencia cotidianamente o perigo, a aventura. Por conseguinte, viver assim, significa não temer a morte e a cada dia esse tem que reafirmar que não teme nada. Para a autora “domar” significa “dominar” sendo a condição de existência para ser homem e o campeiro, constantemente, experiencia o sentimento de domínio da natureza. No entanto, quando começa a perder sua força física, que o tornava capaz de estabelecer disputa corpo-a-corpo com o animal, ele começa a pensar na morte. A decisão de encarar a morte é considerada corajosa no sentido de que esta significa a busca de um domínio sobre ela. (LEAL, 1992, p. 145). Aos poucos a vida, o trabalho no pastoreio, vai dominando o homem que vai perdendo sua capacidade física de embate contra a natureza. Quando chegou o momento de “descer do cavalo”, significa o momento de sua “morte cultural” em que tem que deixar o lugar onde vive. (Ibdem, p. 147). Para a autora, a morte é uma temática presente nas narrativas dos campeiros.

Chama a atenção desta o alto índice de suicídio por enforcamento entre os homens que moram na zona rural do pampa sul-rio-grandense ao passo que a maioria homens que estavam ficando velhos e cansados para o trabalho.

Em trabalho de campo me foi relatado um caso de suicídio, por enforcamento, de um domador impossibilitado de montar num cavalo. O caso aconteceu numa cabanha de doma de cavalos na cidade de Pelotas em que o domador fraturou uma perna num processo de doma impossibilitando de praticar o ofício o que gerou o seu suicídio. Entretanto, Leal (1992) concebia os campeiros por meio da dicotomia entre natureza e cultura em que considerava que o gaúcho estava na cultura, sobrando aos demais seres, inclusive o âmbito do feminino, como a natureza. Meu olhar não leva, a priori, essa dicotomia para pensar o modo de vida dessas pessoas, e o suicídio não é concebido a partir dessa concepção. Os casos de fraturas nas lidas são constantes ao mesmo tempo em que são relatados, em forma de uma atitude masculina, “*não frouchar o garrão*”, ou seja, mesmo fraturado, ou não estando totalmente curado, o campeiro segue as atividades. Através da relação mantida com o cavalo que o campeiro se vincula ao modo de vida que o constitui enquanto sujeito, tendo de se reinventar, e o suicídio não é a única alternativa, quando chegado o momento de “descer do cavalo”. É um momento bastante difícil para essas pessoas quando não podem mais “*alçar a perna*”, ou seja, montar num cavalo, pois sua condição de existência é “*viver de a cavalo*” como se percebe nas palavras de Neco, domador e capataz na estância Santa Leontina – Aceguá/RS:

[...] essa parte aqui, tu olha, é trabalhoso, tu passa trabalho, tu forceja, mas é um troço que eu gosto. Tem gente que diz: “ah, eu ando a cavalo por obrigação”, eu ando porque é a única coisa que eu sei fazer, mas eu gosto de fazer. [...] Nós estávamos conversando com o Dalmiro ontem. Já vai fazer um ano e meio que este foi proibido de andar a cavalo, pois fez uma cirurgia da coluna e não sabe se vai poder voltar a andar a cavalo. Ele chora, mas chorar, é normal, para uma pessoa nascida e criada a cavalo.[...]. O Dalmiro era montador e ginete e a doma te destrói muito, tu forceja muito! Nós domávamos juntos com o desde os 17 anos e, aquilo o era uma brincadeira. Chegava de manhã dos bailes e tinha 6 ou 7 cavalos para encilhar, ter que e sair neles né. E aquilo era uma brincadeira, mas aí depois tu vai sentir lá adiante. (Entrevista para o INRC – Lidas Campeiras).

A migração para as cidades consiste num fato recorrido pelos campeiros conforme é descrito na etnografia de Liza Silva (2014) que analisa a experiência vivida dessas pessoas em ambientes urbanos percebendo que estes reconstróem suas vivências quando inseridos neste contexto ao mesmo tempo reinventam o lugar. Seus interlocutores, que durante a vida venderam força de trabalho como peões no pastoreio, quando migram para ambientes urbanos passam a frequentar a hospedarias para cavalos como forma de manter o vínculo com esse modo de viver no campo. Eles encilham seus cavalos nas hospedarias e saem pela cidade. O entrelaçamento desses diferentes contextos tem como elo o cavalo cujo contato possibilita manter o vínculo com o campo sendo um dos atributos da constituição do ser masculino (SILVA, 2014). Howes Neto (2009) também observa esse entrelaçamento, por meio da noção de um “fluxo de interpretações e reinterpretções” acerca de um mesmo universo no sentido de que as “identidades gaúchas” são ressignificadas na cidade e devolvidas ao campo sendo, por sua vez, ressignificadas. Por outro lado, essas praticas apropriadas e reinventadas pelos campeiros nas estâncias são devolvidas a cidade. Assim, o rural e o urbano não se opõem. Esses diferentes contextos se entrelaçam e o cavalo se constitui como um desses elos.

2.3 – “O centauro no jardim”: Humanos e cavalos nos ambientes urbanos



As considerações que desenvolvo neste item referem-se a um fato que, no percurso etnográfico do “INRC-Lidas Campeiras”, se tornou uma questão a ser explorada que é a presença dos campeiros e dos cavalos constituindo os ambientes urbanos. Junto aos automóveis, motocicletas, bicicletas e prédios, o olhar encontra homens e mulheres montados em cavalos. Nas várzeas e banhados que cercam a cidade de Pelotas encontrei diversos cavalos atados por uma corda em estacas cravadas no chão. Nesses espaços também existem pequenas áreas que se arrendam para colocar equinos. Ao caminhar pela cidade cruzei por pessoas montadas em cavalos cruzando as avenidas e ciclovias da cidade. Também me deparei com *charretes* que são veículos de tração equina em que os catadores de lixo carregam o material coletado. Com estes veículos também se fazem pequenos fretes e se carregam lenha para vender aos consumidores da cidade que as queimam em suas lareiras e fogões. Por conseguinte, me deparei, em alguns momentos, com agricultores da região que utilizam as *charretes* para carregarem

verduras e legumes as quais comercializam aos clientes no perímetro urbano. Embora minha pesquisa não abarque cavalos de tração considero relevante iniciar a exposição apresentando uma questão que perpassa a pesquisa e envolve a discussão sobre humanos e cavalos, considerando que é por meio dos cavalos de tração, e mais ainda, dos *charreteiros* que coletam os resíduos sólidos nos containers espalhados pela cidade, o contexto do debate sobre os equinos nos ambientes urbanos.

Numa reportagem do Diário Popular do dia 31 de janeiro de 2015, que é um jornal impresso de circulação local, foi estimada que a *charrete* seja o meio para trabalho de 1,3 mil pelotenses que residem às margens do perímetro urbano e ganham a vida coletando resíduos sólidos. Nessa mesma reportagem a matéria se refere aos atos em forma de protesto que aconteceriam na cidade cujo objetivo era mobilizar o poder público a abolir o tráfego das *charretes* na cidade como forma de dar fim a condição de maus tratos aos equinos. Ao etnografar o processo que denominou “causa animal” na cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, Lisiane Mattos (2012) analisa a “*lei das carroças*” implementada pela câmara municipal em que proíbe a circulação de *carroças* (outra denominação a esses veículos de tração equina) nas ruas da cidade. Um dos argumentos elencados pela autora que perpassam os discursos de políticos e militantes da “causa animal” refere-se ao fato de uma ambiguidade na condição de uma cidade que se quer “moderna” conviver com a presença de charretes que revelariam um “atraso” nessa condição.

Numa cidade como Porto Alegre a existência de carroças revelaria um ‘atraso’ não apenas por ser um veículo de tração animal a atrapalhar o trânsito caótico, mas porque utilizar animais como instrumento de trabalho, além dos maus tratos a cavalos, constitui-se um atraso, num ‘*medievalismo insano*’ (...) (MATOS, 2012, p. 103).

O debate sobre a “causa animal” perpassa a questão dos cavalos de tração se estendendo aos cavalos de montaria. Ambas as questões, como me fora elencado pelos interlocutores em diversos momentos tem, no centro do debate, uma moralidade associada à atitude dos seres humanos para com esses animais. Nessa concepção os animais são “sujeitos de direitos” que devem ser tutelados pelo Estado o qual possa garantir o “bem-estar” destes punindo os “maus tratos” (MATOS, 2012). É nesse sentido que a moralidade assume distintos aspectos nos discursos, pois diferentes são as concepções sobre o que vem a ser

“maltratar um animal”. Portanto, esse contexto foi o pano de fundo que orientou a minha inserção nos espaços para cavalos no ambiente urbano e é o pano de fundo da experiência apresentada nesse item.

Grande parte do meu universo de pesquisa se deu em trabalhos de campo nas hospedarias que são espaços de hospedagem para cavalos sendo consideradas *cabanha* quando os estabelecimentos são, também, especializados na criação e desenvolvimento da genética de uma determinada raça ou linhagem. Também desenvolvem o serviço de hospedagem de cavalos e doma para fins de lazer, trabalho e competições. Humanos e equinos constroem e são construídos pelo ambiente da hospedaria e a sociabilidade se dá em torno dos cavalos, cuja relação transforma a pessoa, pois o faz “*deixar de pensar em fazer bobagens que fazia antes*” como disse um interlocutor para um “iniciante” que comprara um cavalo e o estava hospedando no recinto. Ao cuidar do cavalo se cuida de si mesmo e essa relação pode melhorar a qualidade de vida como me dissera o Valadão, que possui um cavalo com o nome de *Xiru* e o qual possibilitou, com a relação estabelecida, que se curasse das sequelas de um AVC (Acidente Vascular Cerebral). Estes estabelecimentos são frequentados tanto por pessoas dos centros urbanos que hospedam seus cavalos para desfile, cavalgadas, rodeios e provas de tiro de laço, como por pessoas do meio rural (principalmente ex-peões campeiros) que vem a hospedaria para manter o vínculo com a vida a cavalo que tinham no meio rural (SILVA, 2013). Também frequentam a hospedaria os trabalhadores das estâncias da região que conseguem emprestados os cavalos da *cabanha* para participar dos eventos e provas campeiras nas zonas periféricas da cidade. O mesmo fato é observado por Guilherme Howes Neto (2012) ao etnografar as hospedarias do município de Santa Maria/RS:

Lá, se podem encontrar estancieiros, filhos de estancieiros, estudantes de cursos da área agrária, assim como pessoas vinculadas ao mundo rural, mas que de alguma forma procuram estes Centros a fim de manter seus equinos mais próximos de suas atividades na cidade, já que a propriedade rural, muitas vezes, é distante (quando não, em outro município). Essas pessoas veem nesses locais a oportunidade de manter-se perto dos cavalos. Por outro lado, pessoas vinculadas ao tradicionalismo, que desempenham atividades econômicas na cidade, uma ocupação urbana (e que não possuem propriedades rurais), ou ainda que moram na cidade, em apartamentos ou casas, mas que usam os equinos para participar de cavalgadas, rodeios de tiro-de-laço, desfiles, etc., e encontram nestes Centros de equinos a maneira de manter um animal em um local acessível. (HOWES NETO, 2012, p. 29).



Para chegar a “cabanha bons amigos” entra-se num portão que parece a entrada de um estacionamento. Entrando neste encontra-se algumas oficinas e ao fundo a cancela de entrada da cabanha em na parte de cima pendura-se uma placa com o nome desta. Chamou-me a atenção o contraste que gerava em minhas sensações quando, ao me dirigir a hospedaria, saía de um ambiente em que o tempo é centrado no movimento rápido dos automóveis e motocicletas e adentrava outro ambiente caracterizado pelo tempo dos cavalos e outros animais não humanos como pássaros, cachorros e gatos. O silêncio, rodeado por sons de buzinas e sirenes, sons gerados pelos motores e pelo encontro dos pneus com o asfalto, constitui o ambiente da hospedaria e fora sentido tanto por mim quanto por aqueles que frequentam diariamente o lugar: “*Um silencio rodeado a barulho*”.



Os cavalos, presos por meio de cordas nos palanques nas arvores, estão espalhados por toda a área que tem, aproximadamente, dois hectares e é constituída pelo galpão da hospedaria que é uma construção feita de tábuas ou concreto, coberta de telhas e que é dividida no seu interior por *baias* ou *cocheiras* sendo pequenos recintos fechados em que são hospedados os cavalos à noite e também aonde estes ganham ração. Dentro de cada baia ou cocheira tem-se os *cochos* entendidos como recipientes utilizados para dar ração para os cavalos. A superfície desta é forrada com casca de arroz chamado *cama*. A porta da *baia* está ligada ao corredor onde estão os utensílios de montaria⁴⁵ como *freios*, *rebenques* que ficam pendurados nas paredes de tábuas destas e os utensílios maiores como as *selas* que ficam acomodadas em cima dos *cavaletes* (artefatos feitos de madeira). A aquisição da ração é responsabilidade do proprietário do cavalo e ficam dentro de recipientes encostados nas paredes da *cocheira* do mesmo. Também marca a presença a *mangueira* que é um lugar cercado de madeira, com tamanho em torno de 20X20m² e que é coberta de areia as quais

⁴⁵ Denominadas em conjunto com *encilhas*.

oferecem conforto aos cavalos. Cada dia é a vez de um cavalo ficar na mangueira para “*retoçar*”, ou seja, para que este tenha um espaço livre para correr, se movimentar e assim relaxar do estresse de ficar preso. Quando o proprietário de um equino não visita, de maneira frequente, a hospedaria, para “*encilhar o cavalo e sair pela cidade*” estes recebem atenção privilegiada neste rodízio para poder se movimentarem.

Anexado à hospedaria encontra-se a cozinha e quarto dos empregados da hospedaria, chamados *cabanheiros*, sendo, por conseguinte, um espaço em que estes e os proprietários dos cavalos conversam e tomam chimarrão no final da tarde. Na cozinha marca a presença a lareira ou um fogão a lenha sempre com fogo aceso para aquecer a água para “*cevar o chimarrão*”, alguns bancos e cadeiras e, pendurados a parede, quadros com cavalos, geralmente os ganhões, da *cabanha*, que ganharam prêmio nas provas da ABCCC, assim como, imagens dos cavalos campeões destas provas que passaram pela hospedaria.

Nas primeiras visitas a esse estabelecimento conversei com os *cabanheiros* do lugar: Seu João que é o “*capataz*”, ou seja, quem administra o andamento dos trabalhos e Marcos Vinicius que era domador e auxiliava nas atividades cotidianas da hospedaria. O domador, na época com 28 anos, reside em capão do leão e durante a semana trabalha na hospedaria. Pratica o ofício desde os 15 anos aprendendo com o pai que trabalhava numa *cabanha* localizada no município de Santa Vitória do palmar. Enquanto conversava comigo, este retirava os cavalos das baias, levando primeiramente para um recipiente com água para poderem beber e, enquanto isso, o *cabanheiro* escovava a pelagem com uma vassoura para retirar-lhe as cascas de arroz. Os cavalos recebem a ração às seis horas e meia da manhã. Depois de colocar o alimento nos cochos dos cavalos os *cabanheiros* tomam o chimarrão do início do dia. Às oito horas os cavalos são retirados das baias sendo destinados para determinados lugares como a *mangueira* ou são atados, através de cordas, nos galhos das arvores, nos palanques e estacas espalhados pela área da hospedaria. Os clientes na maior parte das vezes frequentam a hospedaria no início da manhã e no final da tarde, momentos em que vem pessoalmente tratar (dar ração, escovar, dar banho, cortar as crinas, entre outras) seus animais. Nos finais de semana, passam as tardes, principalmente as de sábado, no recinto conversando sobre cavalos e também, lentamente, tratando seus animais para encilharem e saírem em grupo a cavalgar pela cidade: “*Eles vem,*

encilham seus cavalos e saem para a avenida.” A chamada “Avenida Duque de Caxias” possui uma pista ciclística e é o espaço onde os proprietários dos cavalos fazem os passeios curtos, principalmente nos dias de trabalho da semana em que tem pouco tempo para o lazer.



Além de *domador*, Marcos Vinicius é *ferrador*, *aramador* e *guasqueiro* e assim oferece outros serviços aos proprietários como ferrar os cascos dos cavalos e também vender, para essas pessoas, alguns artefatos em couro confeccionados pelas próprias mãos. É na avenida que o domador galopeia os seus cavalos iniciando a prática da montaria na mangueira da cabanha quando é amadrinhado pelo seu João para depois treiná-los por entre os carros e pessoas na avenida ao passo que nunca sofreu algum imprevisto como, por exemplo, o cavalo se rebelar no meio da movimentação de carros e causar algum acidente. Os cavalos domados são, na maioria das vezes, para aqueles que frequentam a hospedaria, assim como os equinos da própria cabanha. Os cavalos são ensinados a correr atrás do boi e não se assustar com o rebolear do laço. Quando o potro (cavalo que

está sendo iniciado) demonstra habilidade e “inteligência” em praticar os ensinamentos do domador, disputará prêmios em provas equestres promovidas pela ABCCC. Se este fica nos primeiros lugares o prêmio é dividido com o proprietário do cavalo cujo bem maior é o orgulho do seu “*pingo*”⁴⁶ campeão o qual é destacado nas rodas de chimarrão. Nestes momentos o proprietário se refere aos valores oferecidos a seu cavalo pelas qualidades apresentadas na prova os quais este não aceitou, pois o cavalo é especial para sua montaria.

Depois dessa conversa com o domador numa manhã de novembro que terminou quando este ficara limpando as baias que consiste em remover o esterco dos cavalos nas cascas de arroz e renovando com material limpo, fiquei alguns meses sem frequentar o local. Por conseguinte, ao chegar à hospedaria, alguns meses depois, fui recebido pelo cabanheiro recente, o Rosalino, que não é domador, embora esteja aprendendo o ofício, mas trabalha nos serviços da cabanha como limpar as cocheiras, dar ração aos cavalos. Enquanto varria o corredor da hospedaria, ao som de um rádio sintonizado na “Alegria FM”⁴⁷ que no momento apresentava o programa “*bolicho da Alegria*”, Rosalino disse-me que nasceu em Piratini, tem 34 anos e se criou trabalhando em fazendas ou estâncias. Havia trabalhado nove meses na cabanha há alguns anos atrás e fazia duas semanas que tinha voltado a trabalhar. Contou-me também sobre o trabalho na hospedaria: pela parte da manhã o trabalho é mais intenso, pois tem que dar ração aos cavalos, tirar eles para a rua, limpar as baias. Para ele o serviço da cabanha é mais leve do que os das estâncias e além disso, algumas pessoas, proprietárias dos cavalos têm o hábito de diariamente virem tratar e guardarem seus cavalos. Encontrei o Seu João, o responsável ou “capataz” da Cabanha, e Ivânia que é uma menina com idade aproximada dos 20 anos que é proprietária de um cavalo baio hospedado no local. Na ausência de um domador na cabanha era ela quem estava ajudando o seu João no processo de doma de dois cavalos que foram iniciados por Marcos Vinicius que, por sua vez, fora trabalhar numa cabanha no município de Capão do Leão/RS. Seu João me disse que “*está muito velho*” para montar cavalos em processo de doma considerando que, em algum momento, pode precisar de mais agilidade caso o cavalo se rebele. Trabalhou por muitos anos como

⁴⁶ O termo é uma das formas de denominar os cavalos.

⁴⁷ Observei que na cabanha sinaleiro também havia um rádio em que estava sintonizada tal estação de rádio.

peão campeiro e domador em estâncias localizadas em Jaguarão e já faz alguns anos que viera trabalhar na hospedaria para tratar os cavalos da cabanha. Com a experiência adquirida nas atividades da doma ensina e amadrinha domadores que o faz ser respeitado pelos que frequentam o local.

O domador estava passando o conhecimento de doma adquirido na prática da lida para Ivânia, que reside num local perto da cabanha. Concluiu o curso médio e técnico em agropecuária no CAVG (Colégio Agropecuário Visconde da Graça localizado em Pelotas) e passa grande parte de seus dias na cabanha ajudando a cuidar dos cavalos. Nesse encontro conversamos bastante sobre o seu "*Baio de cabos negros*" que foi domado nas técnicas da doma racional. Segundo ela, quando comprou o cavalo não sabia que este fora ensinado por meio de tal técnica e que assim, tinha diversas manhas e era perigoso montá-lo. Tentou-se domá-lo a segunda vez nas técnicas da doma tradicional, no entanto foi uma tentativa em vão, pois este aprendeu de determinada maneira e não tem mais como ensiná-lo de outra. No final da tarde, enquanto conversava com Ivânia sobre os assuntos da hospedaria e cavalos, um gaúcho "*apontou na porteira*" gritando para ela sobre "*as carreiras*". Era o Valadão, um senhor aposentado que hospeda um cavalo e ao meio dia encilhou este e saiu pela cidade. Ivânia contou-me que um dia, na praia do laranjal, eles apostaram uma carreira (corrida de cavalos) e ela ganhou e, desde então, ele fica pedindo a revanche. Nas etnografias de Liza Silva (2014) e Ondina Leal (1989), pode-se observar na região do pampa uma segregação no mundo do trabalho entre homens e mulheres, considerando que as lidas campeiras são atividades masculinas e atividades domésticas são consideradas atributos femininos. Nesse sentido os espaços segregados entre gêneros são o galpão que é o lugar dos homens e a casa que é o espaço feminino. Por conseguinte, domar um cavalo, pastorear o gado são atividades masculinas ao passo que, como fora etnografado por Silva (2014, p. 79), para as mulheres serem aceitas nesses espaços, precisa ter a mesma destreza com o cavalo, que o homem campeiro possui. Assim, a habilidade de montaria apresentada por Ivânia a legitima a estar nesse espaço. Observei algumas mulheres frequentarem a hospedaria e todas eram elogiadas pelos homens que se referiam as habilidades apresentadas por estas na montaria dos cavalos.

Quando começaram a trazer os cavalos para as cocheiras fui convidado por Renato que era um senhor aposentado que hospedava um cavalo que comprara,

para ajudar a trazer os animais para as baias. O interlocutor nunca viveu no meio rural, mas sempre manteve o vínculo com as pessoas que residem no campo. Disse que iria me ensinar o trabalho da hospedaria e indicou-me pegar uma égua a uma árvore nos fundos da cabanha me alertando para cuidar ao passar na mangueira onde estava o “*Rompante*”, que é o garanhão do estabelecimento, pois esta égua acabara de sair do cio e que ao passar pelo “*cuiúdo*”, que é como chama o cavalo reprodutor, esta poderia querer *coiceá-lo*. Levei-a até um recipiente com água para que ela pudesse beber depois a guardei na cocheira nº 19 deixando o buçal e as cordas penduradas na porta. Renato solicitou para acompanhá-lo até onde estava seu “*tostado*” que o esperava na “*porteira*” de um pequeno campo nos fundos do quintal de uma antiga indústria de lã que faz divisa com a área da hospedaria. O cavalo tostado de Renato estava o esperando na porteira e este fez questão de me mostrar, numa foto que tem no celular, o estado do seu cavalo quando ele o comprou. Há dois meses comprara o animal, numa estância no município de Herval, e na foto mostrava-o muito magro ao que me espantei com a diferença em dois meses. Levou o cavalo até o lavador, que é um espaço onde se dá banho nos cavalos, lavou suas patas e mãos que estavam enlameadas e o levou até cocheira. Estava junto ao cavalo de Renato um cavalo tordilho que não havia chegado à porteira e Renato disse-me que em breve ele apareceria. Muitas vezes, esse cavalo tordilho, vai sozinho para dentro de sua cocheira que tem a sua entrada voltada para a parte externa da hospedaria sendo necessário somente trancar a porta.

Feito os trabalhos de colocar os cavalos em suas respectivas cocheiras começou a preparação para o chimarrão do fim do dia. Nesse momento sentei-me junto ao grupo formado por seu João, Vanderlei que é proprietário da hospedaria e chegara a cabanha no final da tarde, Ivânia, Rosalino e Renato. Foi Renato quem fez o chimarrão e começou servindo no sentido horário sendo o primeiro da roda o Seu João que reclamou da temperatura da água. Quando surgiu a conversa sobre o cavalo tordilho, que não estava esperando na porteira quando eu e o Renato fomos buscá-lo, começaram a se questionar sobre o que ele estava fazendo. Renato disse em tom de zombaria, que o cavalo deveria estar pensando nas namoradas e “*se perdeu no horário*”. Assim, surgiu outra questão que se refere ao fato de os cavalos conversarem entre si e seu João disse que sim dando o exemplo de dois cavalos que estavam sempre juntos e eram muito

amigos.

Nas diversas vezes que vivenciei o cotidiano da hospedaria as pessoas que a frequentavam conversavam entre si e comigo sobre a personalidade dos cavalos que são diversas. Animais mansos, traiçoeiros, rebeldes, irritados, fechado em si, frequentam e frequentaram o recinto deixando suas presenças nas conversas acompanhadas pelo chimarrão. O cavalo esperto que consegue tirar o buçal intriga as pessoas como seu Vanderlei que exclamou em determinado momento: “*Ainda tem gente que acredita que esses animais não são inteligentes!*”. Por conseguinte, tem as rixas entre eles. Tem dois garanhões que são inimigos e quando um se solta seu destino é ir brigar com o outro. Seu Vanderlei observa que quando se cruzam perto, se olham de tal maneira que parece que dizem um ao outro: “*Eu ainda te pego! Temos algumas coisas a resolver!*”. Por outro lado tem os cavalos amigos, que parece que conversam e gostam de estar juntos como a narrativa da amizade entre o cavalo tordilho e o tostado apresentado anteriormente. Nesse caso, quando um consegue soltar-se da corda vai ao encontro do outro para pastarem junto e “*parece que ficam conversando*”. Algumas amizades têm seus momentos difíceis como o da ração dada aos cavalos que ficam na área de campo ao fundo do quintal e não pernoitam na hospedaria. Nesses instantes os amigos esquecem a amizade e disputam o cocho. Porém, tão logo acaba a ração no cocho, eles saem juntos para seguir pastando. Há inimizade entre humanos e cavalos considerando existem animais que não gostam de algumas pessoas ao passo que Ivânia se referiu a um “*gatedado*” que passou pela hospedaria e o qual não gostava de uma determinada pessoa chegando a ficar em pé dentro da baia quando ouvia a voz desta.

Me prendia a atenção a estórias dos contadores de causo sobre cavalos e cavalgadas cuja performance o legitimava enquanto contador. Luciana Hartmann (2011), ao etnografar a “cultura da fronteira” nas regiões limítrofes dos países do Brasil, Uruguai e Argentina, observa que a oralidade constitui um dos seus aspectos. Paralelamente as mercadorias, os animais e as pessoas, circulam nessa região fronteira, causos/cuentos que são a principal forma de comunicação local em que os contadores narram um episódio que vivenciaram ou ouviram contar. Essas estórias constroem relações formando uma “comunidade narrativa” formada por contadores e ouvintes que possuem, em comum, as mesmas experiências e imaginários.

O ato de contar causos ou cuentos não está necessariamente organizado num sistema formal, mas participa da vida cotidiana da população, que encontra nessas narrativas uma expressão simbólica para organizar e transmitir sua experiência real, ouvida, ou imaginada. (HARTMANN, 2011, p.96).

Os causos se caracterizam pelo contexto de uso como o horário que no caso de minha pesquisa ocorrem no final da tarde no momento do chimarrão e a performance utilizada a qual prepara a audiência assinalando o local e as pessoas ou animais que serão o centro da narrativa: *“Bah, eu lembro de um cavalo tordilho, que tinha numa cabanha em Pedro Osório, que cruzava por baixo do alambrado sem tocar num fio de arame (...)”*. Outro exemplo pode ser elencado no início dessa narrativa: *“Uma vez um terneiro, que o seu Vanderlei cuidava na cabanha, se soltou e saiu pela cidade afora e só conseguimos alcançá-lo lá na frente do IFSul, tchê! Mas que trabalhão para trazê-lo.”* Feita essa apresentação a atenção das pessoas volta-se para o contador que desdobra o fato vivenciado gerando, muitas vezes, controvérsia se aquilo é mentira ou de fato realidade ao passo que o contador legitima sua estória solicitando para que perguntem a outro que também experienciou o fato.

No ambiente que vivenciei os principais contadores são os que não tem lugar fixo, que são os cabanheiros e domadores. Diversos causos sobre cavalos escutei vindo da boca deles. Uma questão que me chamou a atenção se refere à constante circulação de pessoas e animais na hospedaria. Minhas visitas no início não eram constantes e toda a vez que retornava encontrava pessoas, cavalos e cachorros diferentes. Nas primeiras visitas perguntei a Ivânia sobre o fato de Marcus Vinicius ter ido embora e ela me disse que as pessoas que vivem nessas lidas campeiras não costumam ficar muito tempo num lugar. Como exemplo citou o caso dos peões que trabalham alguns dias nas estâncias e já partem para trabalharem em outra. Nessas últimas visitas a hospedaria questionei novamente ao mais recente cabanheiro da hospedaria, o Letiene, e este disse que o *“bom domador”* nunca fica estabelecido num só local e está sempre circulando pelas cabanhas e estâncias. Segundo o cabanheiro, o domador não cria vínculos com os lugares que trabalha, embora crie vínculos com as pessoas e os animais, pois o pampa é o seu território.



Nas últimas visitas que foram quase diárias, os cabanheiros eram novatos sendo Lauro, o novo responsável da administração do local, e Letiene o cabanheiro e domador que auxilia nas lidas com os cavalos. Lauro tem experiências de trabalho em cabanhas de pecuária leiteira e não monta em cavalos. Por outro lado, o Letiene trabalha na hospedaria tendo como principal razão poder lidar com cavalos. Disse que largou o emprego que tinha para trabalhar na cabanha assim como, cuidar dos cavalos que hospeda nesse lugar. É natural do município de Pedro Osório e se estabeleceu em Pelotas há alguns anos. Fora domador até o momento em que machucou o joelho na doma de um cavalo que era muito bravo. Desde então, doma cavalos somente para seu andar, pois assim, pode conhecer o cavalo antes de iniciar o processo de doma. Quando se é *domador para fora*, ou seja, aquele que faz serviços de doma para cavalos de outrem, o animal, independente de sua personalidade, tem que ficar domesticado. Isso custa muito para o corpo do domador que não pode “afrouxar o garrão” que significa dizer que tem que montar no cavalo e ficar em cima se ele se rebelar. Se caso o

domador não consiga se manter em cima o cavalo aprende a *corcovear*, a pular quando o montam, impossibilitando de domesticá-lo. Portanto, a responsabilidade de domar um cavalo, independente da sua personalidade, custa muito ao corpo do domador que pode impossibilitá-lo de seguir na atividade.



A migração para as cidades é um fato recorrente por parte dos campeiros que não podem mais trabalhar nas lides pastoris. Na cabanha “bons amigos” conheci o seu Marinho que fora peão de estância no município de Canguçu – RS. O ex-peão residia na cidade de Pelotas e tinha o hábito diário de se dirigir, de bicicleta, até a hospedaria para ajudar os cabanheiros a lidar com os cavalos e, principalmente, tratar a *égua moura*⁴⁸ que é do filho, cujo apelido também é “Moura”, que tem a profissão de caminhoneiro e, nos momentos de folga, encilhava a égua para cavalgar pela cidade ou pela região, ir aos *rodeios*. O seu Marinho deixava a bicicleta guardada dentro da baia em que hospeda a *égua moura*, encilha e saía com esta pela cidade buscando algum lugar público que fosse gramado para *pastorear* seu animal que se refere a cuidar o animal enquanto esse está

⁴⁸ Animal com pelagem de cor preta salpicada de branco.

pastando. No final da tarde, retornava à hospedaria. Quando terminado os cuidados de sua égua Seu Marinho “montava” na sua bicicleta para ir para sua casa retornando no próximo dia para tratá-la novamente.

Quando saía cabanha, daquele “*ambiente de campo*” como eles mesmo se referiam ao lugar, já era noite. É um ambiente que lembra o campo construído por meio dos cavalos e pessoas que circulam pelo espaço, porém não o simboliza. Tendo como referencia Ingold (2010), “lembrar” se refere a refazer os passos, não no sentido de réplica, mas num movimento original. O cavalo é o elo que, em contextos urbanos, lembra a experiência vivida no campo, entretanto, essa experiência que é vivenciada em tal contexto o constrói assim como é construído pelo humano/cavalo. A interface entre o campo e a cidade é constituída por meio de pessoas e cavalos que circulam por esses lugares (HOWES NETO, 2012). Ao entrar na avenida sentia o estranhamento. Há poucos passos estava num lugar que me fazia me sentir no campo (embora o barulho de carros e sirenes de ambulâncias estavam presentes) e entrava num espaço urbano com os carros passando rápido, os estudantes esperando os ônibus, os trailers e todo aquele ambiente de uma cidade. Não sei se encontrarei as mesmas pessoas e os mesmos cavalos na próxima visita, no entanto, fica sempre em mim uma vontade de comparecer mais vezes nesse lugar, não somente com o intuito de pesquisar, mas para experimentar esse “sentimento inexplicável” - como me fora elencado por um interlocutor -, que se experimenta ao lidar com cavalos. Esse interlocutor fora taxista grande parte de sua vida e nunca teve cavalo. Depois, já aposentado comprara um *gateado* e pela primeira vez estava montando. O sentimento de liberdade que sentira ao galopar pela área da hospedaria foi o que caracterizou seu estranhamento. Talvez seja isso que se busca nesses locais, sentir-se como “um centauro no jardim, pronto a pular o muro, em busca de liberdade”. (SCLIAR,1983).



CAPITULO III: AS TÉCNICAS DE DOMAR CAVALOS



3.1 - Sobre a antropologia da técnica

Este capítulo discorre sobre a habilidade de domar cavalos na “área cultural” do pampa considerando que é na relação que se estabelece entre os domadores e esses animais, que se constroem e “inventam” as diversas técnicas acionadas. Tal interação também se dá pela mediação dos artefatos cuja forma exerce uma agência (LATOURET, 2012) tanto no cavalo quanto no domador. Nesse sentido, ao etnografar a doma, chamou-me à atenção a agência dos não humanos que participam e influenciam a construção de tal saber/fazer. A partir dessa constatação, comecei a explorar o conceito “técnica” como referência central da pesquisa. Inicialmente, o termo pode ser definido como um saber/fazer incorporado por meio do envolvimento perceptivo das práticas corporais, como o ‘pegar’ com a mão, em que o treinamento vai constituindo as habilidades, que são os movimentos corporais sincronizados (INGOLD, 2010, SENNETT, 2013, SILVEIRA, 2014). A maneira como aprendemos a fazer algo se dá a partir da experiência adquirida. A técnica corporal é expressa na forma como movimentamos nosso corpo que é o primeiro instrumento de que nos servimos para fazer algo, ou seja, o modo de agir está implicitamente relacionado à “educação do corpo” (MAUSS, 2003). O aprendiz se torna domador quando aprende a “andar a cavalo” que significa dizer quando aperfeiçoada a atitude corporal em cima do “lombo do *pingo*⁴⁹”.

É bastante apropriado o conceito de Richard Sennett (2013) que chama de “habilidade artesanal” a aptidão de alto grau em que a expansão dessa capacitação é construída por meio da relação entre a solução de problemas e a detecção dos mesmos. A técnica é uma atividade artesanal em que “as pessoas são capazes de sentir plenamente e pensar profundamente o que estão fazendo quando o fazem bem.” (SENNETT, 2013, p. 30). Nesse sentido, ao conceber a doma dos cavalos considero o termo técnica como o “cultivo de um estilo específico de vida”, não sendo um procedimento maquinal, mas uma “questão cultural” (ibidem, p. 19). O domador se engaja de uma forma prática sendo sua atividade uma arte, ou seja, um trabalho voltado para a busca da qualidade.

A preocupação central da antropologia da técnica é construir uma reflexão a cerca da interação estabelecida entre humanos e não humanos sem tratar tal

⁴⁹ Outra denominação dada ao termo cavalo.

relação a partir de uma distinção prévia entre ação intencional e o mundo material (LATOURE, 2012), buscando estabelecer parâmetros de descrição pautados na premissa de uma simetria ontológica entre natureza e cultura. Em termos gerais procura-se, a partir das práticas locais, entender as possibilidades das formas de sociabilidade que se estabelece no encontro entre os humanos com diferentes tipos de não humanos - sejam eles artefatos ou outros animais -, questionando essas fronteiras (SAUTCHUK, 2010). Nesse sentido, a habilidade artesanal, além do treinamento dos movimentos corporais que expande as capacitações, é o resultado de uma interação entre o humano e o não humano sendo um processo de aprendizado a partir do encontro com o “outro”.

A partir da vivência com os campeiros e domadores aprendi que conhecimento não se refere à aquisição de “informações desincorporadas” da vivência prática, mas no desenvolvimento de habilidades que são incorporadas por meio da percepção e ação (INGOLD, 2010). Além disso, a aptidão de domar é adquirida observando regras estabelecidas por gerações anteriores e por meio da interação com o animal. Pode-se notar que o conceito “invenção” de Roy Wagner (2010) é o princípio epistemológico presente tanto na discussão metodológica, que se refere à construção do conhecimento do antropólogo, quanto na discussão teórica e etnográfica em que a reflexão do etnógrafo se dá a partir da experiência com a maneira de conhecer dos domadores. Essa busca parte da noção de Wagner (2010, p. 76) que concebe “todos os seres humanos, onde quer que estejam, como ‘pesquisadores de campo’ que controlam o choque cultural da experiência cotidiana mediante todo o tipo de ‘regras’, tradições e fatos imaginários e construídos.”

Este capítulo propõe uma reflexão etnográfica sobre a relação entre o *domador* e o cavalo na aprendizagem destes últimos no pampa sul-rio-grandense, relação que trata de inventar a própria técnica presente na lida, no trabalho da doma e também o mundo campeiro. (SENNETT, 2013). O *domador* é entendido como aquele que possui a habilidade (INGOLD, 2010) da técnica de ensinar o cavalo para atividades relacionadas aos trabalhos que envolvem a pecuária extensiva. A prática desse conjunto de técnicas está de acordo com a graduação da violência empreendida na doma. Além disso, de acordo com os interlocutores, cada *domador* tem suas escolhas técnicas levando em consideração a relação estabelecida com o cavalo a qual vai condicionar a utilização de um determinado

saber/fazer. Para os domadores o “*cavalo é igual ao homem, tem temperamento*”, sendo que uns são “*velhacos*”, ou seja, rebeldes, outros são “*baldosos*”, caracterizados como animais traiçoeiros, e outros, ainda, são tidos como mansos. No processo da doma, alguns cavalos assimilam mais facilmente os ensinamentos do que os outros, embora seja um processo de caráter contínuo em que precisa estar sempre praticando o cavalo, pois se parar de praticar este “*perde a doma*”, ou seja, esquece o que aprendeu. Portanto, retomo a discussão da questão de que na *doma* é estabelecida uma relação entre humanos e animais não humanos em que o *domador* ensina o cavalo, e este, por sua vez, o ensina na habilidade técnica, fazendo-o experienciar diferentes maneiras de praticar tal saber/fazer. A aprendizagem é um processo contínuo de incorporação de habilidades por meio da experiência e da vivência do habitar o mundo da lida e da vida de ambos, dos *domadores* e dos cavalos. (Ingold, 2010; 2012).

3.2 – O “modo gaúcho” de domar cavalos no pampa

De acordo com o dicionário de regionalismo do Rio Grande do Sul escrito por Zeno Cardoso Nunes e Rui Cardoso Nunes (1996, p. 152) a doma é definida como um ato de “amansar animal xucro” e *domador* é o “amansador de potros”, que são os cavalos não iniciados no processo de adestramento. A definição que adoto está bastante próxima da elaborada pelos autores. Não concebo a doma como a busca do domínio da natureza, do selvagem em que “somente aquele que tiver mais força que o selvagem será capaz de domá-lo” (LEAL, 1992, p. 148). A vivência com os interlocutores me ensinou a concebê-la como um saber/fazer constituído de diferentes momentos nos quais se acionam a utilização de determinados artefatos, tendo como objetivo fazer com que o cavalo aprenda formas de comunicação com o humano. É um processo de constante negociação entre humano e animal, mediada pelos artefatos. Os domadores usam a expressão “*buscar a volta do cavalo*” que significa levar em consideração a sua personalidade quando for lidar com ele: “*É ele quem te ensina. Se tu quer fazer alguma coisa com ele e ele não permite, tens que buscar outro jeito. Tu tens que buscar a volta dele*”. (Seu Denílson, domador que reside no município de Candiota/RS).

A doma praticada no pampa sul-rio-grandense é percebida a partir de suas transformações/ atualizações no sentido de que a técnica, entendida como um conjunto de habilidades constituídas e incorporadas no *modus operandi* dos organismos humanos e animais (INGOLD, 2010; 1983) foi se adaptando de acordo com a conformação sociocultural, geográfica e biológica da pecuária. Historicamente a doma é praticada dentro das estâncias cujas atividades estão voltadas para a pecuária. Os cavalos eram domados para as lides pastoris, para deslocamento e para jogos de corrida em *canchas retas*, os chamados *cavalos de carreira*. Atualmente, com as transformações das técnicas, a atividade se transferiu também para ambientes urbanos (Howes Neto, 2006, p. 51) sendo reelaborada e relacionando de forma diferente o domador e seu ambiente de trabalho. Exemplo disso é a doma para a competição em eventos (provas de freio-de-ouro⁵⁰, ginetiadas) que são praticadas nas hospedarias para cavalos localizados em redor dos centros urbanos. Por conseguinte, se tem as “*cabanhas*” que são estabelecimentos, localizados tanto no meio rural como no meio urbano, especializados na criação e desenvolvimento da genética de uma determinada raça ou linhagem. De uma maneira geral as cabanhas também fazem o serviço de hospedagem de cavalos e de doma para fins de lazer, trabalho e competições. Em alguns casos, esses estabelecimentos são especializados na prática de determinada técnica de doma. Abaixo desenvolverei algumas considerações sobre as transformações das técnicas de ensinar cavalos no pampa inserindo-as dentro de processos sociais mais amplos.

Nos escritos de Bayard Bretanha Jacques (2008, p. 41), domador e Coronel do exército na cavalaria, é desenvolvido que a configuração histórica do pampa possibilitou a formação do que o autor denomina como “Escola de Equitação Gaúcha”. O autor entende a “escola de equitação” como o “entendimento do homem com o cavalo, sua forma de lida, a forma de ser, essa quantidade de regras, princípios e atitudes cujo ápice é o andar a cavalo.” (JACQUES, 2008, p. 27). Assim, o termo se refere ao desenvolvimento, “entre erros e acertos”, de um conjunto de saberes e práticas com vistas ao aperfeiçoamento de uma “comunicação” harmônica entre o humano e o cavalo consistindo em uma

⁵⁰ A prova de freio de ouro é organizada pela ABCCC (Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Crioulo), entidade criada em 1931 por estancieiros do Rio Grande do Sul com o objetivo de padronizar a raça do cavalo crioulo. As provas de 21 dias e freio de ouro são maneiras de incentivar a difusão da raça. (ABCCC, 2013).

“manifestação artística”. Por conseguinte, as técnicas de domar são as bases da equitação. “E a doma nada mais é do que um meio para chegar à utilização harmônica do cavalo e o exercício pleno dessa arte que se vai desenvolver através do treinamento e muito tempo de dedicação” (Ibdem, p. 114). Portanto, a equitação é o conjunto formado pelo aperfeiçoamento das práticas de doma (iniciação) e treinamento dos equinos.

A “escola de equitação gaúcha” se constituiu a partir da integração da “equitação Ibérica” vinda com os europeus e voltada para as práticas de guerra, com a técnica desenvolvida pelos indígenas (charruas, minuanos e missioneiros). A primeira escola, que chegou à América com os europeus, surgiu no movimento das Cruzadas que foram movimentos militares, sob o comando da Igreja Católica da Europa Ocidental que, entre os séculos XI e XIII, objetivou recuperar a Terra Santa (hoje território da Palestina). Segundo Jacques (2008) foi nesse movimento em que se capacitou o cavalo para a guerra. A escola de equitação que se desenvolveu na Europa Ocidental chamava-se “brida” voltada para o choque de carga, ou seja, o encontro frente a frente entre cavaleiros adornados por armaduras de ferro, além de lanças e escudo, montando cavalos grandes e pesados também protegidos por armaduras. A esse movimento das cruzadas iniciou a ocupação pelos povos Árabes da península ibérica, levando consigo o cavalo árabe e a própria escola de equitação. Pelo lado dos mouros tinha-se a “escola gineta”, termo que vinha de “Xenetes”, povos do norte da África que montavam cavalos pequenos e ágeis usando o arco, a flecha e a espada. Assim, enquanto a escola brida tinha como tática de guerra o embate frontal, com pouca mobilidade lateral, a escola gineta recusava o ataque frontal, atacando pelos flancos e retaguarda fazendo uma guerra de grande mobilidade. A entrada da escola gineta na Europa transformou a escola de equitação brida sendo, de acordo com o autor, a hibridização dessas duas escolas que chegou à América trazida pelos “conquistadores europeus”. “O cavaleiro usava um cavalo enérgico, que praticava as escaramuças das escolas vigentes da época, uma armadura leve que lhe abrigava o peito, um elmo que não lhe tapava o rosto, que lhe permitia obrar com velocidade e agilidade.” (JACQUES, 2008, p. 26).

Na entrevista realizada ao INRC – Lidas Campeiras, Minga Blanco, domador e proprietário rural em Aceguá/RS, se referiu a doma que se desenvolveu na região platina como voltada para a guerra, em que o processo é rápido, apurado, diferente

da “doma indígena” que explora os princípios de paciência e calma. Nas guerras havia uma demanda de cavalos para o deslocamento das colunas, dos exércitos e nesse sentido tinha-se a necessidade de arrebanhar cavalos. Então, as tropas de cavalaria enviavam os chamados “*potreadores*” (JACQUES, 2008, p.40), responsáveis por arrebanhar cavalos selvagens para a tropa de cavalaria.

(...) é aquela coisa, esse troço de doma começou quando os caras boleavam os cavalos no campo, não sabiam nem a idade, era uma coisa bem diferente, [...]. Essa doma que os caras faziam era uma coisa rude, primeiro porque as pessoas eram rudes e segundo porque eles precisavam, era uma rapidez assim, porque a nossa doma nasceu na guerra, necessidade de fazer um cavalo rápido para deslocamento. Era aquela coisa, enforcava, pealava, atavam a boca, já colocavam os arreios e o pessoal era bem pratico nisso, [...]. Aí encerravam numa mangueira dessas de pedra, que existiam há anos, encerravam, sei lá, 200, 300, 600 cavalos que achavam por aí. [...]. Cada um pegava o que se agradava e saíam domando. E já aquilo ali já era uma farra [...]. Não faziam aquele processo indígena, o que o gaúcho faria sozinho no rancho [...], o que a gente faz hoje, né. [...] Eles não, eles já pegavam na hora [...]. Era uma diversão, já mostravam seus dotes, aquela coisa toda, [...] durante aquela marcha seguiam domando. [...]. Depois com o tempo eles iam classificando e vendo os cavalos que realmente serviam e iam fazendo cavalos de combate. Os primeiros deslocamentos já faziam nesses animais ainda “crus” e iam domando esses cavalos e esses eram usados para deslocamento, enquanto que, aquele cavalo de combate, que era o cavalo de confiança, ele nunca era usado pra isso aí, sempre vinha poupado, de tiro, vinha “a cabresto”. Usavam-se as cavahadas assim, de qualquer jeito até se acomodar só pra deslocamento. [Os soldados] tinham um cavalo de confiança que eles reservavam pra hora da carga, do combate, né. Cavalo de guerra era o cavalo que vinha solto assim [...].[...] então acho que os caras pegavam assim muito apurados, sem compromisso e surgiu essa doma rápida, essa doma de procurar cavalo que corcoveasse, [...]. (Minga Blanco, domador e proprietário rural, Aceguá/RS. Entrevista para o INRC - Lidas Campeiras.)

Esta forma de domar é vista como bruta, pois o cavalo é ensinado através da imposição, da força, da violência. De acordo com Minga Blanco, essa pratica de domar se tornou um esporte, as *ginetiadas*, que consistem em montar em

cavalos não domesticados (*xucros*) ou *aporreados* e incentivar, por meio de um rebenque e espora, a *corcovear*, pular enquanto o ginete tem de se sustentar-se segurando-se num tento, que é uma tira de couro de animal vacum presa no *buçal*, ou nas crinas dos animais. Os *aporreados* são cavalos que no processo de doma, pelo seu temperamento indócil, mantêm certa rebeldia ou não aprendem os ensinamentos do domador. Em vez de se tornar um cavalo para as lides no pastoreio, são soltos no campo, o que significa que ficarão distante da relação com os humanos. O animal, uma vez estando solto no campo, esquece o que aprendeu se tornando “*aporreado*”. As estâncias formam tropilhas de cavalos para as *ginetiadas* praticadas nos rodeios ou “criojas” que ocorrem da seguinte maneira: O cavalo é conduzido até o palanque aonde é preso pelo buçal. Os amadrinhadores colocam um saco de pano nos olhos do *aporreado* enquanto o ginete se prepara para montá-lo. Uma vez que este está em cima do cavalo se solta a corda deste e tira o saco que vendam os olhos. O cavalo começa a corcovear tentando derrubar o ginete que tem de ficar em cima por 8 segundos. Se este aguentar esse tempo os amadrinhadores, a cavalo, encostam-se ao *aporreado* e retiram o ginete de cima. A maneira como o cavaleiro se porta em cima do lombo do *aporreado* e o tempo em que fica são definidores dos pontos que este recebe. Existem ginetes reconhecidos pela habilidade de ficar em cima do lombo de um *bagual*, assim como existem *aporreados* reconhecidos pela habilidade de derrubar o ginete com facilidade. Quando, numa “*crioja*”, encontram-se dois seres, humano e cavalo, “*afamados*”, o evento é bastante comentado nas rádios e entre os campeiros.



Foto: Acervo pessoal de Minga Blanco.

Após o primeiro contato com os cavalos, já explorado anteriormente, os indígenas pampeanos e missioneiros, tornaram-se habilidosos cavaleiros e domadores. Segundo Minga Blanco, foi após dominar a montaria que, a esses grupos, foi possível encarar o “deserto verde” do pampa, pois a pé eram impossibilitados de caçar animais para alimentação tendo de ficarem mais próximos dos rios. Além disso, estando a pé estavam vulneráveis a ataques de predadores. Entretanto, como enfatiza Felipe Vander Velden (2011) temos algumas informações sobre a reação desses grupos com os animais introduzidos pelos europeus, faltando-nos investigar a forma como esses animais e suas técnicas de criação foram (e são) absorvidas por tais grupos. “Nada sabemos sobre as alterações trazidas por esses seres nos domínios das técnicas, dos objetos, dos mitos e dos rituais, e sobre o modo de incorporá-los, criá-los e explorá-los nas aldeias” (ibdem, p. 145). As informações que levantei se referem ao fato de que o indígena criou um modo próprio de domar, tendo como princípio a paciência e perseverança, conquistando o animal. De acordo com Jacques (2008, p. 41) os

indígenas estabeleciam uma relação diferente com esses animais considerando que,

(...) enxergavam os cavalos como continuação de seu ambiente não como um ente a ser submetido e subjugado pela força, num confronto onde o potro era totalmente surpreendido e sem nada entender, levado pelos métodos e técnicas de um cavaleiro e submetido sem a menor chance de aprender o que dele se queria.

A técnica da “doma índia”, praticada em campo aberto, desenvolveu uma cultura material em artefatos confeccionados a partir do couro extraído dos animais vacuns e cavalares. Os artefatos como as *boleadeiras* que consistem em três pedras arredondas cobertas em couro e amarradas a uma longa corda de couro presas. Duas pedras de igual tamanho são ligadas uma a outra por uma corda de 1,5m de comprimento. A terceira pedra, de tamanho menor é ligada, por uma *soga* com metade do comprimento, ao meio da *soga* maior (NUNES & NUNES, 1996, p. 68). As *boleadeiras* são giradas no ar para atingirem um ápice, e então arremessadas ao vento em direção às patas dianteiras ou traseiras do cavalo, imobilizando-os. Tempos depois, tem-se o aparecimento do *laço*, corda trançada, feita de couro, nylon ou outros materiais, com uma argola de metal em uma das extremidades. A outra extremidade passa por dentro da argola, formando um anel com a corda, que é girada no ar, jogada sobre o animal, e esticada quando enlaçando este, até derrubá-lo. Outra técnica desenvolvida pelos indígenas é a do *bocal*, cuja técnica vou descrever mais adiante. Conforme relata João Cezimbra Jacques:

Dos charruas e dos minuanos herdaram os gaúchos o governo do cavalo, com o bocal de guasca sovada passado nas rédeas, durante os primeiros repasses do potro, isto é, durante a fase em que é ele redomão, metendo-se-lhe mais tarde o freio, depois do animal governar bem com as rédeas, munidas do dito bocal. Sistema de governar este que difere do trazido pelos europeus, portugueses e espanhóis, em que estes domavam de bridão, torneando o animal por meio de cada uma das canas da rédea de *per se*, não o habituando a governar para os lados, senão dessa maneira, aliás difícil, ao passo que, com o governo deixado pelos ditos índios, o cavalo cede finalmente para qualquer dos lados com as duas canas das rédeas unidas. É o sistema sul-rio-grandense e platino. (JACQUES, 1912, p.26-27, apud FREITAS, 1993, p. 449).

A escola de equitação gaúcha é a integração dessas duas formas de ensinar cavalos e conviveram e convivem juntas até os dias atuais. A doma era praticada em campo aberto, onde os cavalos “*não iniciados*” conhecidos como “*potros*” eram *arrebanhados*, caçados através das *boleadeiras* ou *laço* e presos ao *palanque* onde eram trabalhados. Com o surgimento das estâncias passou-se a usar a *mangueira* para prender os cavalos a serem domados. No interior desta, no que chamam de “*praia da mangueira*”, eram *laçados* e levados ao *palanque* para serem “*amanuciados*” (amansados, acostumando-os a presença e ao toque do humano e dos artefatos de montaria) ou já eram *maneados* (presos por uma corda, feita de couro, nas patas), *encilhados*, e levados para fora da *mangueira* para serem montados. O domador percorria de estância em estância domando cavalos que seriam voltados para *lida campeira*, para transporte, deslocamento das pessoas no campo e para a guerra. Charles Darwin (1937, p. 183/184) relata essa doma em sua passagem, no início do século XIX, por uma Estância no Berquelo, próximo a Mercedes no Uruguai.

[...] Uma noite um *domidor* [domador] veio com o propósito de domar alguns potros. Vou descrever os passos preparatórios, pois acredito que eles não foram mencionados por outros viajantes. Uma manada de jovens cavalos selvagens é levada para dentro do curral, ou uma grande área cercada de postes, e a porteira é fechada. Vamos supor que um homem sozinho tenha que pegar e montar um cavalo que nunca sentiu rédea ou sela. Imagino que, não fosse executado por um gaúcho, tal feito seria totalmente impraticável. O gaúcho escolhe um potro bem crescido e, enquanto o animal corre ao redor do picadeiro, ele atira seu laço para pegar as patas dianteiras. Instantaneamente o cavalo rola com um golpe pesado, e enquanto ele se debate no chão, o gaúcho, segurando firme o laço, faz um círculo para pegar uma das patas traseiras perto do casco e então puxa para perto das patas fronteiras dele. Nesse momento, ele aperta o laço, para que as três fiquem presas juntas. Então, sentado no pescoço do cavalo, ele fixa uma forte rédea, sem bocado de freio no maxilar inferior. Consegue isso fazendo passar uma correia estreita pelo orifício da extremidade das rédeas e dando várias voltas em torno da mandíbula e da língua do cavalo. As duas patas dianteiras estão agora amarradas juntas firmemente com uma forte tira de couro, apertadas por um nó de correr. O *lazo*, que prendia as três patas juntas, assim que afrouxado, permite que o cavalo se levante com dificuldade. O gaúcho, agora segurando firme a rédea presa no maxilar inferior, leva o cavalo para fora do curral. Se um segundo homem está presente (de outra forma o trabalho é muito maior), ele segura a cabeça do animal, enquanto o primeiro lhe põe os arreios e a guarnição completa e amarra tudo junto. Durante essa operação, o cavalo, assustado e surpreso por ser assim amarrado pela cintura, atira-se no chão várias vezes até que, cansado, recusa-se a se erguer. Finalmente, quando o encilhamento está completo, o pobre animal mal consegue respirar de medo e está coberto de suor e espuma branca. O homem agora se prepara para montar, apertando fortemente os estribos para que o cavalo [cavaleiro] não perca seu equilíbrio. No momento em que ele

lança sua perna sobre o lombo do animal, puxa o nó corrediço, soltando as patas dianteiras da besta, que fica livre. Alguns *domidores* puxam o nó enquanto o animal ainda está deitado no chão e, montados na sela, esperam que o animal se ponha em pé. O cavalo, transfigurado pelo terror, dá os mais violentos saltos e então parte em disparada. Assim que o animal atinge a exaustão, o homem, com paciência, o traz de volta ao curral, onde, esfumaçando de calor e quase morta, a pobre criatura é libertada. Esse processo é tremendamente severo, mas após duas ou três vezes o cavalo está domado. Não é, contudo, senão algumas semanas depois que o cavalo é montado com o bocado de ferro e anel sólido, pois ele deve aprender a associar a vontade do cavaleiro com a sensação da rédea, uma vez que, antes disso, mesmo a mais poderosa brida não serviria para nada.” [...]

Após serem “*iniciados*” formavam-se as *tropilhas* entendido como grupo de cavalos “baseado no instinto gregário dos cavalos, amadrinhados pela égua madrinha” (JACQUES, 2008, p. 35), sendo esta um animal já domado, manso, experiente, a qual usava um cincerro pendurado no pescoço em que o som que produzia fazia os demais cavalos ficarem em sua volta, não se dispersando. A égua madrinha é o “ponto de união da tropilha”. (idem, 2008, p. 35). Em trabalho de campo os pesquisadores do INRC – Lidas campeiras encontraram o Seu Nelson, ex-domador que reside na cidade de Bagé/RS, que domava desde os dezesseis anos e que por muito tempo foi *domador tropilheiro* e seus cavalos eram domados, “na estrada”, ou seja, não tinha um espaço fixo para praticar o ofício. No momento com sessenta e sete anos, dizia que ainda domava cavalos, porém em menor quantidade. O domador dizia que tinha de estabelecer uma relação com cavalo, usando determinada técnica para aquele “*meio safado*”, que atrapalhava o andamento da tropilha.

Seu Nelson: [...] eu domava solto, eu sempre andava na estrada com 20, 30, 40 baguais, um com um cincerro na frente, outro de atrás, o culatreiro, ia atrás batendo o sino. Eu sempre andava com a tropilha por diante, cheio de corda!

Eliezer: E na estrada sozinho, tu pegava, encilhava e soltava, na estância ou na estrada.

Seu Nelson: As vezes tinha um meio safado eu laçava, meu laço sempre foi forte. Formava mesmo, botava o laço no pescoço d’um e atava num pau, deixava que ele ficasse puxando, voltava para o fogo seguia tomando mate.

Pablo⁵¹: Deixava ele ficar puxando.

Seu Nelson: Encilhava outro e deixava ele ali no laço, depois botava um buçal, encilhava e saía. (Seu Nelson, domador, Bagé/RS; Eliezer, 63 anos, proprietário

⁵¹ Pesquisador do INRC – Lidas Campeiras.

rural, professor universitário e poeta Bagé/RS. Entrevista para o INRC – Lidas Campeiras.)

Seu Nelson vivia de estância em estância *domando*. Acertava o preço do serviço com o *patrão* (proprietário da estância) e, ou ficava na estância domando os cavalos ou *formava tropilhas* e saía *andarilho*. E quando já estavam *domados* os cavalos voltava para entregá-los. Na estância o *domador* só tinha direito a alimentação. Para dormir não tinha quarto e assim fazia de cama os *pelegos* atirando-os no chão do *galpão*. A doma era completa, “*para toda a lida*”. O processo durava um ano com paradas entre as etapas (chamadas *sovas*), e os cavalos a serem domados tinham em média cinco anos de idade. Na *primeira sova* ensinava-se de *bocal* deixando o cavalo pronto para as *lidas*. Assim, dava a *primeira sova* e descansava por dois meses e dava-se a *segunda sova* quando se ensinava com o *freio*.

As transformações no ofício da doma tem relação com o fato de, em 1931, os estancieiros criarem a ABCCC (Associação Brasileira de Criadores de Cavalo Crioulo) na busca de padronizar a raça do Cavalo Crioulo que abrange animais descendentes dos cavalos da península ibérica que vieram para a América com os europeus, trazidos do velho mundo por serem considerados os mais resistentes. Em todos esses estabelecimentos as domas dos cavalos eram voltadas, em sua grande maioria, para a apresentação em provas promovidas pela ABCCC. Em março de 2014 visitei a sede da associação na cidade de Pelotas. Segundo as informações que recebi a associação é uma entidade que reunia mais de 49,5 mil pessoas entre criadores, proprietários e usuários de cavalos crioulos, distribuídos em todo o território brasileiro, além do Uruguai, Paraguai, Argentina e Estados Unidos da América. Foi fundada em 1932 com a função de “manter o padrão da raça crioula, bem como estimular e fomentar a criação deste cavalo.” Em 1982 foi criada a competição do freio de ouro o que, segundo diz o papel, possibilitou “um cavalo extremamente funcional” despertando a atenção de mídias e interesses comerciais. A associação envolvia em sua rede 16. 042 criadores sendo 2 880 associados. O número de proprietários estava na casa dos 33 522 enquanto que o número de animais registrados estava em torno de 352 771 animais e 95% destes cavalos estavam na região sul do Brasil. A ABCCC movimentou 984 eventos no ano de 2013 através de 194 remates em que a

comercialização movimentou um total de R\$183.170.707, 40. Um último dado interessante se refere que 80% das vendas de animais na expointer, considerada a maior feira agropecuária do Rio Grande do Sul, são de cavalos crioulos. Guilherme Howes Neto elucida a rede constituída por meio do cavalo crioulo:

Se entendido como um processo econômico do mundo moderno e capitalista, o Cavalo Crioulo não mais pertence à elite econômica. É um fenômeno de mercado. A economia que gira em torno de si, movimentando pessoas das mais diferentes classes econômicas. Desde o estancieiro dono do cavalo, passando pela equipe que prepara os animais, pelos comerciantes que montam suas tendas para vender produtos da *griffe* do Cavalo Crioulo (tanto originais quanto imitações), e chegando até o consumidor que adquire desde estes produtos, como também consome os signos e significados vinculados ao universo da marca Crioulo. (HOWES NETO, 2009, p. 104)

Em 1982 criou-se a prova do Freio de Ouro como forma de incentivar a criação da raça sendo o primeiro vencedor o cavalo Itaí Tupambaé, da Cabanha Tupambaé localizada em Dom Pedrito, montado pelo ginete Vilson Charlat de Souza. Em entrevista ao jornal Diário Popular de 26 de agosto de 2012, o então ex-ginete mostra que guarda o couro do cavalo que morreu dois anos após ter sido o campeão. Vilson no dia da entrevista com 78 anos, diz que “muita gente achou loucura guardar o couro do cavalo que já tinha morrido, mas é uma lembrança muito grande, não só para mim, mas para todo o pessoal do Cavalo Crioulo”. Nas provas do Freio-de-Ouro são avaliadas a “habilidade campeira do cavalo”. (Jornal Zero Hora de 29 de agosto de 2011). Assim, as técnicas de domar cavalos no pampa sul-rio-grandense se atualizam tendo como referência as apresentações em provas promovidas pela ABCCC.

3.3 – Os processos de doma

Existem diversas técnicas de domar as quais, basicamente, se classificam de acordo com a graduação da violência utilizada para a sujeição do cavalo. Na *doma tradicional* ou *gaúcha* são utilizadas técnicas de reforço, tendo centralidade o uso da força. Esta técnica se define em comparação as técnicas de doma ditas “*racionais*” (como “*doma racional*”, “*doma índia*”) baseadas no não uso da força, ou seja, sem machucar o animal estabelecendo uma relação de confiança entre o domador e o cavalo. Existem regras que estabelecem o empreendimento de um

ato de violência, ou seja, de castigar e machucar o animal, tendo principio na noção de reciprocidade entre o domador e o cavalo em que a violência do domador tem que ser em resposta de uma ação negativa do cavalo. Ao mesmo tempo em que a violência do cavalo é resposta a violência, sem justificativa, do domador. A discussão sobre o que é um ato de violência e o que não é um ato de violência é debatida entre os domadores. Entretanto, há consenso de que é na relação estabelecida entre pessoas, animais e artefatos que determinado saber/fazer vai ser acionado.

Em conversa com Roberto Duval, domador e pesquisador de uma forma de domar chamada “etológica”, este apresentou os princípios que diferem as domas: A doma tradicional acontece da seguinte maneira: Dentro da mangueira o domador laça o cavalo enforcando-o, tirando suas forças. Feito isso, coloca o *buçal* e leva para o *palanque*. Ao puxar, tentando sair do palanque, o cavalo sensibiliza a nuca. Logo após inicia-se o processo de *puxar do queixo* que é quando o domador coloca o *bocal* e sensibiliza a boca do cavalo puxando-o enquanto o animal, *maneado*, fica deitado chão (processo que irei descrever logo abaixo); na doma racional o professor chamou a atenção para a necessidade da paciência: Dentro da mangueira o domador busca *embuçalar* o cavalo e este tem que estar solto, que significa não ser *laçado*. O domador fica tentando *embuçalar* até o cavalo deixar. Quando *embuçado* o animal, começam os exercícios de sensibilização do corpo do cavalo. Os exercícios são progressivos, ou seja, são repetidos todas as vezes que se ensina um exercício novo. No segundo dia coloca-se o *freio bridão*. Outro tipo de doma é a “etológica” que se preocupa com o estudo do comportamento do cavalo, sendo uma doma desenvolvida nos centros de zootecnia das universidades. Esta técnica parte do principio de que o homem é um animal predador enquanto que o cavalo é a presa. Todo o ser que tem os olhos na frente consegue projetar e assim torna-se caçador. O animal que tem os olhos no lado da cabeça não tem essa capacidade de projeção, mas consegue enxergar perto dos 360° possibilitando ter uma visão completa do lugar em que está. A doma etológica vai explorar esse princípio e as técnicas partem de um estudo do comportamento psicológico do cavalo.

Para Duval, as técnicas da doma índia pouco se diferenciam da doma racional e etológica a não ser numa questão: A doma índia requer ao domador melhor preparo físico. Por exemplo: Na primeira vez que o domador monta no cavalo este *corcoveia* e o domador desce. O domador vai, de forma perseverante, fazendo esse processo e o cavalo vai percebendo que o domador não é um “agressor”, um predador, mas que somente quer ficar em cima e, aos poucos, vai permitindo que o monte. Na doma tradicional o domador monta no lombo do cavalo ficando em cima deste até aceitar o fato. Por fim, seguindo a apresentação das diferentes técnicas de domar cavalos Duval apresentou a “doma mista” que condensa a doma tradicional com as chamadas domas “racionais”: O domador embuçá-la o cavalo solto no curral, leva até o *palanque* em que, sem usar a violência, acostuma o cavalo com as cordas e com os artefatos de montaria. Em seguida trabalha-se o bocal em que se monta no cavalo e, com a ajuda de outro domador montado em cavalo já domado ou até com um cachorro treinado, o amansador faz o animal correr para a frente e, quando este está correndo, ou corcoveando, se joga o corpo para trás puxando, pelas rédeas, o bocal. Essa técnica requer muita perícia do domador considerando que este tem de ficar em cima do cavalo enquanto esse se rebela ao mesmo tempo em que tem que se preparar para puxar as rédeas de maneira muito intensa. Esse ato de sensibilização da boca, segundo o domador, “*traumatiza menos o cavalo*”.

Por trás da discussão de violência e não violência estabelecida entre os domadores está a discussão da melhor maneira de ensinar o cavalo. A diferença entre as domas estão na “*maneira de lidar*” com o potro, e os artefatos dependem da técnica embora não há um artefato para determinado tipo de doma, mas para cada relação estabelecida. Para os interlocutores o cavalo percebe o sentimento de quem está perto. Nesse sentido, se o cavalo está desinquieto e o domador se mantém calmo, o primeiro vai perceber que não há motivos para ficar assim. Essa sincronia é enfatizada pelos domadores como o princípio da melhor maneira de ensinar sendo necessário controlar a expressão dos sentimentos quando em trabalho de doma. O processo se divide em quatro momentos: *Amanunção*, *puxar do queixo*, *primeiros galopes* e *iniciação do freio*. Essas etapas estão presentes, embora de diferentes maneiras, nas diferentes técnicas praticadas pelos interlocutores.

3.3.1 - Amanunção

De acordo com os interlocutores cada domador tem sua técnica e preferência ao mesmo tempo em que a relação estabelecida com o cavalo vai condicionar a utilização de uma técnica em detrimento de outra. Tem o cavalo “doce de boca” que é manso e o “duro de boca” de temperamento rebelde, sendo o cavalo:

(...) doce de boca mais sensível, o duro de boca, que se diz "do queixo roxo" [...] que custa a se entregar né. [...] não sei se vocês já viram, o cavalo quando puxa no chão ou puxa de cima ou, geralmente quando botam no chão para puxar da boca [...] e aí tem que puxar até patear, aí quando ele pateia é quando ele se entregou. (Eliezer – poeta, Bagé/RS entrevista para o INRC – Lidas Campeiras).

Os trabalhos da doma se iniciavam na primavera se estendendo até o verão e início de outono. No entanto, com as competições de cavalos promovidas principalmente pela ABCCC (associação brasileira de criadores de cavalo crioulo), instituição que apresentarei mais adiante, a doma se intensifica no inverno. Conforme Dula, domador e proprietário da *cabanha Sinaleiro* na cidade de Pelotas/RS, durante o inverno “*tem umas categorias nas exposições em que eles [os cavalos] entram encilhados. Até dois anos e seis meses eles entram a cabresto e de dois anos para cima eles entram encilhados*” e assim, se faz necessário domar no inverno. Por conseguinte, a técnica de “*Amanunciar o potro*” que significa acostumar o animal com o animal humano e com os artefatos utilizados para a montaria e trabalho não tem época. Esse trabalho, muitas vezes é feito desde quando o *potro* (cavalo ainda não domado) está sendo desmamado pela égua, com seis meses de idade.

Amanunciar ou *amansar de baixo* significa uma aproximação dos animais com os humanos e artefatos de montaria facilitando o trabalho da doma. Segundo Sérgio, domador e proprietário da hospedaria e centro de doma Santo Expedito na cidade de Pelotas/RS, antigamente não eram realizados esse trabalho de *amanunciar*, ou seja, o *potro* era pego “*xucro*” (não foi *amanunciado*) para domar o que demandava muito mais força e violência. Em conversa com Minga Blanco, domador e proprietário rural no município de Aceguá/RS, as técnicas das doma “*ditas racionais*” exploram este momento de iniciação do *potro*: O cavalo é trazido

para dentro de um pequeno curral e o domador, com o *buçal* na mão, busca se aproximar. O cavalo foge e fica correndo em torno das tabuas da mangueira enquanto o domador acompanha seus movimentos caminhando atrás. Na técnica da doma racional o artífice domador atira uma corda por trás do potro fazendo-o correr em disparada. Em certo momento o cavalo começa a dar um sinal que é baixar e subir a cabeça e começar a lambe os *beijos*. Nesse momento, o domador se aproxima do cavalo mostrando as costas. O animal, aos poucos vai permitindo a aproximação do campeiro que, por fim, se aproxima acariciando a sua testa e colocando a corda no focinho para o cavalo cheirá-lo, pois este conhece algo pelo cheiro. Após isso, o domador, lentamente e com calma, coloca a corda no pescoço do potro e depois de acostumá-lo com a corda, coloca o *buçal*. Segundo os domadores, quando o cavalo permite que se acaricie a testa com a mão, significa que permitiu iniciar a comunicação. Por conseguinte, o processo de toque da mão no corpo do animal, chamado “*palmeiar o potro*” inicia na cabeça, vai ao pescoço, ao corpo, chegando às patas traseiras. O domador, inicialmente, vai palmeando o potro segurando pelo *buçal*, pois o animal não está sensível ao toque. Bayard Jacques relata sobre o toque da mão:

Desde os primeiros potros que amansei, sempre me impressionou o verdadeiro pavor que eles sentiam ao toque da mão. A impressão que me passavam era como se minha mão fosse fogo e queimasse. Depois de conseguir que o animal reduzido pelos elementos de contenção se deixasse apalmar a impressão era exatamente o contrario: os animais gostam de ser tocados, desde que tenham sido bem tocados. (JACCQUES, 2008, p. 66).

Prendido o *buçal* em que está anexado a corda, dá-se alguns tirões para baixo sensibilizando a nuca do animal. O próximo momento consiste em deixar cavalo preso no palanque que “age da mesma forma que as rédeas do domador, ao limitar o movimento pela ação firme das mãos que não seguem puxando quando esse movimento é cortado” (JACCQUES, 2008, p. 47), e trabalhar a técnica dos *maneadores* e *maneias*: As maneias são peças constituídas por dois pedaços de couro, ligados por uma argola, que tem a função de prender as patas do cavalo para este não fugir. Colocadas as maneias o domador coloca os *maneadores* que são cordas feitas de tiras couro com espessura grande que são rodeadas em volta do corpo do animal. Esses artefatos limitam as possibilidades de reação do potro fazendo-o acostumar-se com os artefatos que, futuramente, serão

colocados. A essa etapa os domadores chamam de “*tirar as costas*”.

Também chamada de “*amansar de baixo*”, a *amanunção* busca uma aproximação com o cavalo, visando estabelecer uma relação de confiança em que utiliza a linguagem corporal para se comunicar com este. O domador observa as reações do cavalo ao mesmo tempo em que esse observa as reações do domador. Por isso a ênfase na paciência quando se está lidando com o potro. Esta confiança não pode ser quebrada ao longo do processo e por isso o não uso da violência, porém, se necessário o castigo, tem de estar de acordo com a “*natureza do cavalo*”. Segundo Minga Blanco, depois dessa etapa a técnica de doma adotada fica a critério do domador que, considerando o temperamento do cavalo, aciona a técnica do freio ou do bridão. Nesses últimos dias, conversando com Dula, este se referiu ao fato de que se usam as técnicas da doma racional, no que se refere à questão de aproximação e cuidado com o cavalo o que chama de “*trabalhar a mansidão*”.

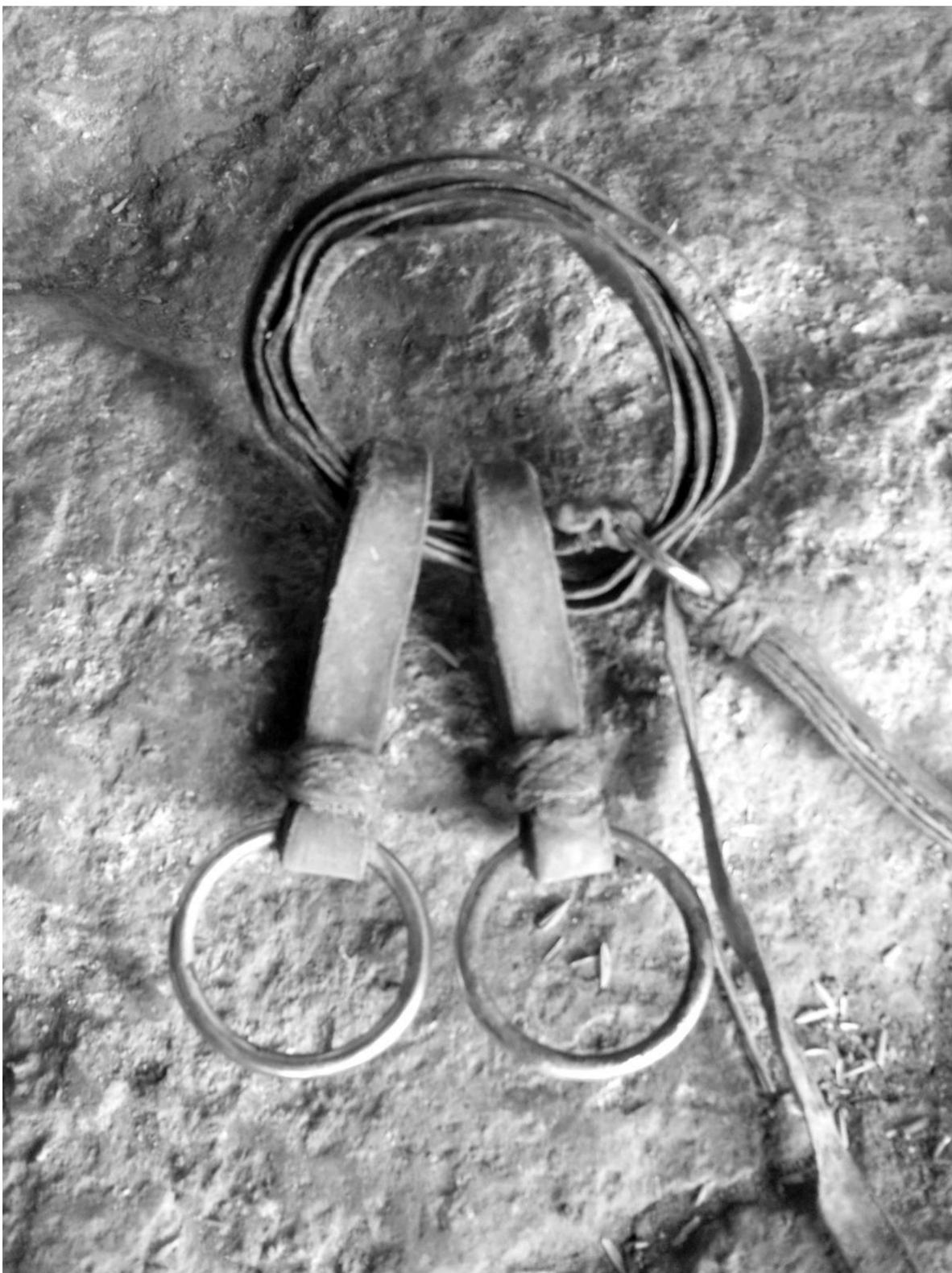


3.3.2 – *Puxar do queixo*

O que se aprende na vivência com os domadores é a relevância dos artefatos têm no processo de ensinamento dos potros. Para José Reinaldo Santos Gonçalves e Colaboradores (2013, p. 08) para os “modernos”, as “coisas não falam”. Entretanto, ao experienciar outras culturas, mesmo as dentro da própria sociedade que se diz “moderna”, percebemos que, na realidade, “desaprendemos os idiomas em que se expressam. Pois, se isolarmos as coisas na lógica da ‘razão prática’, na condição de instrumentos estritamente utilitários ou ornamentais, nos afastamos da possibilidade de estabelecer com elas relações de comunicação.” Nesse sentido, conforme os autores, as “coisas” existem como parte das complexas relações sociais, mediando às relações entre natureza e cultura. No processo do domar são acionados diversos artefatos os quais comunicam algo ao animal sendo a mediação da relação entre o domador e o cavalo.

Após a preparação do cavalo vem à etapa denominada “*puxar do queixo*” sendo este considerado entre os principais momentos do processo de aprendizagem do cavalo. Esta etapa da “*iniciação do cavalo*” é considerada relevante para os domadores, pois é o momento em que este vai conhecer o artefato chamado *bocal*, que é uma tira de couro, com três centímetros de largura, desquinada, que se ata ao queixo dos potros. O artefato é colocado, inicialmente, na parte maxilar do cavalo entre os dentes pré-molares e os *colmilhos*.

Esse artefato estabelece a primeira comunicação do cavalo com o campeiro considerando que o processo de doma vai estar terminado no momento em outro artefato chamado *freio*, processo que descreverei mais adiante, passa a ser acionado. Nesse sentido, a utilização de bocal “que aos neófitos pode parecer erradamente uma intenção de martírio, é sim uma forma branda e progressiva de ensinar o cavalo aos comandos que mais tarde lhe serão exigidos pelo freio, pelo ferro.” (JACQUES, 2008, pag. 73).



Bocal - Fonte: Acervo de fotos do INRC – Lidas Campeiras.

Observei esta etapa sendo praticada por Dula. O domador *puxou o queixo* de uma égua de dez anos que fora mal iniciada tornando-se “*redomona*” o que quer dizer que não deixa montar. Para Dula, “*lidar com cavalo mexido*” é muito

complicado: “*nós não pegamos bicho mexido, mas como essa égua é de um amigo de um amigo nosso, a gente vai tentar para ver que tal é. Eu conheço o homem velho que era dono dela, que é um velho campeiro. Isso é a referencia do porque estamos pegando ela, bicho mexido a gente não pega*”. Para o domador o cavalo *redomão* é difícil de (re)iniciar, pois este trás em si a experiência anterior dos artefatos, da relação com o humano e tudo isso influencia na forma como o animal percebe sua existência.

O domador decidiu *começar do zero*, (re)“iniciando-a”, produzindo uma nova relação. A égua era bastante agitada, pois não teve muitos contatos com os humanos por algum tempo. Dula “*amanunciou*” esta alguns dias antes de iniciar tal processo. Por isso, a técnica era ativada com determinados artefatos. Observei a (re)iniciação desta égua, com o nome de “*preta*”, com o artefato *bocal*: Lico, o filho de Dula, levou a égua até um *palanque*⁵² localizado dentro da *mangueira* da cabanha. Neste local ela foi “*maneada*”, ou seja, presa nas patas dianteiras e traseiras por uma corda de couro ou náilon chamada “*maneia*”. O filho do domador calmamente, chamando-a pelo nome, colocou as *maneias*, embora, em alguns momentos a égua tentou sair puxando a cabeça na qual estava o “*cabresto*” preso ao palanque. Feito isso, ligam-se as *maneias* das patas e das mãos através de uma corda de couro que cruza a argola de cada *maneia* diversas vezes. Quando puxada essa corda as *maneias* juntam-se derrubando o animal e impossibilitando-o de ficar em pé. Depois disso, amarra-se e aperta o *bocal* no queixo do cavalo. Dula diz: “*A gente sempre usa bem apertado [o bocal] quando puxa, não pode ser frouxo, pois pisa. Só se bota mais frouxo quando eles estão redomão [mais mansos] no caso.*” Conforme o cavalo vai conhecendo e atendendo a comunicação do domador por meio do bocal vai se diminuindo a intensidade do artefato na boca.

No bocal estão anexadas as *rédeas* as quais vão cruzar atrás do lombo do cavalo quando os agentes colocados atrás do mesmo irão puxar direcionando o queixo na direção do peito dando um “*tirão*” único até este “*patear*” (agitar as patas) que significa dizer que esta demonstrando que esta doendo, ou seja, ele “*sentiu*”. São três “*tirões*” ou “*puxões*” de cada lado, ou seja, depois de dado os

⁵² O entendimento do palanque e seu funcionamento é a compreensão da metade da doma gaúcha. Assim se sujeita o potro. O palanque age da mesma forma que as rédeas do domador, ao limitar o movimento pela ação firme, das mãos, que não seguem puxando quando esse movimento é cortado. (...) Esta é a profunda importância do trabalho do palanque, que representa uma limitação da vontade, baseado na autoridade indiscutível que não luta, não discute, não conversa, não cede. Esse é o princípio que submete o cavalo. (JACQUES, 2008, pag. 48-49).

três *tirões*, vira – se o cavalo e *puxa-se* mais três. Dula usa esse método de puxar do queixo:

(...) porque aqui sempre tem pouca gente e desse jeito três caras puxam um cavalo. Nós fazemos tipo um atalho, nós colocamos o rabicho na cola, é duas argolas, uma lá e uma aqui [no pescoço], por que aí tu passa a corda lá e aqui e faz uma talha. Puxa sempre na reta do fio do lombo. Precisa cuidar a cola, para não machucar. Por isso o rabicho vai na reta do fio do lombo.

O objetivo do ato de “puxar do queixo” é deixá-lo “sensível de boca” e assim quando, na próxima etapa que é o ato de montar, ele já possa atender as mensagens do domador. Na etapa em que se inicia o cavalo na montaria, se coloca o artefato por cima da língua do animal para sensibilizar o lugar em que, em breve, vai atuar o freio. É uma iniciação com o objetivo de sensibilizar a parte do corpo do animal o qual vai se estabelecer a principal comunicação no momento da montaria, e por isso tem que ter o cuidado para não “puxar” com intensidade muito forte e traumatizar o animal o que impossibilitaria seguir no processo de doma. Por conseguinte, Eliezer, poeta e proprietário rural em Bagé – RS, indicou outras formas de *puxar o queixo*:

E tem, por exemplo, se derruba o bicho no chão e puxa com outro cavalo, na cincha de outro cavalo, o bicho deitado no chão e puxa. Aí já é mais difícil porque tem que ter muito cuidado [no caso, quem determina a intensidade é o cavalo, não os humanos]. Tem outro sistema que, encilha-se o cavalo e bota a rédea e aí monta num outro cavalo e vem e puxa para trás, dá-se aquele tirão, faz o animal recuar com outro cavalo. E tem outro sistema que o ginete mesmo em cima do cavalo, que deve ser como o Seu Nelson fazia, em que se monta e depois, quando para, leva as duas mãos e dá aquele tirão. Vai lá para trás [...] na anca do cavalo e puxa. Se chama isso de "puxar de cima".

Nesse processo o cavalo é domado somente de bocal sendo que após isso deverá ser domado de *freio*⁵³ que seria um aperfeiçoamento do processo de

⁵³ Freio é um tipo de embocadura com barra de ferro inteira, não articulada, que vai dentro da boca do cavalo.

doma, considerando que este já tem familiaridade com todos os comandos que se exige dele. O cavalo domado de *bocal* chama-se “redomão”.



Fonte: Acervo pessoal de Minga Blanco

3.3.3 – Os Primeiros Galopes

A terceira etapa consiste em montar no cavalo, também denominada como “*primeiro galope*”. O “*primeiro galope*” significa subir no animal, que está com os arreios, e trabalhar ele para que se acostume com os artefatos da montaria. Ao ser montado o cavalo muitas vezes começa a *corcovear*, a pular querendo expulsar o domador do seu lombo. O domador tem de ficar em cima mostrando-o que deve acostumar-se com esse fato. Nesse momento, quem monta é auxiliado pelo “*amadrinhado*”, aquele que o acompanha montado em um outro cavalo. Quando visitei a *cabanha Sinaleiro*, observei, além da técnica de *puxar o queixo*, o “*primeiro galope*” de um *potro*.

Quando cheguei a *cabanha*, Lico, filho de Dula que está aprendendo a domar com o pai, estava “*amanunciando*” o *potro* que iriam dar o *primeiro galope*. Enquanto aparava a cola e as crinas do cavalo me disse que esse cavalo “*era de campo*” e “*xucro*” o qual significa dizer que não foi criado em contato com humanos diferente dos cavalos criados dentro de *cocheiras* - lugares perto de casa, aonde ganham ração e também passam à noite. O cavalo estava na *cabanha* há dois meses e, segundo Lico, somente há algumas semanas tinham conseguido *amanunciar* ele, assim, de forma com que ficasse sem medo dos humanos. “*Conseguimos tirar o buçal dele recém agora..*” Enquanto Lico encilhava o *potro* este olhava “*assustado*” para os artefatos de montaria e também depois que *galopearam*, este ainda olhava assim para os *aperos*. Quando *encilhava* Lico fazia o *potro* cheirar o artefato antes de colocar no lombo do mesmo, técnica que, através da noção de que o cavalo conhece algo pelo cheiro, faz o animal conhecer tal artefato. O *potro* vai, aos poucos, se acostumando com os artefatos. Os domadores dizem que o cavalo precisa de um tempo para se acostumar com os arreios.

Daniel - *Ele olha meio assustado para os arreios, né?*

Lico - *É, porque ele é xucro né. Nunca foi lidado assim, nunca foi andado, nunca ninguém montou nele né. Aos poucos ele vai acostumando (...).*

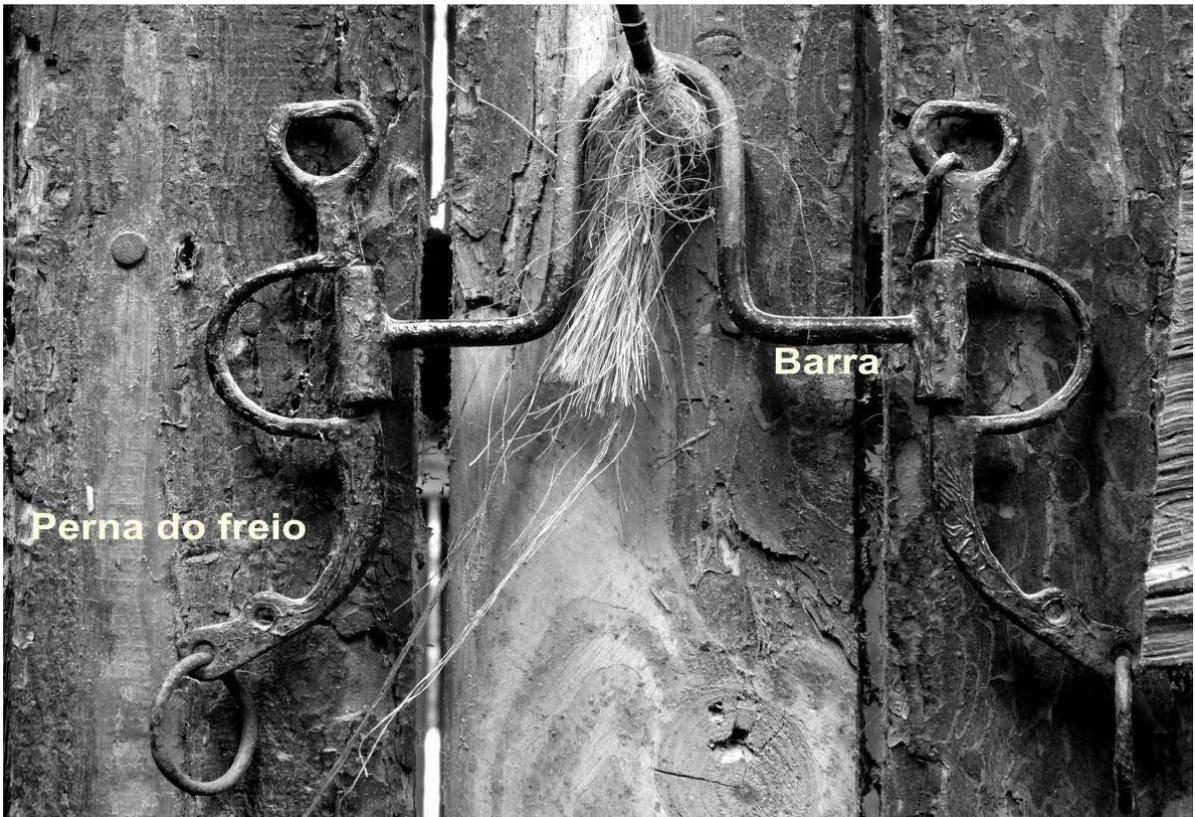
Em determinado momento o cavalo fugiu indo parar no fundo da propriedade, depois de buscá-lo, Lico colocou uma “*maneira*” neste para não fugir. Quando encilhado o *potro*, Lico o levou até o *corredor*, pois é assim como denominam a estrada em que *galopeiam* seus cavalos. Dula apareceu depois montado a uma égua com a qual iria *amadrinhar* Lico que montaria em tal *potro*. Essa égua, que chamam de “*égua madrinha*” tinha quatro anos de idade, sendo um animal experiente, que “*tem mais pratica*”. Lico se mostrava bastante impaciente com o potro ao ponto que em momentos seguidos o pai tinha que dizer a este: “*calma filho!*”.

Quando chegou ao corredor, Dula me disse: “*Esse cavalo que tu esta vendo aí tchê, talvez sirva para o teu trabalho, é um dos mais agitados que nós vamos pegar esse ano.*” Para ele não tinha *mistério nenhum* nisso, somente esse temperamento era relevante para as técnicas acionadas. Assim, pegou o potro pelo *cabresto*, que no caso é entendido como um artefato de couro que é prendido na cabeça do cavalo e ao qual está anexado um *laço* para manejar o cavalo. Ao pegar o *potro*, puxou e saiu rápido fazendo com que este caminhasse, antes de ser montado, para conhecer a presença dos *arreios*. Este já estava acostumado com os artefatos no lombo e fazê-lo caminhar com eles possibilita que os reconheça no movimentar o seu corpo. O domador foi até o final do corredor e voltou para o lugar em que estava quando Lico, que esperava, montou. Ao ser montado, o *potro* saiu correndo para frente enquanto Dula, com sua égua madrinha, o acompanhava fazendo com que esta tivesse o seu corpo sempre junto do corpo do *potro*. Após esta etapa o cavalo segue sendo trabalhado e treinado (nos primeiros dias ainda acompanhados do *amadrinhador*) todos os dias. A intensidade do trabalho é determinada conforme o animal vai aprendendo os ensinamentos do domador. Observei que o cavalo no qual o amadrinhador esta montado transmite alguma comunicação com o *potro*, pois o amadrinhador fazia a égua encostar o pescoço no pescoço do potro. Em alguns casos, como observou Seu Nelson, muitas vezes ata-se o cavalo xucro à *égua madrinha* por alguns dias antes de *puxar do queixo*, pois esta o ensina a se acostumar com os humanos e artefatos. Eles ficam “*acolherados*” como se referem os campeiros.

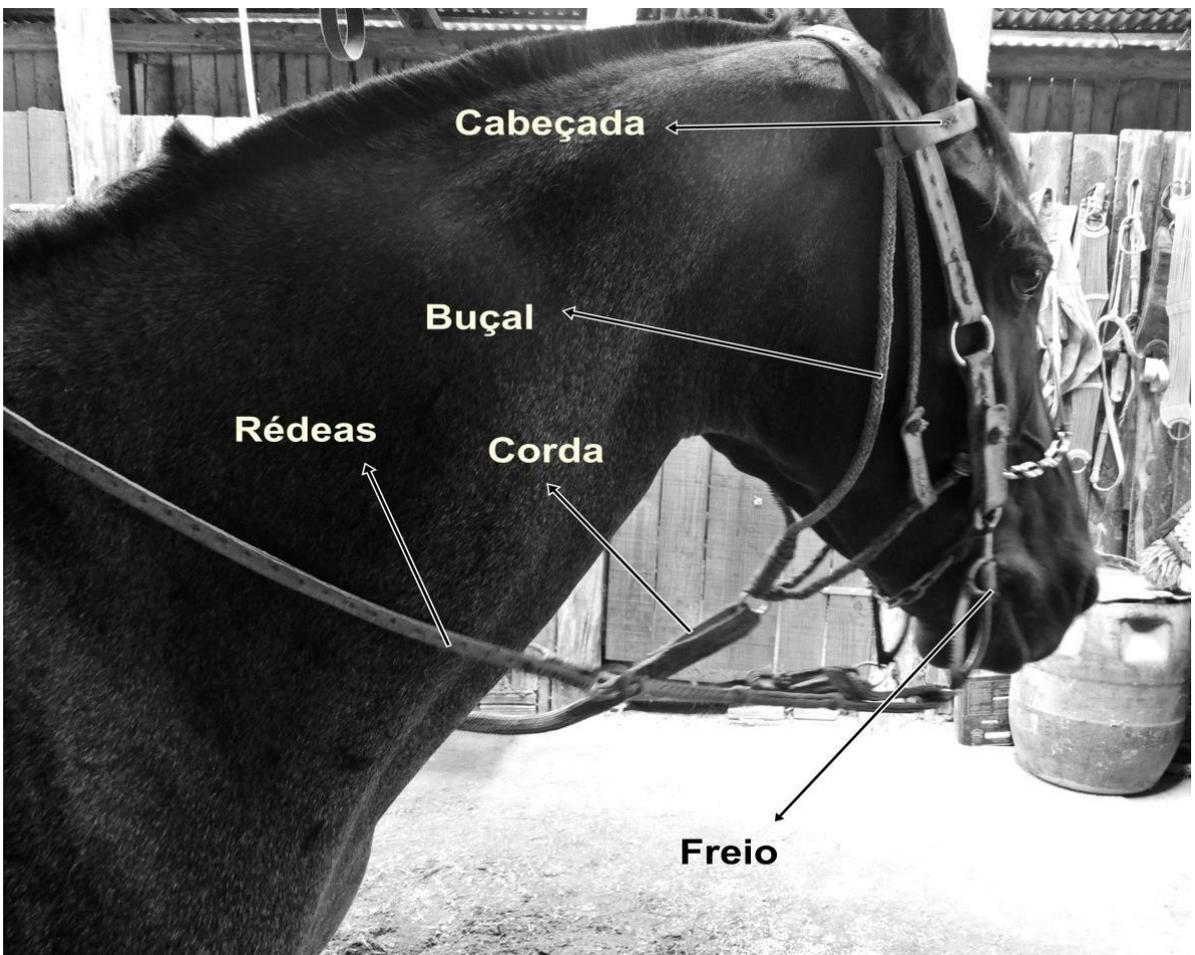
3.3.4 – Os Freios e Bridões

O processo de domar o cavalo é contínuo. Embora fique manso de *bocal* e montaria em alguns dias, nas entrevistas viu-se que para o processo ficar completo demora mais de um ano. Por exemplo, para a doma voltada para correr a prova do Freio-de-Ouro, que é a etapa máxima da equitação gaúcha (JACQUES, 2008), o cavalo deverá no mínimo estar há três anos sendo treinado. Lico disse que um cavalo fica “*bem domado*” em seis meses, ou seja, ensinado aos artefatos e a presença e comunicação dos humanos. No entanto, se vai ser destinado para “*correr prova*”, ou seja, competições equestres, fica mais tempo no aprendizado, que no caso significa ser “*treinado*” para tal competição. Para Flavia Blanco, professora e interlocutora do INRC – Lidas Campeiras, Aceguá/RS, a doma é feita nas hospedarias e dura uns seis meses. Nesse sentido, o cavalo domado para o trabalho no pastoreio não fica totalmente “*pronto*”, ou seja, será na lida, na prática do pastoreio, que este vai aprender tal habilidade. Os primeiros processos da doma feita nas hospedarias estabelecem um ensinamento do cavalo em que aprende a “*interagir*” com o campeiro através dos artefatos, sendo que a habilidade se adquire na prática das lidas e competições.

Nesse sentido pode-se considerar o momento de “*enfrenar*” o cavalo como a etapa final dos principais processos de ensinamento. Acontece quando este passa a atender o *freio*. O *freio* é uma embocadura de ferro, metal, madeira, borracha que se compõem de barra de “ferro doce”, parte que vai dentro da boca do cavalo, sem articulações e tendo uma elevação na parte central exercendo uma pressão na boca do animal. O freio é segurado pela *cabeçada* que é um artefato, confeccionado em couro que envolve a cabeça do cavalo. Está anexada na parte de cima da perna do freio enquanto na parte de baixo são anexadas as *rédeas*. Com o Seu Paulo, domador e proprietário rural – Morro Redondo/RS, aprendi a técnica: se coloca o freio na boca do cavalo e cruzam-se as *rédeas* por entre as patas dianteiras atando-as em cima do lombo deste fazendo com que o queixo fique direcionado em direção ao próprio pescoço. O cavalo fica dentro de uma *manguieira* algumas horas do dia conhecendo o *freio*, sendo um processo lento.



Freio



Para Eliezer “a ciência da doma” está no freio e o domador tem que saber o momento certo, de acordo com o aprendizado do cavalo, para *efrená-lo*. No início coloca-se o artefato sem montar no cavalo e o deixa na *mangueira*, “*mascando o freio*” para o animal conhecer o *freio*, “*calejar*” a boca. Depois se faz o animal caminhar ao lado com o artefato, fazendo os seguintes movimentos: “*sujeita*” (faz parar) e “*puxa*” (direciona para a direita ou esquerda). O domador deve ter o cuidado para não o machucar, para não ferir, pois ele já está sensível da boca.

Nas domas ditas “*racionais*” tem prevalência à utilização do artefato chamado *bridão* que é uma embocadura de ferro, metal, madeira, borracha que se compõem de barra, cuja a parte que vai dentro da boca é ligada por articulações. Por exercer uma pressão menos intensa na boca do cavalo, os domadores dessa técnica entendem que o *bridão* maltrata menos o animal. Por outro lado, é necessário a confiança entre ambos, pois o cavalo não está “*sujeito pela boca*” e nesse sentido pode em algum momento não atender a comunicação de quem o monta. Muitos domadores que utilizam o *bridão* dispensam a utilização do *bocal* considerando que não se necessita desse processo mais intenso. Entretanto, nos relatos de domadores com quem conversei, utilizam - se os três artefatos no processo de doma nesta ordem: *Bocal*, *freio* e *bridão*. O princípio orienta a técnica se refere que, conforme o cavalo vai conhecendo e acostumando com a pressão na boca vai-se diminuindo a intensidade. Além disso, existem diversos tipos de *freios* e *bridões* que serão acionados conforme vai demandando o processo de ensinamento do cavalo.

Os domadores, embora tenham preferência por uma técnica em detrimento da outra, consideram que a característica do cavalo, ou seja, sua personalidade que rege a demanda de determinado saber/fazer. Retomo assim uma conversa com Seu João para quem a diferença entre as domas estão na “*maneira de lidar*” com o cavalo, e os artefatos dependem da técnica embora, segundo ele, não há um artefato para determinado tipo de doma, mas para cada relação estabelecida.

3.4 - A doma nos diferentes ambientes: Rurais e Urbanos

Tal como os campeiros, os cavalos circulam entre o meio rural e urbano e, assim, também constroem os ambientes ao mesmo tempo em que são envolvidos por ele. Quando se troca um cavalo de ambiente é necessário acompanhar sua adaptação a este. O cavalo que se criou no meio rural quando é levado para o meio urbano fica muito estressado com o barulho, com o movimento rápido dos carros. Por outro lado, o cavalo que vive no meio urbano, dentro de uma hospedaria, quando colocado no campo, está muito vulnerável aos parasitas, pois não sabe como se “habitar” ao lugar, ou seja, como criar suas próprias defesas a doenças e também não comer um pasto que o faça mal. A doma de potros no meio urbano não se opõe a doma realizada no meio rural estando o ensinamento voltado para a atividade que o animal desempenhará.

Na doma nas propriedades rurais, em que os cavalos vão desempenhar atividades pastoris, a doma é um processo contínuo em que o animal vai aprendendo na lida do dia-a-dia. Em trabalho de campo chamou-me a atenção o espanto dos campeiros quando o cavalo desempenhou determinada técnica de maneira elaborada considerando que pouco havia treinado o ensinamento: Os campeiros laçaram o boi na mangueira e colocaram na *cincha* que é um artefato dos *arreios* em que se colocam o *laço* que prende o boi. O campeiro, montado a cavalo, faz este puxar o boi. Quando está puxando o animal bovino pela *cincha*, se deve cuidar para este, que tenta fugir, não enredar a corda nas patas do cavalo que pode derrubá-lo. Assim, a cada movimento do boi, o cavalo deve acompanhar virando o corpo sempre na direção do movimento do animal vacum. O campeiro, em cima do cavalo, sempre atento, vai puxando ou tocando por diante o boi e acompanhando esse movimento do equino. Nesse dia, em que observei o fato, o campeiro se distraiu e o boi se movimentou, de forma inesperada, para o outro lado fazendo com que a corda, presa na cincha pelo lado direito dos arreios, puxasse o cavalo podendo derrubá-lo. Entretanto, o cavalo acompanhou rapidamente o movimento do boi não o deixando enrolar a corda no seu corpo. Os humanos ficaram espantados com habilidade desempenhada pelo animal, que estava em processo de doma. O campeiro e domador que era proprietário deste, demonstrava admiração pelo seu ato dizendo que não venderia o animal que “*saiu bom*”,

ou seja, tem facilidade em aprender as técnicas.

Observei o Sérgio, domador e proprietário de uma hospedaria em Pelotas, ensinando o cavalo a *cinchar*. Ata-se um *laço* na *cincha*, que é uma das peças dos arreios onde se prende o laço, e puxa (ao lado do cavalo) lentamente, nos primeiros momentos. Isso serve para ensinar o cavalo a ficar parado e afirmar o corpo para, quando o peão estiver com um animal preso no laço, o cavalo “afirmar nos *tirões*”, ou seja, segurá-lo. Logo após, ensina-se a acompanhar o animal quando este se movimenta preso pela corda. Após esse exercício Sergio com o mesmo *laço* começou a passar a corda em volta do cavalo para esse ficar manso para o laço que se refere ao fato do animal não “corcovear” caso o laço enrede em seu corpo. Esse exercício, de *cinchar*, é também uma das etapas das provas promovidas pela ABCCC que Sergio participa. Nessas provas as atividades desempenhadas pelo cavalo são as mesmas que este vai desempenhar no trabalho de campo como o tiro de laço, afirmar na cincha, tocar e atacar os bois, entre outras.

As técnicas de domar cavalos no pampa sul-rio-grandense, para além das lidas no pastoreio, têm como referencia as apresentações em provas promovidas pela ABCCC. Ao conhecer a associação conversei com Rodrigo, responsável pelo setor de eventos da associação. A conversa iniciou através de uma questão chave: a doma é diferente do treinamento. O domador *inicia* o cavalo enquanto o treinador ensina para a apresentação em determinadas provas. Porém, este ressaltou que é na iniciação do cavalo que vai se definir as possibilidades de este ser um vencedor de provas. Uma das primeiras regras para a doma é respeitar a cronologia física do animal. Segundo Rodrigo, que é veterinário, o cavalo possui uma cronologia física: osso – musculatura – gordura. O desenvolvimento de um cavalo se dá nessas etapas. Assim, o ápice da forma física de um cavalo é aos quatro anos de idade quando está pronto para a iniciação da doma. Rodrigo exemplificou-me através do cavalo “Neymar” sendo uma analogia ao um jogador brasileiro de futebol entendido como promessa dentro do meio. Ou seja, o cavalo “Neymar” é um cavalo promissor que, tem boa morfologia o que significa ser ideal de acordo com os padrões que avaliam. Mas, para esse poder dar o máximo de sua capacidade, tem que saber o momento certo para a doma. Com dois anos e meio o cavalo pode participar de provas de morfologia em que é avaliada sua constituição física, a forma de andar, a forma de posicionar a cabeça. O cavalo é

treinado para essas apresentações, no entanto, para as provas do freio-de-ouro onde se exige mais do cavalo, este tem que ter chegado a sua parte funcional, quando está completa a cronologia física. Rodrigo critica algumas pessoas que não respeitam a “cronologia funcional” do cavalo e, muitas vezes acabam “*estragando*” (inutilizando) cavalos “Neymares” que poderiam ser grandes vencedores. Os cavalos campeões nas provas se tornam “*expoentes*”, que significa dizer que são direcionados para a reprodução e cria. Algumas estâncias tem os cavalos para as lidas enquanto os animais campeões dessas provas são utilizados para a reprodução destes para as lidas. O cavalo para a reprodução tem um cuidado diferente do cavalo de serviço. Por conseguinte, uma égua pode ser por um tempo utilizada para a reprodução e depois para o serviço, ou o contrario, é um animal bom de serviço e, assim, passa a ser utilizado para a reprodução. As crias, desses cavalos, também são vendidas para outras estâncias.

Portanto, as técnicas de domar nesses contextos urbanos se voltam para as provas promovidas pela ABCCC. Em busca desses cavalos “Neymares” diversas técnicas, principalmente as “*ditas racionais*” vem ganhando atenção, pois ao “respeitarem” o cavalo, defendem que este se torna um animal com maior capacidade de vencer provas. Por outro lado, aqueles defensores de métodos que aprenderam nas estâncias, entendidas como doma gaúcha, se referem que este é o mais apropriado, por sua eficácia na doma do animal.

Sérgio: *A doma, hoje em dia esta muito mudada, muita gente que usa bridão esses troços assim...*

Pesquisador: *Bridão?*

Sérgio: *Bridão é, nessa doma nova aí, mas eu não, essa doma que eu domo é ainda a doma antiga a doma tradicional que corre 21 dias... pega potro xucro, amansa e, em 21 dias tem que correr a prova: é andadura... andadura, mansidão, (...) escramuçar nele, reboleia o laço e corre paleteada... hoje em dia esta assim essa doma né... 21 dia normal, é da doma antiga né... essa doma de bridão tem muita gente que gosta, tem muita gente que não gosta, eu sou um que não gosto.*

Pesquisador: *Porque que tu não gosta?*

Sérgio: *Porque os cavalos não são, não ficam como a gente quer... tem gente que usa ainda, eu não uso, eu puxo eles do chão ainda... eu derrubo eles, maneio, puxo, boto o bocal na boca, puxa... aí depois sigo galopeando eles.*

[...]

Pesquisador: *Tu sempre domou na doma tradicional?*

Sérgio: *Sempre...*

Pesquisador: *Mas tu sabe praticar a racional?*

Sérgio: *Alguma coisa tu aproveita dela.*

Pesquisador: *Da racional...*

Sérgio: *Da racional, a mansidão, alguns troço assim eu aproveito...*

(Entrevista INRC – Lidas Campeiras)

Observei uma “prova de 21 dias” que ocorrera no centro de eventos da ABCCC em Pelotas. A prova consiste na apresentação de um potro que fora iniciado no aprendizado da doma há 21 dias antes da prova. Quando inscrito na prova o domador e o cavalo que irão competir, os “fiscais” desta visitam o estabelecimento e analisam se o cavalo não fora iniciado no *bocal* sendo esta a condição para a permissão de participação no evento. Se confirmado que este não fora iniciado, permite-se que comece a doma e que se apresente, 21 dias depois, nesta prova. As habilidades que o cavalo aprende nesse intervalo de tempo são: correr por entre blocos de fava prensados distribuídos na pista; girar de um lado para outro. Depois dessas etapas o domador desce do cavalo e mexe nos arreios, levanta as patas dianteiras e traseiras e depois monta novamente. Logo após, vem a apresentação do laço em que o ginete desprende o artefato preso nos arreios e, com o movimento do corpo e liberando a pressão das rédeas, faz o cavalo correr enquanto *reboleia* o artefato, ou seja, gira este de forma que se abra a armada. A próxima etapa da prova consiste em correr em direção ao alambrado e fazer o cavalo parar há poucos metros de distancia da cerca. A ultima etapa consiste em *esbarrar* que se refere a fazer o cavalo correr uma longa distancia e, em determinado momento, o domador puxa a rédea fazendo o cavalo, parar imediatamente, sentando o corpo com as patas traseiras. A cada etapa recebe-se uma nota dos avaliadores. Domador e cavalo tem de estarem em constante harmonia considerando que, a cada comunicação exercida, por meio dos artefatos e movimento corporal, pelo domador, o cavalo tem que responder, assim como o domador deve saber o que fazer diante de determinada atitude do cavalo.

3.5 - Narrativa fotográfica: A prova da “doma de 21 dias”









CONSIDERAÇÕES FINAIS



I - O artífice *domador*

Nesta etnografia descrevi a interação entre humanos e não humanos na doma de cavalos no pampa sul-rio-grandense, relação essa que inventa as diferentes técnicas presentes no trabalho da doma e das lides pastoris, assim como o mundo *campeiro*. (SENNETT, 2013). Apresentei o *domador* como um artífice que possui a habilidade das técnicas de ensinar cavalos, para atividades relacionadas aos trabalhos que envolvem a pecuária extensiva. Na descrição da *doma* foi apresentado que esta pratica é constituída de diferentes momentos em que se acionam determinados artefatos, estabelecendo uma relação em que o cavalo aprende formas de comunicação com o humano. É um processo de constante negociação entre humano e animal, mediada pelos artefatos. Os domadores usam a expressão “*buscar a volta do cavalo*” que significa levar em consideração a sua personalidade quando for lidar com ele. Tanto o humano quanto o cavalo são percebidos por meio da noção do trabalho como constituidor do “sujeito”. O jovem torna-se adulto através da lida, do trabalho, sendo esta quem o “*doma*”. O cavalo, antes considerado *potro*, ou seja, não iniciado, torna-se “sujeito” quando inicia a realização dos serviços de campo. Os domadores, embora tenham preferência por uma técnica em detrimento da outra levam em consideração a personalidade do cavalo que vai condicionar a utilização de determinado manejo da violência. Na relação estabelecida entre o domador e o cavalo que se aprende e constrói a técnica. Os praticantes se referem à doma como “*um livro*” em que para ensinar um cavalo é preciso aprender com ele. Cada *animal é único*, tem personalidade, e o domador tem que estudá-lo: “*Tu estuda ele e ele te dá as dicas*”. Muitos domadores, interlocutores deste trabalho, foram iniciados no ofício por meio de domadores mais velhos, no entanto eles percebem que também foram os cavalos que os ensinaram tanto no que se refere à técnica, quanto à vida.

O domador é um artífice que possui a “habilidade artesanal” (SENNETT, 2013) que significa a capacitação de alto grau em que a sua expansão é construída por meio da relação entre a solução de problemas e a detecção dos mesmos. A habilidade artesanal é a incorporação de um processo de conversão da informação e das praticas em conhecimento tácito. (Ibdem, 2013, p. 62). Nesse sentido, o modo de agir está implicitamente relacionado à educação corporal (MAUSS, 2003). O aprendiz se torna domador quando aprende a “andar a cavalo” que significa dizer

quando aperfeiçoada a atitude corporal na montaria. Por isso, o ser artífice se refere a o “cultivo de um estilo específico de vida”, não sendo um procedimento maquinal, mas uma “questão cultural” (SENNETT, 2013, p. 19). O domador se engaja de uma forma prática sendo sua atividade uma arte, ou seja, um trabalho voltado para a busca da qualidade. A maneira como aprendem se dá a partir da experiência adquirida por meio do engajamento com os artefatos, com os cavalos e com o ambiente. Nesse sentido, a habilidade artesanal, além do treinamento dos movimentos corporais que expande as capacitações, é o resultado de uma interação entre o humano e o não humano sendo um aprendizado a partir do encontro com o “outro”. Assim, a partir da vivencia com os campeiros e domadores aprendi que conhecimento não se refere a aquisição de “informações desincorporadas” da vivencia prática, mas no desenvolvimento de habilidades que são incorporadas por meio da percepção e ação (INGOLD, 2010).



REFERENCIAS

ABCCC. Disponível em:
<http://www.racacrioula.com.br/site/content/entidade/historia.php>. Acesso em: 19 de fevereiro de 2013.

BATISTA, Marilda. Ética e imagem em Antropologia: algumas considerações. In: VICTORA, Ceres et al. (Org.). **Antropologia e Ética: O debate atual no Brasil**. Niterói: EdUFF, 2004, P. 79 - 82.

BOOTH; COLOMB; WILLIAMS. Wayne C.; Gregory G.; Joseph H. **A arte da pesquisa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Diário de campo. In. **A antropologia como alegoria**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

CAIUBY NOVAES, Sylvia: Lévi-Strauss, razão e sensibilidade. IN: **Revista de Antropologia**, vol. 42 nos. 1 e 2. 1999. (ps. 67-77).

CORRÊA, André do Nascimento. Roceiros, campeiros e domadores: o ofício do trabalho escravo na Vila de Caçapava (1831-1839). **Revista Latino-Americana de História**, Vol. 1, nº. 3 – Março de 2012.

CUCHE, Denis. A invenção do conceito de cultura. In:_____. **A noção cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 2002, p. 33 – 63.

DARWIN. Charles. **Viagem de um naturalista ao redor do mundo**. Rio de Janeiro: Editora Cia. Brasil, 1937.

DOMINGUES, Alfredo José Porto; JABLONSKY, Tibor. Gaúcho na estância em Santa Maria (imagem), 1955. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br>.

EVANS-PRITCHARD, E.E. **Os Nuer: Uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo Nilota**. São Paulo: Editora perspectiva, 2002.

FAVRET-SAADA, Jeanne. 'Ser afetado'. **Cadernos de Campo**, n. 13, 2005.

FERREIRA, Jussemar Weiss; GONÇALVES; Leticia de Faria. O pampa, o cavalo, a pedra e o trabalho. In: **IX REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DO MERCOSUL**. 10 a 13 de Julho de 2011, Curitiba.

FREIRE, Marcius ; LOURDOU, Philippe. Introdução. IN: **Descrever o visível**. Cinema documentário e antropologia fílmica. São Paulo: estação Liberdade, 2009. PP. 9-22.

FREITAS, Décio. O capitalismo pastoril. **Ensaio FEE**, Porto alegre, (14) 2, p. 438, 465, 1993.

GALENO LOPES, Cícero. Transnação. Traços identitários transnacionais na cultura dos gaúchos. In: BERND, Zilá (org.) **Dicionário das Mobilidades Culturais: percursos americanos**. Porto Alegre: Literalis, 2010.

GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa: Por uma teoria interpretativa da cultura. In: **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 2008. pag. 05 – 21.

GEIGER, Pedro Pinchas; JABLONSKY, Tibor, Gaúcho (1959). Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br>.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Teorias Antropológicas e objetos materiais. In: **Antropologia dos objetos: coleções, museus e patrimônios**. Rio de Janeiro: IPHAN, 2007, p. 14-42.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos; BITAR, Nina Pinheiro; GUIMARÃES, Roberta Sampaio. **A alma das coisas: Patrimônio, materialidade e ressonância**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2013.

GONÇALVES, Marco Antônio. Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens. In: GONÇALVES, Marco Antônio; MARQUES, Roberto; CARDOSO, Vânia Z. (Org.). **Etnobiografia: subjetivação e etnografia**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

GURAN, M. "Fotografia e pesquisa antropológica", in : **Caderno de Textos – Antropologia Visual**, Rio de Janeiro: Museu do Índio, , 1986. PP 66-69.

GURAN, Milton. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. Diálogos antropológicos. Dossiê 1 – Imagem. **Anais do GT 26: Antropologia visual e de imagem**. II reunião de antropologia do MERCOSUL. Novembro 1999, Piriápolis, Uruguai, p. 11-14.

HARTMANN, Luciana. **Gesto, Palavra e Memória**: performances narrativas de contadores de causos. Florianópolis, Ed. da UFSC, 2011.

HOEBEL, E. Adamson. A natureza da cultura. In: SHAPIRO, Harry L. Org. **Homem, cultura e sociedade**. Editora Fundo de cultura: Brasil-Portugal, Rio de Janeiro, 1996, p 208 – 222.

HOWES NETO, Guilherme. **De bota e bombacha**: Um estudo antropológico sobre identidades gaúchas e o tradicionalismo. 2009, 134 f, dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Centro de Ciências Sociais e Humanas, UFSM, Santa Maria.

IPHAN. Disponível em:
<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginaIphan>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2013.

INGOLD, Tim. The Architect and the Bee: Reflections on the Work of Animals and Men. **Man, New Series**, Vol. 18, No. 1, p. 1-20, Mar., 1983.

_____. Humanidade e animalidade. **Revista brasileira de ciências sociais**. Junho de 1995.

_____. Da transmissão de representações à educação da atenção. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 6-25, jan./abr. 2010.

_____. Trazendo as coisas de volta à vida: Emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n.37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

JABLONSKY, Tibor; RUSSO, José de Matos. Gaúcho e gado (1955). Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br>.

JABLONSKY, Tibor; VALVERDE, Orlando. Gaúcho na região de Bagé (1955). Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br>.

JACQUES. Bayard Bretanha. **Registros da eficiência da equitação gaúcha**: Primeiros escritos. Jaguarão: Autor, 2008.

JACQUES, João Cezimbra. **Assuntos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Oficinas Gráficas da Escola de Engenharia, 1912.

KIDDER, Daniel P. [1815 – 1891]. **Reminiscências de viagens e permanências nas províncias do sul do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.

KOURI, Mauro Guilherme Pinheiro. Imagem e narrativa ou, existe um discurso da imagem? **Horizontes antropológicos**, porto Alegre, ano 5, n. 12, p. 59- 68, dezembro de 1999.

KUPER, Adam. Cultura e Civilização: Intelectuais franceses, alemães e ingleses, 1930-1958. In:_____. **Cultura: a visão dos antropólogos**. Bauru, SP: EDUSC, 2002, p. 45 – 102.

LAPLANTINE, François. Marcos para uma história do pensamento antropológico. In:_____. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2003, p. 23-72.

LATOURETTE, Bruno. **Jamais fomos modernos**: Ensaio de antropologia simétrica. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

_____. **Reagregando o Social**: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Trad. Gilson César Cardoso de Sousa. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012, 399p.

LEAL, Ondina Fachel. **The Gaúchos**: male culture and identity in the Pampas. Berkeley: University of California (USA), 1989. (Tese de Doutorado).

_____. Honra, morte e masculinidade na cultura gaúcha. In: **Ensaio de antropologia social**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 1992, p. 141 – 150.

_____. Do etnografado ao etnografável: O “Sul” como área cultural. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 3, nº 7, p. 201 – 214, outubro de 1997.

LESTON JR, Odilon. Breves considerações sobre a pecuária no Estado do Rio Grande do Sul. IN: RIETH, Flávia ; KOSBY, Marília; SILVA, Liza Bilhalva da; RODRIGUES, Marta Bonow; DOBKE, Pablo; LIMA, Daniel Vaz . **Inventário Nacional de Referências Culturais**: Lidas Campeiras na Região de Bagé, RS (volume 3). 1. ed. Arroio Grande: Complexo Criativo Flor de Tuna, 2013. v. 1. 356p.

LIMA, Daniel Vaz. **O campeiro e o cavalo na doma**: Um estudo etnográfico sobre a relação entre humanos e animais no pampa Sul-Rio-Grandense. 2013, 46f, Monografia (Bacharelado em Ciências sociais), IFSP, UFPel, Pelotas.

LIMA, Daniel Vaz; BARRETO, Eric. O modo de vida campeiro no pampa sul-rio-grandense. **Anais do IV EICS** - Encontro Internacional de Ciências Sociais [recurso eletrônico] : espaços públicos, identidades e diferenças, de 18 a 21 de novembro de 2014, Pelotas.

LITTLE, Paul E. Etnodesenvolvimento local: autonomia cultural na era do neoliberalismo global. **Tellus**, ano 2, n.3, p. 33 – 52, out. 2002.

MAESTRI, Mario. O cativo, o gaúcho e o peão: Considerações sobre a fazenda pastoril rio-grandense (1680 – 1964). In:_____. **O Negro e o Gaúcho**: estâncias e fazendas no Rio Grande do Sul, Uruguai e Brasil. Passo fundo: Ed. Universidade de Passo Fundo, 2008, p. 169 – 271.

MALINOWSKI, Bronislaw. Introdução. In:_____. **Argonautas do Pacífico ocidental**: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos

arquipélagos da Nova Guiné melanésia. São Paulo: Abril Cultural (Os Pensadores), 1978, p. 17 – 38.

MARTINS, Cyro. *Porteira fechada*. 10 ed. Porto Alegre: Movimento, 1993. MAUSS, Marcel. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MATOS, Liziane Gonçalves de. **Quando a “ajuda é animalitária”**: Um estudo antropológico sobre as sensibilidades e moralidades envolvidas no cuidado e proteção dos animais abandonados a partir de Porto Alegre/RS. 2012, 125f, Tese (Mestrado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **O Pampa**. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/biomas/pampa>. Acesso: 09 de março de 2014.

MORGAN, Lewis Henri. *A sociedade antiga*. In: CASTRO, Celso. Org. **Evolucionismo cultural**: Textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR, 2005, p. 43-64.

NASCIMENTO, Joelma Batista do. *Domesticação de animais para produção: repensando a fronteira natureza e cultura*. **Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia**, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN”.

NUNES, Zeno Cardoso. NUNES, Rui Cardoso Nunes. **Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livreiro Ed, 1996, 552f.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever*. In: **O trabalho do antropólogo**. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

PASTORI, Érica Onzi. **Perto ou longe do coração selvagem**: Um estudo etnográfico sobre animais de estimação em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. 2012, 106f. Tese (Mestrado em Antropologia Social), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PIAULT, Marc Henri. *A antropologia e a passagem à imagem*. IN: **“Cadernos de Antropologia e Imagem”**. n. 1. Rio de Janeiro, UERJ, 1995, pp 23-30.

_____. *Real e ficção: onde está o problema?* IN: KOURI, Mauro G. P. **Imagem e Memória**. Ensaios em Antropologia Visual. Rio de Janeiro: Garamond, 2001. (PP. 151-171).

PETONNET, Colette. *A observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense*. **Antropolítica**, Niterói, n.25, p.99 -111, 2008.

PRIMO, Armando Teixeira. **América**: Conquista e colonização. Porto Alegre: Movimento, 2004.

REICHEL, Heloisa Jochims. Fronteiras no Espaço Platino. In: **História Geral do Rio Grande do Sul**: Colônia. Passo Fundo: Méritos, 2006, p. 43 – 63.

RESENDE, Claudia B.; COELHO, Maria Claudia. Antropologia das emoções. Rio de Janeiro: Editora FVG, 2010.

REVERBEL, Carlos. O Cavalo. In: _____. **O Gaúcho**: Aspectos de sua formação no Rio Grande e no Rio da Prata. Porto Alegre: L&PM, 1986, pag. 27 – 42.

RIBEIRO, José Iran. “Tudo isso é indiada coronilha (...) Não é como essa cuscada lá da corte”: O serviço Militar na cavalaria e a afirmação da identidade rio-grandense durante a guerra dos farrapos. In. POSSAMAI, Paulo César. **Gente de guerra e fronteira**: estudos de história militar do Rio Grande do Sul. Pelotas: Ed. da UFPel, 2010, p. 111 – 128.

RIETH, Flávia ; KOSBY, Marília; SILVA, Liza Bilhalva da; RODRIGUES, Marta Bonow; DOBKE, Pablo; LIMA, Daniel Vaz. **Inventário Nacional de Referências Culturais**: Lidas Campeiras na Região de Bagé, RS (volume 3). 1. ed. Arroio Grande: Complexo Criativo Flor de Tuna, 2013. v. 1. 356p.

RIETH, Flávia ; RODRIGUES, Marta Bonow; SILVA, Liza Bilhalva da. AS LIDAS CAMPEIRAS NA REGIÃO DE BAGÉ/RS: sobre as relações entre homens, mulheres, animais e objetos na invenção da cultura campeira. **Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia**, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN.

SAHLINS, Marshall. A Sociedade Ocidental enquanto cultura. In: **Cultura e Razão Prática**: La pense Bourgeoise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p.185 – 199.

SAMAIN, Etienne. Balinese Character (Re) Visitado. Uma introdução à obra visual de Gregory Bateson e Margaret Mead. IN: ALVES, André. **Os Argonautas do Mangue**. Ed. Unicamp, 2004, p.49-66.

SAUTCHUK, Carlos Emanuel. Ciência e técnica. In. **Horizontes das Ciências Sociais no Brasil**: Antropologia. São Paulo, ANPOCS, 2010.

SEGATA, Jean. O que faz um animal de estimação na antropologia? **Revista novos debates**, vol. 1, n. 2.

SENNETT, Richard. **O artífice**. Rio de Janeiro: Record, 2013. SCLiar, Moacir. **O centauro no jardim**. Porto Alegre: L & PM, 1983.

SCHUWANZ, Angélica Kohls; ZANIRATO, Sílvia Helena. **Transformação da paisagem no pampa gaúcho e a constituição da memória**. Disponível em: http://www.dge.uem.br/semana/eixo8/trabalho_33.pdf. Acesso em 05/01/2014.

SILVA, Liza Bilhalva Martins da. **Entre lidas**: Um estudo de masculinidades e trabalho campeiro na cidade.. Trabalho de conclusão de curso (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia – Mestrado (PPGA). Universidade Federal de Pelotas (UFPel), 2014.

SILVEIRA, Pedro Castelo Branco. Conhecimentos científicos, conhecimentos locais e hibridismo: Por uma etnografia simétrica da paisagem. **Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar**, v.3, n.1, jan.-jun., p.212- 235, 2011.

SIMÕES, Soraya Silveira. Observação flutuante: uma observação “desendereçada”. **Antropolítica, Niterói**, n.25, p.193 - 196, 2008.

STEIL, Carlos Alberto; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Diferentes aportes no âmbito da antropologia fenomenológica: Dialogo com Tim Ingold. In: _____ (org.). **Cultura, percepção e ambiente**: Diálogos com Tim Ingold. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação as plantas e os animais (1500 – 1800). São Paulo: Companhia das letras, 1996.

TRAPP, Rafael Petry. O negrinho do pastoreio e a escravidão no Rio Grande do Sul: Historicidade e identidade. **Oficina do Historiador**, Porto Alegre, EDIPUCRS, v.3, n.2, agosto-2011, p. 45 – 59.

VANDER VELDEN, Felipe Ferreira. Rebanhos em aldeias: Investigando a introdução de animais domesticados e formas de criação animal em povos indígenas na Amazônia (Rondônia). **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 5, n. 1, p. 129-158, jan./jun. 2011.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: _____ **Individualismo e cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986, p. 123 – 132.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

WEBER, Max. **Ciência e política**: Duas vocações. São Paulo: Editora Martin Claret, 2006.

ZARTH, Paulo Afonso; GERHARDT, Marcos. Uma história ambiental do Pampa do Rio Grande do Sul. In: TEIXEIRA FILHO, Althen (org.). **Lavouras de Destruição**: a (im)posição do consenso. Pelotas, RS: 2009. p.249-295.

ZARRILLI, Humberto - La leyenda del ceibo y del churrinche. **El Grillo**, revista escolar del Consejo de Educación Primaria y Normal, N° 1 marzo de 1950. Disponível em: <http://www.chasque.net/vecinet/ceibo.htm>. Acesso em: 03.03.2014.



ANEXO I

GLOSSÁRIO

Arreios – Conjunto de peças de couro para montaria. Há variações dos arreios conforme sua utilização, porém os itens básicos, utilizados para montaria, serão descritos de acordo com observação e entrevista. Os arreios estão dispostos na seguinte ordem de sobreposição, mais comumente usadas para as lidas campeiras: xergão - carona, - basto/sela/serigote - cinchão (ou cincha) e barrigueira – pelegos – badana (nem sempre é usada) – cincha (ou sobrecincha) e barrigueira. Fazem parte do conjunto, ainda, os estribos, a cabeçada com freio e rédeas e o bucal com cabresto (opcional). Pode-se considerar parte do conjunto, ainda, o rebenque/mango/relho. Os arreios podem sofrer variação, porém os relacionados acima são os mais comumente utilizados na região.

Apartar – Escolher e separar animais que se encontram juntos.

Aperos de montaria – O mesmo que arreios.

Baguais – Cavalos não domados ou em processo de doma.

Baixeiro – Manta de lã, integrante dos arreios. É a primeira peça que se coloca no lombo do cavalo. Também chamada de xergão.

Brasino – Pelagem de animal vacum que é vermelha com listras pretas. **Bridão** - embocadura de ferro, metal, madeira, borracha que se compõem de barra, parte que vai dentro da boca, ligada por articulações. O bridão é seguro pela cabeçada que é uma peça de couro, ligada através da argola, que cinge a cabeça do cavalo passando por trás das orelhas. O bridão exerce uma pressão na boca do cavalo, que é menor do que a do freio, fazendo obedecer aos comandos do cavaleiro.

Buçal – Peça dos arreios colocada na cabeça e pescoço dos cavalos. Composta pelas seguintes partes: Cabeçada, focinheira, fiador e cedeira.

Cabeçada e rédeas – A cabeçada é um artefato em couro que envolve a cabeça do animal com o objetivo de manter o freio na boca do cavalo. A cabeçada pode ser de couro liso, quase bidimensional, de largura variável, ou trançada, com vários tentos (finas tiras de couro). As rédeas são presas nas “pernas” do freio. As rédeas são

tiras de couro compridas (podem ser lisas, bidimensionais) ou trançadas, com as mais diversas tranças. As rédeas podem ter a espessura de um pouco menos de um dedo (quando trançadas) até quase dois dedos de largura, em geral lisas, de couro chato e cru (quase bidimensionais). Têm, em torno de 2 metros de comprimento, mas essa medida pode ser variada.

Cancha-reta – Lugar plano com duas ou três trilhas que é utilizado para a corrida de cavalos.

Carnear - Sacrificar animal bovino ou ovino para o consumo.

Carona – Peça dos arreios colocada entre o xergão e o lombilho. É utilizada para minimizar o impacto dos arreios sobrepostos no animal.

Cavalete – Artefato de madeira para colocar os arreios.

Chimarrão – Erva-mate (*illex paraguariensis*) colocada dentro de um recipiente em que se coloca água quente a qual se bebe por meio de um tubo metálico, chamado de *bomba*.

Cincerro - Espécie de sineta que se pendura no pescoço da égua-madrinha. Os animais se acostumam com o som deste e se mantêm reunidos em volta desta.

Cincha ou sobrecincha – Peça que compõe os arreios. Serve para firmar o lombilho sobre o lombo do cavalo. Também é na cincha que fica o cinchador sendo uma peça de couro ou ferro colocado no lado direito onde se prende o laço.

Cochos – Recipiente que serve para dar ração aos cavalos.

Corcovear – Quando o cavalo começa a dar saltos, curvando o lombo para derrubar o cavaleiro.

Corredor – Estrada plana e reta.

Costear – Quando se realiza um trajeto perto de algo (rio, alambrado).

Culatreiro – Cavalo que vai na culatra, na retaguarda da tropilha.

Encilha – O mesmo que arreios.

Encilhar – Colocar os arreios no cavalo.

Esporas – Apesar de serem usadas nos pés do cavaleiro, é parte da monta, portanto é apresentada juntamente com os arreios. É um artefato tridimensional e consiste de uma armação de metal (em geral ferro) em forma de “U”. Na sua volta externa (volta do “U”), uma “roseta” se encontra acoplada à armação, por meio de uma extensão (“papagaio” – de 3 a 4cm ou mais) do próprio metal. A

parte interna da volta do “U” fica encaixada no calcanhar da pessoa que usa a espora; Uma corrente de metal ou o tento de couro faz um outro “U” que é acoplado por baixo do pé, firmando a espora no taco (salto) da bota do campeiro. Tentos de couro são utilizados fazendo voltas pela frente do pé, passando pela extensão de metal onde se encontra a “roseta”, com o objetivo de evitar que a espora se solte do pé. A “roseta” é um artefato de metal (em geral ferro ou latão) quase bidimensional, circular, achatado, de 2cm de diâmetro ou mais, com pontas agudas em toda a sua volta (pontas também variam de tamanho e de quantidade, de acordo com o tamanho da roseta). As esporas são utilizadas nos calcanhares dos trabalhadores campeiros, entretanto são entendidas como parte dos arreios e não do vestuário, pois atuam auxiliando no controle dos cavalos que estão sendo montados pelos peões.

Estribos - Os estribos têm formato variado, porém parece-se com argolas grandes, com a porção inferior, onde o cavaleiro apoiará o pé, podendo ser de formato achatado ou arredondado. São feitas de metal (ferro, inox) e são postos nas laterais do cavalo, para o cavaleiro calçar o pé e firmar-se quando está montando o cavalo. Cada estribo fica de um lado do cavalo e seu comprimento de uso depende do comprimento das pernas do cavaleiro

Ficar cru – Se refere aos cavalos que ficam mal domados.

Fiador – Parte do buçal que cinge o pescoço do cavalo.

Freio – Embocadura de ferro, metal, madeira, borracha que se compõem de barra, parte que vai dentro da boca, sem articulações. Compõem-se da barbela que é uma corrente presa as argolas do freio que cruza por trás da queixada, e da cabeçada que é uma peça de couro, também presa as argolas, que cinge a cabeça do cavalo passando por trás das orelhas e que segura o freio na boca do cavalo. O freio exerce uma pressão na boca do cavalo fazendo obedecer aos comandos do cavaleiro.

Galope – Significa cada montada que se dá no potro que esta sendo domado (primeiro galope, segundo galope, etc.).

Laço – Corda trançada, feita de couro, nylon ou outros materiais, com uma argola de metal em uma das extremidades. A outra extremidade passa por dentro da argola, formando um anel com acorda, que é girada no ar, jogada sobre o animal, e esticada quando enlaçando este, até derrubá-lo. O laço é um

instrumento manual, que pode ser usado pelo campeiro montando cavalo, bem como, no chão, quando em espaços cercados.

Laçar – Prender o animal com o laço.

Lombilho – Espécie de sela.

Maneia – Peça constituída por dois pedaços de couro, ligados por uma argola, que tem a função de prender as patas do cavalo para este não fugir.

Manear – Colocar a maneia nas patas do cavalo.

Mangueira – Curral de pedra ou madeira que serve para prender os animais.

Novilho – Vacum novo castrado.

Palanque – Tronco de madeira com 3,5m de altura em que 1,5 ficam enterrados no chão.

Passo – Lugar no rio ou arroio utilizado por humanos e animais como lugar para atravessar de um lado para o outro.

Pelego – Peça feita de pele e lã de ovinos com formato retangular que fica em cima do lombilho e serve para tornar macio o assento do cavaleiro.

Petiço – Cavalo pequeno, curto, baixo.

Picada – Caminho que se faz no mato para trânsito.

Posteiro – “Agregado de estância que mora geralmente nos limites do campo, o qual é incumbido de zelar pelas cercas, cuidar do gado, não permitir a invasão de estranhos, ajudar nos rodeios e executar outras tarefas.” (NUNES et al, 1996, p. 392).

Potro – Cavalo, geralmente novo, ainda xucro.

Redomão – Cavalo em processo de doma estando nos primeiros estágios e manso somente de bocal onde a próxima etapa seria amansar de freio.

Redomonear – Tornar o potro redomão.

Refugar – Voltar para trás, fugir.

Relho ou Rebenque– Espécie de chicote com cabo de madeira e açoiteira de couro.

Rodeio – “Lugar no campo de uma estância onde habitualmente se reúne o gado para contar, apartar, examinar, marcar, assinalar, castrar, vacinar, dar sal, curar bicheiras, etc.” (NUNES et al, 1996, p. 434).

Sanga - Pequeno curso d'água.

Sovar – Amaciar o couro tornando-o flexível para trabalhá-lo. Também pode ser entendido como treinar, exercitar, ensinar o cavalo no processo de doma.

Terneiro – Vacum novo e castrado.

Tirador – Avental de couro macio que se usa pendente na cintura para proteger a roupa e o corpo.

Tirão – Puxão brusco, golpe inesperado que se dá no animal através do cabresto. Afirmar nos tirões significa segurar firme nos puxões bruscos do cavalo xucro tentado fugir.

Tirar as coscas – O mesmo que tirar as cócegas. Significa acostumar o cavalo ao toque do cavaleiro, aos arreios, acostumar este a ser manejado pelos artefatos de montaria e pelo manejo do domador.

Tordilho – Cavalo de pelagem branca salpicada de pequenas manchas negras.

Velhaquear - Quando o cavalo começa a se rebelar, corcovear. **Velhaco** – Cavalo que corcoveia, rebelde, que não aceita a doma. **Xergão** – O mesmo que baixeiro.

Xucro – Cavalo que ainda não teve contato com os humanos. Também pode se referir ao animal ainda não domado.

Anexo II – Artefatos para a montaria

